UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

Isabel Crisitna Contro Castaldo

Las relativas especificativas en el español y en el portugués brasileño: al fin y al cabo ¿qué estrategias de relativización prefieren los hablantes nativos del español y no nativos brasileños aprendices de español como lengua extranjera?

Versão corrigida

SÃO PAULO

2019

Las relativas especificativas en el español y en el portugués brasileño: al fin y al cabo ¿qué estrategias de relativización prefieren los hablantes nativos del español y no nativos brasileños aprendices de español como lengua extranjera?

Versão corrigida

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Neide T. Maia González

Coorientadora: Prof^a Dr^a Juana Muñoz Liceras (*University of Ottawa e
Universidad Nebrija*)

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

CC3461	Castaldo, Isabel Cristina Contro Castaldo Las relativas especificativas en el español y en el portugués brasileño: al fin y al cabo ¿qué estrategias de relativización prefieren los hablantes nativos del español y no nativos brasileños aprendices de español como lengua extranjera? / Isabel Cristina Contro Castaldo Castaldo ; Orientador Neide Therezinha Maia González González.- São Paulo, 2019. 227 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. 1. CH791.5 - LINGÜÍSTICA APLICADA. 2. CH792.7.6- LÍNGUA PORTUGUESA. 3. CH792.7.1 LÍNGUA ESPANHOLA. 4. CH791.5.2 - ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA. I. González, Neide Therezinha Maia González, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE F FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a) e coorientador(a)

Nome do (a) aluno (a): Isabel Cristina Contro Castaldo

Data da defesa: 29/11/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Neide Therezinha Maia González

Nome do Prof.(a) coorientador(a): Juana Muñoz Liceras

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/01/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

(Assinatura do (a) coorientador (a))

Aos meus amores, Rogério e Sophia.

AGRADECIMENTOS

Durante os anos que me dediquei ao doutorado foram muitas as pessoas que, de uma forma ou outra, me ajudaram e desejo agradecer-lhes publicamente.

Neide Maia González, orientadora querida e profissional espetacular, ainda que não haja, e nunca haverá, um agradecimento à altura, agradeço imensamente por, em 2010, me aprovar para ser sua orientanda no mestrado. Hoje, 9 anos depois, completamos uma jornada e tanto com o término do doutorado. Agradeço também por todos os seus ensinamentos, extraordinária dedicação, empenho, e, sobretudo, pelo carinho, incentivo e generosidade. Você é uma pessoa maravilhosa.

Juana Licerias, sinceramente, no hay palabras que expresen mi gratitud por todo lo que has hecho. Si en el mundo académico eres una eminencia con un trabajo excelente, muchísimo más lo eres en el ámbito personal. Juana, eres brillante. Fue un honor para mí tenerte como codirectora de tesis. ¡Muchas gracias por todo! Agradezco, también, a tu familia por recibir tan bien a tus estudiantes. A Vicente (in memoriam) por todas las conversaciones sobre política y sobre la vida y por hacer con que mi estancia en Ottawa fuera aún mejor.

Rô, meu companheiro, que desde a graduação apoia as minhas empreitadas acadêmicas com paciência, apoio e incentivo, meu mais amoroso e intenso, obrigada! Sem o seu apoio eu não teria terminado essa jornada. Nono e Nona da Sophia, vocês merecem um troféu, incansavelmente estiveram ao meu lado em todas as minhas aventuras. Portanto, no doutorado, não poderia ter sido diferente. Vocês são maravilhosos! Muito obrigada! À vovó Toninha, à tia Cidinha e à tia Flá que cuidam da Sophia com tanto carinho, vai um agradecimento mais que especial. O apoio de vocês foi imprescindível no período final da tese.

Etel Gutiérrez Bottaro, obrigada pelo incentivo e apoio desde a época da graduação. Agradeço, também, as conversas e o carinho. *¡Gracias por todo!* Mirta Groppi, agradeço pelas sugestões bibliográficas e importantes comentários que muito contribuíram na elaboração da minha tese. Agradeço, também, pela

disponibilidade para esclarecer minhas inúmeras dúvidas. Adrián Fanjul, *gracias* por todos os comentários que sempre me fizeram repensar, reelaborar, buscar respostas e que de uma forma ou outra sempre contribuíram com a minha pesquisa.

Obrigada também aos amigos que Ottawa me presenteou. *Griselda, gracias por haberme recibido tan bien en tu piso, por la amistad, por el apoyo, por tu generosidad y por todo lo que he aprendido contigo sobre Canadá y México. Cristina, increíblemente, sentía tu apoyo aunque estabas en Kelowna y yo en Ottawa. ¿Cómo es posible? ¡Gracias por todo! Estela, mi compañera de cada día en la universidad y una amistad para toda la vida. ¡Mujer, muchísimas gracias! Raquel Llama, te admiro, eres valiente y muy amiga. Gracias por el cariño y por la comprensión.* Obrigada a todos por contribuírem para que meu período de estágio em Ottawa fosse tão especial.

A todos os meus amigos, que com carinho e em forma de apoio, perguntavam “e a tese?” “falta muito?”, muito obrigada pela amizade e, especialmente, por entenderem todas as minhas ausências. A todos os meus amigos da USP, *¡muchas gracias!* Karina, Suemi e Fernana, meninas, o apoio de vocês foi maravilhoso! Tania, você foi o presente que o Mackenzie me deu. *Bando*, como posso agradecer por tantas conversas, planos e risadas? Helô, a você um eterno muito obrigada pelas palavras de carinho e pela compreensão. *Marta, a ti te agradezco por la amistad, por todas las conversaciones por Skype, WhatsApp y personalmente, tanto de mi lado como de tu lado del charco, también por el incentivo, por el ánimo y por aclararme tantas cosas de tu lengua y cultura. ¡Muchas gracias!* Agradeço a todos vocês por fazerem parte da minha vida.

Por último agradeço à CAPES pela bolsa PDSE (Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior) que me permitiu fazer o estagio na universidade de Ottawa e ao CNPQ pela bolsa concedida no período final de elaboração da tese.

RESUMEN

CASTALDO, I. C. C. Las relativas especificativas en el español y en el portugués brasileño: al fin y al cabo ¿qué estrategias de relativización prefieren los hablantes nativos del español y no nativos brasileños aprendices de español como lengua extranjera? Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Este trabajo tiene como objetivo investigar las preferencias con relación a las estrategias de relativización en el español (ESP) y en el portugués de Brasil (PB) por brasileños adultos que tienen el ESP como lengua extranjera (LE) y observar si hay una eventual influencia de la lengua 1 (L1), en este caso el PB, en las preferencias en LE y qué papel cumple esa influencia. Para alcanzar este objetivo, hicimos, primeramente, un estudio comparado entre las estrategias de relativización presentes en el PB y en el ESP. En ese estudio, observamos especialmente las relativas del tipo estándar, con hueco y con preposición, las *pied-piping*, y a las relativas del tipo estándar con hueco sin preposición, además de las relativas del tipo no estándar con pronombres reasuntivos (BRUCART, 1999) y *cortadoras* (TARALLO, 1993), típicas del PB, y logramos constatar que, aunque el PB y el ESP poseen estrategias de formación de relativas semejantes, el uso de las relativas especificativas, que se clasifican habitualmente como no estándares, es diferente. Para observar las consecuencias que una posible influencia de la L1 podría ocasionar en la lengua no nativa de estudiantes brasileños aprendices de ESP como LE, aplicamos y, posteriormente, analizamos una prueba piloto y más cuatro pruebas experimentales, todas *off-line*, dos de ellas de aceptabilidad, una de elección múltiple y una de elección forzosa. La última prueba tuvo el objetivo de analizar y cuestionar las relativas consideradas estándar en el PB actual. Las contribuciones que aporta este trabajo son las siguientes: ofrece datos significativos para los estudios descriptivos y comparados del ESP y del PB, no como objetos fijos, que no se

transforman, sino como lenguas que presentan determinados cambios por diversas circunstancias que la teoría lingüística nos ayuda a determinar cuáles son; observa cuestiones importantes sobre las formas de clasificación de las relativas, una determinación de estándar y no estándar que no siempre considera lo que efectivamente ocurre en las lenguas, en diferentes circunstancias y por parte de una diversidad muy grande de hablantes, pero que ejerce una evidente presión sobre sus juicios a respecto de lo que se puede o no aceptar en ellas. Queda claro también que todo eso puede traer efectos importantes para la didáctica y para la formación de profesores, tanto del ESP como del PB, sea como LM/L1 o como L2/LE.

Palabras clave: relativas en portugués brasileño, relativas en español, relativas estándar, relativas no estándar, relativas con hueco, relativas *pied-piping*, relativas con reasuntivo, relativas *cortadoras*.

ABSTRACT

CASTALDO, I. C. C. The restrictive relative clauses in Spanish and in Brazilian Portuguese: after all, which relativization strategies do Spanish native speakers and non-native Brazilian speakers who learn Spanish as a second language prefer?

The aim of this study is to investigate the preferences of different relativization strategies in Spanish and in Brazilian Portuguese by Brazilian adults who have Spanish as a second language (L2). Additionally, this study investigates if there is any first language (L1 – Brazilian Portuguese, in this case) influence in the L2 and the role that this influence plays. In order to carry out this investigation, we have made a comparative study about the relativization strategies in Spanish and in Brazilian Portuguese. We have focused our investigation in the oblique relative clauses, the direct object relative clauses, the resumptive relative clauses and the *cortadoras* relative clauses (TARALLO, 1993), typical in Brazilian Portuguese relative clauses. We have observed that even though Spanish and Brazilian Portuguese have similar strategies, the use and preferences of restrictive relative clauses, also called standard relative clauses are not similar. In order to observe the consequences that a possible L1 influence could have in a non-native language, in this case, Spanish as a second language to Brazilian students, we applied and afterwards analyzed a pilot experiment and 4 tasks more, all of them off-line, being 2 of them of Acceptability Judgment, 1 of them with Multiple Choice and 1 of them with Forced Choice. The last one was focused on analyzing and questioning only the relative clauses in standard Brazilian Portuguese nowadays. This investigation is important to descriptive issues of Spanish and Brazilian Portuguese not as fixed objects that don't transform themselves, but as languages that show some specific changes due to varied circumstances which linguistic theory helps us determine. This thesis also analyzes important issues about relative clauses classification as standard and non-standard, which don't consider what really occurs in both languages, in different circumstances and diversity of speakers. However, these circumstances pressure speakers about what is acceptable or not in relative clauses. It's also clear that this investigation can have positive effects on didactics and teacher training in both languages as L1 and L2.

Key words: relative clauses in Brazilian Portuguese, relative clauses in Spanish, standard relative clauses, non-standard relative clauses, pied-piping, resumptive, *cortadoras*.

RESUMO

CASTALDO, I. C. C. As relativas restritivas no espanhol e no português brasileiro: afinal, que estratégias de relativização preferem os falantes nativos do espanhol e não nativos brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira? Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Este trabalho teve como objetivo investigar as preferências em relação às estratégias de relativização em espanhol (ESP) e no português do Brasil (PB) por brasileiros adultos que têm o ESP como língua estrangeira (LE) e observar se há uma eventual influência da língua 1 (L1), neste caso o PB, nas preferências em LE e que papel cumpre essa influência. Para tanto, fizemos, primeiramente, um estudo comparado entre as estratégias de relativização presentes no PB e no ESP. Nesse estudo, demos especial atenção às relativas do tipo padrão com lacuna e com preposição, *pied-piping*, e com lacuna sem preposição e às relativas do tipo não padrão de resumptivo (BRUCART, 1999) e as chamadas relativas *cortadoras* (TARALLO, 1993), típicas do português brasileiro (PB) e conseguimos constatar que, ainda que o PB e o ESP tenham estratégias de formação de relativas semelhantes, o uso das relativas restritivas classificadas habitualmente como não padrão é diferente. Para observar as consequências que uma possível influência da L1 poderia ocasionar na língua não nativa de estudantes brasileiros aprendizes de ESP como LE, aplicamos e, posteriormente, analisamos uma prova piloto e mais quatro provas experimentais, todas elas *off-line*, sendo duas de aceitabilidade, uma de múltipla escolha e uma de escolha forçada. Esta última teve como objetivo analisar e questionar as construções relativas consideradas padrão no PB atual. As contribuições deste trabalho são: oferece dados significativos para o estudo descritivo do ESP e do PB, não como objetos estanques, mas sim como línguas

que apresentam mudanças determinadas por diversas circunstâncias que a teoria linguística nos ajuda a determinar quais são, observa questões importantes sobre as formas de classificação das relativas, uma determinação de padrão e não padrão que nem sempre leva em consideração o que efetivamente ocorre nas línguas, em diferentes circunstâncias e por uma diversidade muito grande de falantes, mas que exerce uma evidente pressão sobre seus juízos a respeito do que se pode ou não aceitar nelas. Fica claro também que tudo isso pode trazer efeitos importantes para a didática e para a formação de professores, tanto do ESP como do PB, seja como LM/L1 ou como L2/LE.

Palavras-chave: relativas no português brasileiro, relativas no espanhol, relativas padrão, relativas não padrão, relativas com lacuna, relativas *pied-piping*, relativas com resumptivo, relativas *cortadoras*.

ABREVIATURAS Y SIGLAS

ESP	–	español
ESPL1	–	español como lengua primera
PBL1	–	portugués brasileño como lengua primera
GU	–	gramática universal
LarLab	–	<i>Language Acquisition Research Laboratory</i>
L1	–	lengua primera
L2	–	lengua segunda
LE	–	lengua extranjera
OD	–	objeto directo
OI	–	objeto indirecto
OP	–	objeto de preposición
PB	–	portugués de Brasil o portugués brasileño
PP	–	<i>prepositional phrase</i>
QU	–	palabra QU (pronombre relativo o interrogativo)
SU	–	sujeto
SN	–	sintagma nominal

GRÁFICOS

GRÁFICO 1: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [+DEFINIDO]	157
GRÁFICO 2: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	158
GRÁFICO 3: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [-DEFINIDO].	159
GRÁFICO 4: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [-DEFINIDO].	160
GRÁFICO 5: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [+DEFINIDO]	161
GRÁFICO 6: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	162
GRÁFICO 7: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [-DEFINIDO].	163
GRÁFICO 8: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [-DEFINIDO] EN EL TEST PILOTO.	164
GRÁFICO 9: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [+DEFINIDO] EN LA PRUEBA PILOTO.	166
GRÁFICO 10: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	167
GRÁFICO 11: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [-DEFINIDO].	168
GRÁFICO 12: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [-DEFINIDO] EN LA PRUEBA PILOTO.	169
GRÁFICO 13: EXPERIMENTO 1. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+DEFINIDO].	173
GRÁFICO 14: EXPERIMENTO 1. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [-DEFINIDO].	174
GRÁFICO 15: EXPERIMENTO 1. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [+DEFINIDO].	177
GRÁFICO 16: EXPERIMENTO 1. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [-DEFINIDO].	178
GRÁFICO 17: EXPERIMENTO 2. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OD DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+DEFINIDO].	180
GRÁFICO 18: EXPERIMENTO 2. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OD DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [-DEFINIDO].	181
GRÁFICO 19: EXPERIMENTO 2. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OD DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+DISTANCIA] Y [+DEFINIDO].	183
GRÁFICO 20: EXPERIMENTO 2. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OD DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+DISTANCIA] Y [-DEFINIDO].	184
GRÁFICO 21: EXPERIMENTO 3. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [+DEFINIDO].	189
GRÁFICO 22: EXPERIMENTO 3. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+DEFINIDO].	189
GRÁFICO 23: EXPERIMENTO 3. MEDIA DE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [+DEFINIDO].	192
GRÁFICO 24: EXPERIMENTO 4. MEDIA DE LOS PARES DE RELATIVAS Y GRADO DE SEGURIDAD	196

CUADROS

CUADRO 1: RESUMEN DE LAS ESTRATEGIAS DE RELATIVIZACIÓN EN EL ESP Y EN EL PB.	54
CUADRO 2: RESUMEN DE LAS SEMEJANZAS ENTRE LAS RELATIVAS DE OD Y DE OP EN EL ESP Y EN EL PB.....	55
CUADRO 3: RESUMEN DE LAS DIFERENCIAS ENTRE LAS RELATIVAS DE OD Y DE OP EN EL ESP Y EN EL PB.....	56
CUADRO 3: PRUEBA PILOTO. EJEMPLIFICACIÓN DE LOS ÍTEMS.....	104
CUADRO 4: EXPERIMENTO 1. DISEÑO DE LAS VARIABLES: LATIN SQUARE.....	121
CUADRO 5: EXPERIMENTO 2. DISEÑO DE LAS VARIABLES: LATIN SQUARE.....	121
CUADRO 6: EXPERIMENTO 1 Y 2. DISEÑO Y ORGANIZACIÓN DE LAS LISTAS MASTER.	126
CUADRO 7: EXPERIMENTO 3. DISEÑO DE LAS VARIABLES: LATIN SQUARE.....	140
CUADRO 8: EXPERIMENTO 3. DISEÑO Y ORGANIZACIÓN DE LAS LISTAS MASTER.....	141
CUADRO 9: EXPERIMENTO 4. DISEÑO DE LAS VARIABLES: LATIN SQUARE.....	152
CUADRO 10: EXPERIMENTO 4. DISEÑO Y ORGANIZACIÓN DE LA LISTA MASTER.....	154

IMÁGENES

IMAGEN 1: EXPERIMENTO 1 Y 2. CUESTIONARIO DE INFORMACIÓN PERSONAL Y COMPETENCIA LINGÜÍSTICA.	115
IMAGEN 2: EXPERIMENTO 1 Y 2. BACKGROUND SPANISH TEST.....	116
IMAGEN 3: EXPERIMENTO 1 Y 2. INSTRUCCIONES	117
IMAGEN 4: EXPERIMENTO 1 Y 2. SECCIÓN DE PRÁCTICA	117
IMAGEN 5: EXPERIMENTO 1 Y 2. TÉRMINO DE LA SECCIÓN DE PRÁCTICA.....	118
IMAGEN 6: EXPERIMENTO 1 Y 2. INICIO DEL EXPERIMENTO.....	118
IMAGEN 7: EXPERIMENTO 1 Y 2. EJEMPLO DE TAREA.....	119
IMAGEN 8: EXPERIMENTO 3. INSTRUCCIONES	132
IMAGEN 9: EXPERIMENTO 3. CUESTIONARIO DE INFORMACIÓN PERSONAL	133
IMAGEN 10: EXPERIMENTO 3. CUESTIONARIO DE INFORMACIÓN PERSONAL	133
IMAGEN 11: EXPERIMENTO 3. BACKGROUND SPANISH TEST.....	134
IMAGEN 12: EXPERIMENTO 3. INSTRUCCIONES: SECCIÓN DE PRÁCTICA.	134
IMAGEN 13: EXPERIMENTO 3. ÍTEMS: SECCIÓN DE PRÁCTICA.	135
IMAGEN 14: EXPERIMENTO 3. FIN DE LA SECCIÓN DE PRÁCTICA E INICIO DEL EXPERIMENTO LINGÜÍSTICO.	136
IMAGEN 15: EXPERIMENTO 3. INSTRUCCIONES	136
IMAGEN 16: EXPERIMENTO 3. ÍTEMS DEL EXPERIMENTO LINGÜÍSTICO.	137
IMAGEN 17: EXPERIMENTO 4. INSTRUCCIONES	147
IMAGEN 18: EXPERIMENTO 4. CUESTIONARIO DE INFORMACIÓN PERSONAL	148
IMAGEN 19: EXPERIMENTO 4. FIN DE LA SECCIÓN DE PRÁCTICA	149
IMAGEN 20: EXPERIMENTO 4. INICIO DEL EXPERIMENTO LINGÜÍSTICO.	149
IMAGEN 21: EXPERIMENTO 4. INSTRUCCIONES	150
IMAGEN 22: EXPERIMENTO 4. PRIMERA PARTE: ELECCIÓN FORZOSA.....	151
IMAGEN 23: EXPERIMENTO 4. SEGUNDA PARTE: ELECCIÓN DEL GRADO DE SEGURIDAD DE LA RESPUESTA ANTERIOR.....	151

TABLAS

TABLA 1: PRUEBA PILOTO. TOTAL DE INFORMANTES	102
TABLA 2: PRUEBA PILOTO. DISEÑO EXPERIMENTAL	104
TABLA 3: EXPERIMENTO 1 Y 2. TOTAL DE INFORMANTES	108
TABLA 4: EXPERIMENTO 1 Y 2. GÉNERO, PROFESIÓN, LENGUAS EN LOS PRIMEROS 5 AÑOS, PAÍS DE NACIMIENTO Y DE RESIDENCIA: GRUPO DE CONTROL	109
TABLA 5: EXPERIMENTO 1 Y 2. FRANJA ETARIA Y ESTUDIOS UNIVERSITARIOS: GRUPO DE CONTROL	110
TABLA 6: EXPERIMENTO 1 Y 2. GÉNERO, PROFESIÓN, PAÍS DE NACIMIENTO Y DE RESIDENCIA : GRUPO EXPERIMENTAL	111
TABLA 7: EXPERIMENTO 1 Y 2. FRANJA ETARIA Y ESTUDIOS UNIVERSITARIOS: GRUPO EXPERIMENTAL	112
TABLA 8: EXPERIMENTO 1 Y 2. COMPETENCIA LINGÜÍSTICA Y <i>BACKGROUND SPANISH TEST</i> : GRUPO EXPERIMENTAL.....	113
TABLA 9: EXPERIMENTO 3. TOTAL DE INFORMANTES	127
TABLA 10: EXPERIMENTO 3. GÉNERO, PROFESIÓN, LENGUAS QUE HABLÓ EN LOS PRIMEROS 5 AÑOS Y PAÍS DE NACIMIENTO: GRUPO DE CONTROL	128
TABLA11: EXPERIMENTO 3. GÉNERO, PROFESIÓN, EDAD, PAÍS DE NACIMIENTO, PAÍS DE RESIDENCIA: GRUPO EXPERIMENTAL	130
TABLA 12: EXPERIMENTO 3. <i>BACKGROUND SPANISH TEST</i> : GRUPO EXPERIMENTAL.	131
TABLA13: EXPERIMENTO 4. GÉNERO, PROFESIÓN, EDAD, CONOCIMIENTO DE LE, CUALES LE(S), ESCOLARIDAD	145
TABLA 14: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO, CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [+DEFINIDO]	156
TABLA 15: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [+DEFINIDO].....	157
TABLA 16: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [-DEFINIDO].....	158
TABLA 17: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [-DEFINIDO].....	160
TABLA 18: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	161
TABLA 19: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	162
TABLA 20: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [-DEFINIDO].	163
TABLA 21: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [-DEFINIDO].	164
TABLA 22: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [+ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	166
TABLA 23: PRUEBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [+DEFINIDO].	167
TABLA 24: PRUBA PILOTO. JUICIOS DE GRAMATICALIDAD SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [-ANIMADO] Y [-DEFINIDO] EN LA PRUEBA PILOTO.	169
TABLA 25: EXPERIMENTO 1. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS DATOS DEL GRUPO DE CONTROL Y GRUPO EXPERIMENTAL SOBRE LAS RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+/- DEFINIDO].....	172
TABLA 26: EXPERIMENTO 1 MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS DATOS DEL GRUPO DE CONTROL Y GRUPO EXPERIMENTAL SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CORTADORAS CON ANTECEDENTE [+/- DEFINIDO].....	176
TABLA 27: EXPERIMENTO 2. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS DATOS DEL GRUPO DE CONTROL Y GRUPO EXPERIMENTAL SOBRE LAS RELATIVAS DE OD DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+/- DEFINIDO].....	179
TABLA 28: EXPERIMENTO 2. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS DATOS DEL GRUPO DE CONTROL Y GRUPO EXPERIMENTAL SOBRE LAS RELATIVAS DE OD DE REASUNTIVO CON ANTECEDENTE [+DISTANCIA] Y [+/-DEFINIDO].....	183

TABLA 29: EXPERIMENTO 3. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS DATOS DEL GRUPO DE CONTROL Y GRUPO EXPERIMENTAL SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO Y DE REASUNTIVO Y CORTADORA [+DEFINIDO]	186
TABLA 30: EXPERIMENTO 3. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS DATOS DEL GRUPO DE CONTROL Y GRUPO EXPERIMENTAL SOBRE LAS RELATIVAS DE OP CON HUECO Y DE REASUNTIVO Y CORTADORA [+DEFINIDO]	190
TABLA 31: EXPERIMENTO 4. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DE LOS PARES DE RELATIVAS.....	193
TABLA 32: EXPERIMENTO 4. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DEL PAR DE RELATIVAS DE OP CON HUECO Y CORTADORAS Y GRADO DE SEGURIDAD	194
TABLA 33: EXPERIMENTO 4. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DEL PAR DE RELATIVAS DE OP CON HUECO Y DE REASUNTIVO Y GRADO DE SEGURIDAD.....	194
TABLA 34: EXPERIMENTO 4. MEDIA Y DESVIACIÓN TÍPICA DEL PAR DE RELATIVAS DE OP DE REASUNTIVO Y CORTADORA Y GRADO DE SEGURIDAD.....	195

LISTAS

LISTA 1: PRUEBA PILOTO. LISTA MASTER.....	105
LISTA 2: EXPERIMENTO 1 Y 2. LISTA MASTER 1	123
LISTA 3: EXPERIMENTO 1 Y 2. LISTA MASTER 2	124
LISTA 4: EXPERIMENTO 1 Y 2. LISTA MASTER 3	125
LISTA 5: EXPERIMENTO 3. LISTA MASTER A.....	142
LISTA 6: EXPERIMENTO 3. LISTA MASTER B.....	142
LISTA 7: EXPERIMENTO 4. LISTA MASTER	153

ÍNDICE

INTRODUCCIÓN.....	22
Capítulo 1. LAS CONSTRUCCIONES RELATIVAS EN LOS ESTUDIOS SOBRE EL ESPAÑOL Y EL PORTUGUÉS BRASILEÑO	29
I. Las construcciones relativas en el español y en el portugués brasileño	29
II. Las construcciones relativas consideradas estándar en el español y en el portugués brasileño.....	36
III. Las construcciones relativas consideradas no estándar en el español y en el portugués brasileño.....	39
IV. El “que” en las construcciones relativas en el español y en el portugués brasileño	56
V. El papel del antecedente en las relativas no estándar en el español y en el portugués brasileño.....	62
VI. La definitud, la determinación y la distancia en las relativas no estándar en el español y en el portugués brasileño	66
VII. Las preposiciones en las relativas del español y del portugués brasileño	70
VIII. Las preferencias del español y del portugués brasileño en la formación y uso de relativas	76
IX. Las relativas consideradas estándar vs. no estándar en el portugués brasileño	79
Capítulo 2. LA ADQUISICIÓN/EL APRENDIZAJE DE LAS RELATIVAS EN EL ESPAÑOL Y EN EL PORTUGUÉS BRASILEÑO.....	83
I. La adquisición de la lengua nativa.....	83
II. La adquisición / el aprendizaje de la lengua extranjera	87
III. Estudios sobre la adquisición /el aprendizaje de relativas como L1.....	89
IV. Estudios sobre la adquisición / el aprendizaje de relativas como LE/L2	93
Capítulo 3. EL ESTUDIO EMPÍRICO.....	98
I. Preguntas de investigación e hipótesis.....	99
II. Prueba Piloto	101
III. Experimentos de Juicios de Aceptabilidad	107
IV. Experimento de Elección Múltiple.....	126
V. Experimento de Elección Forzosa.....	143
Capítulo 4. ANÁLISIS DE DATOS.....	155

I. Prueba Piloto	155
II. Experimento 1 - Juicios de Aceptabilidad	171
III. Experimento 2 – Juicios de Aceptabilidad	179
IV. Experimento 3 - Elección Múltiple.....	185
V. Experimento 4 - Elección forzosa.....	192
Capítulo 5. DISCUSIÓN DE LOS RESULTADOS Y CONCLUSIONES.....	197
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	211
ANEXOS	217

INTRODUCCIÓN

En el ESP, es común una construcción relativa con pronombre reasuntivo (BRUCART, 1999), como “Es una chica que ya te he dicho que ayer hablamos con ella”, cuando el antecedente es indefinido y se distancia de la cláusula relativa, mientras que las relativas oblicuas con un “que” complementante (RIVERO, 1979, 1982, apud LICERAS, 1986:47) y la preposición elidida, como “¿Este es el libro que he hablado muchas veces”, actualmente no son muy productivas. En el PB, la formación de una relativa con un “que” complementante y sin preposición o, según Tarallo (1983) una construcción *cortadora*¹, como la de *A moça que eu falei ontem está aqui* (La chica que hablé está aquí) (KATO, 1993b:223), parece ser más productiva que la construcción de reasuntivo de *A moça que eu falei com ela ontem está aqui* (La chica con quien hablé ayer está aquí) (KATO, 1993b:223), bastante estigmatizada.

Estas son las dos afirmaciones que marcaron, desde el inicio, la trayectoria de nuestra tesis. Sin embargo, el interés por entender e investigar el funcionamiento de las construcciones relativas en el ESP y en el PB y qué ocurre con el proceso de adquisición/aprendizaje del español como lengua extranjera por parte de hablantes del portugués brasileño como primera lengua (PBL1) es un tema que nos interesa desde la maestría.

En Castaldo (2014), investigamos las estrategias de relativización utilizadas por estudiantes brasileños adultos del ESP como LE y una eventual influencia de la L1 en las preferencias constatadas en la aceptabilidad y en la producción de relativas, en una prueba de aceptabilidad y en dos muestras, una de producción oral y otra de producción escrita. Con ese estudio, pudimos verificar que la influencia de la L1 ocurrió en algunas circunstancias de producción en las que los brasileños no produjeron la preposición esperada para una relativa *pied-piping*. A partir de los datos analizados en ese trabajo, pudimos concluir que esa influencia se debe al hecho de que las relativas *cortadoras* en el PB y las de reasuntivo, también llamadas despronominalizadas o (re)duplicadas, forman parte de un conjunto cuyas características corroboran la

¹ Usaremos el término *cortadora* para referirnos a las relativas especificativas de OP sin la preposición esperada tanto en el PB como en el ESP.

existencia de una *asimetría inversa* entre el PB y el ESP en lo que se refiere a la presencia y/o ausencia de las formas pronominales átonas o tónicas para la expresión de los argumentos del verbo, tal como lo comprobó González (1994).

En esta tesis, partiendo de lo que ya habíamos observado en Castaldo (2014) y basándonos en investigaciones ya realizadas sobre las construcciones relativas en el PB y en el ESP, llevamos a cabo un estudio lingüístico de carácter teórico-descriptivo y empírico de los procesos de relativización vigentes y preferenciales en el ESP y en el PB y de los posibles efectos que las diferencias que se encuentren puedan tener en la adquisición/aprendizaje de una de ellas por parte de hablantes de la otra, particularmente del ESP por parte de hablantes del PBL1.

Cabe aclarar desde este momento que cuando nos referimos a esas dos lenguas – PB y ESP – no estamos negando en absoluto toda la variación que ambas comportan. Sin embargo, no nos hemos detenido en dicha variación, por un lado porque los estudios consultados sobre ambas lenguas contemplan distintas variedades y, por otro, porque en este estudio empírico tuvimos informantes de distintas procedencias para las dos lenguas, aunque, en el caso del ESP, predominaron informantes de la variedad peninsular. No nos hemos detenido en observar si hubo diferencias considerables en sus respuestas, en función de sus distintas procedencias, lo que nos llevaría a otro tipo de trabajo. Pasamos a las preguntas de investigación que nortearon esta investigación y las respectivas hipótesis que serán retomadas, en el capítulo 3, en el que presentamos el estudio empírico.

La 1ª pregunta de investigación de este estudio es ¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP de reasuntivo? Para intentar contestar esa pregunta, nuestra hipótesis es que por un lado, los hispanohablantes mostrarán una alta aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo en el ESP. Esta hipótesis está basada en las propuestas de los lingüistas en los estudios consultados. Sin embargo, observamos apenas los reasuntivos tónicos y no los átonos, aspecto que quizás puede cambiar la preferencia de los hispanos. Por otro lado, suponemos que los hablantes del PBL1 mostrarán la influencia de la lengua nativa sobre la lengua aprendida, con una alta aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/- definido], dado que, entre las construcciones de reasuntivo, las que llevan un

reasuntivo tónico son las más productivas en el PB, si bien se afirma que están bastante estigmatizadas.

La 2ª pregunta de investigación es ¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP *cortadoras*? Por un lado, postulamos, para los hablantes del ESPL1, la hipótesis de que la aceptabilidad de las relativas de OP *cortadoras*, con antecedente [+/-definido] será muy baja, pues el ESP y el PB no tienen las mismas preferencias para este tipo de relativas. Mientras en el PB la posibilidad y la consolidación del objeto nulo favorece las construcciones *cortadoras*, el ESP prefiere la construcción de reasuntivo. Por otro lado, formulamos la hipótesis de que, en los juicios de aceptabilidad de las relativas del ESP emitidos por hablantes del PBL1, se constatarán marcas de la influencia de su lengua nativa sobre la lengua aprendida ESP, que se evidenciarán en la preferencia por las relativas *cortadoras*.

La 3ª pregunta de investigación es ¿Influye el antecedente [+/-definido] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo? En relación a esta pregunta de investigación, nuestra hipótesis es que, entre las relativas de OD de reasuntivo, los hispanohablantes tienen preferencia por aquellas que tienen el antecedente [-definido], puesto que, según la teoría lingüística, la distancia entre el antecedente y el hueco (la posición del elemento relativizado) posibilitaría el uso de un reasuntivo, que normalmente aparece cuando el antecedente tiene rasgo [-definido]. Por lo que se refiere a los hablantes del PBL1, nuestra hipótesis es que la definitud del antecedente no constituye una marca de preferencia, pero sí son sensibles al rasgo [+/-distancia] entre el antecedente y el hueco de la relativa.

La 4ª pregunta de investigación es ¿Influye el antecedente con [+/-distancia] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo? Para los hablantes del ESPL1, tenemos la hipótesis de que la preferencia será por las relativas que tienen el antecedente [+distancia], pues según la teoría lingüística, la distancia entre el antecedente y el hueco de la relativa posibilitaría el uso de un reasuntivo. En relación con los hablantes del PBL1, nuestra hipótesis es que serán sensibles al rasgo [+/-distancia] del antecedente y la preferencia será, en este caso, igual a la del grupo de hispanohablantes, pues la distancia entre el antecedente y el hueco (la posición relativizada) favorecería el uso de un reasuntivo.

La 5ª y última pregunta de investigación es ¿Será la relativa de OP con hueco y que está considerada como estándar por las gramáticas normativas, la relativa preferida por el grupo de brasileños que participó en una prueba de elección forzosa? –¿Cuál sería el grado de seguridad de este grupo para elegir la relativa más común y usual, la más probable de escuchar sin considerar lo que se aprende en la escuela, con instrucción formal? Nuestra hipótesis, únicamente para el grupo de brasileños, es que existirá una preferencia por las relativas *cortadoras*, puesto que los diferentes estudios mencionados a lo largo de este trabajo, muestran que es esa la relativa más productiva del PB actual. En segundo lugar suponemos que la preferencia será por la relativa de reasuntivo, muy utilizada en el PB, aunque, actualmente, algunos estudios afirman que está muy estigmatizada y, las de menor grado de preferencia serán las relativas con hueco, la única construcción que las gramáticas prescriptivas consideran estándar. Esta jerarquía de preferencia es lo que nos proponemos discutir a partir del análisis de los datos. Antes de que pasemos a explicar la forma en la que hemos organizado esta tesis para dar cuenta de los objetivos que nos propusimos, cabe aclarar que formulamos las preguntas de investigación de 1 a 4 para hablantes de ESP y de PB y la última pregunta solo para hablantes del PB. .

En el capítulo 1, haremos un estudio descriptivo, desde distintos marcos teóricos, sobre: los procesos de relativización vigentes en ambas lenguas y la formación de las construcciones relativas; los diferentes aspectos y funciones del “que”, el elemento más utilizado para la subordinación y para la relativización; qué papel juega el antecedente en las construcciones relativas; en qué medida los rasgos de [+/-definido] y [+/-distancia] influyen en la construcción de relativas de objeto de preposición (OP) y de objeto directo (OD), en el ESP y en el PB; el papel de las preposiciones en la construcción de relativas de los tipos que estamos estudiando; las preferencias de cada una de las lenguas de que nos ocupamos en las variedades elegidas, en la formación y uso de relativas y el camino que cada una de ellas parece seguir, según diferentes estudios y lingüistas consultados; y, finalmente, la cuestión de las relativas estándar y no estándar en dichas lenguas y variedades.

Sobre las clasificaciones “estándar” y “no estándar”, cabe aclarar que aparecen en muchos de los estudios consultados para la elaboración de esta

tesis, sin embargo, es evidente que comportan una visión normativa. En esta tesis, las estamos utilizando a partir de los trabajos consultados, aunque, como se verá, las pondremos en tela de juicio. Lo mismo cabe afirmar para las clasificaciones “gramatical” y “agramatical”, también utilizadas por muchos de los estudios y gramáticas consultados. Todos estos conceptos los utilizaremos siempre desde la perspectiva de los autores cuyos trabajos dan soporte a esta tesis, a pesar de que nuestra propia perspectiva no es normativista. Lo gramatical y lo agramatical desde la perspectiva adoptada aquí tiene que ver con los límites de lo posible desde la gramática universal, con el modelo que adopta el lingüista para dar cuenta de las intuiciones del hablante nativo de la lengua.

En el capítulo 2, presentamos, en primer lugar y, de forma muy escueta, el modelo chomskiano de adquisición del lenguaje, al que está bastante vinculado nuestro punto de vista sobre la adquisición de lenguas segundas. A continuación presentamos una selección de estudios sobre el proceso de adquisición de lengua segunda (L2) para introducir, finalmente, una descripción comparada de la adquisición de las relativas como L1 y como L2, el tema central de investigación.

En el capítulo 3, presentamos el estudio empírico que nos propusimos hacer en esta tesis, volviendo al planteamiento de las preguntas de investigación e hipótesis. En primer lugar, presentamos los objetivos, la descripción de los participantes, la metodología adoptada, la recogida de datos y el diseño experimental de la prueba piloto que desarrollamos y aplicamos entre septiembre y diciembre de 2015, es decir, en la primera parte de la investigación, tras terminar la investigación de la parte teórica descriptiva de las relativas y de adquisición/aprendizaje, es decir, capítulos 1 y 2 de la tesis. Luego, presentamos los objetivos, la descripción de los participantes, la metodología adoptada, el procedimiento de recogida de datos y el diseño experimental de los experimentos siguientes, cuyas características y objetivos describiremos a continuación:

1. Experimento 1: elaborado entre los meses de enero y abril de 2016, para una posterior recogida de datos hasta diciembre de 2016, dirigido a investigar y a evaluar el grado de aceptabilidad y de preferencia entre las relativas no estándar de reasuntivo y *cortadoras*;
2. Experimento 2: elaborado entre los meses de enero y abril de 2016, para una posterior recogida de datos hasta diciembre de 2016, dirigido a

investigar y evaluar el grado de aceptabilidad y de preferencia entre las relativas no estándar de reasuntivo en comparación con las de reasuntivo con el antecedente distante;

3. Experimento 3: elaborado entre los meses de julio y octubre de 2017, para una posterior recogida de datos hasta junio de 2018, dirigido a investigar y evaluar las tendencias y preferencias de los participantes en una prueba de elección múltiple para las relativas estándar y no estándar de reasuntivo y *cortadora*;
4. Experimento 4: elaborado entre los meses de octubre y diciembre de 2018, para una posterior recogida de datos hasta marzo de 2019, dirigido a investigar y discutir si en la mente de los hablantes del PB la construcción considerada estándar o *padrão* – término que se usa en el PB – que aparece en las gramáticas de línea más normativa como modelo de relativa, es de hecho la que a los nativos del PB les parece usual, común y la relativa del día a día en el PB, sin que se considere lo aprendido en la escuela o por medio de instrucción formal.

En el capítulo 4, hacemos un análisis descriptivo y estadístico de los datos de los experimentos. En primer lugar, presentamos los resultados observados con relación a las relativas de OP (estándar, de reasuntivo y cortadora) en la prueba piloto. A continuación, y para alcanzar nuestro objetivo de investigar la aceptabilidad de relativas de OP (de reasuntivo y *cortadora*) y de OD (de reasuntivo y de reasuntivo distante) en el ESP como L2/LE por aprendices brasileños, analizamos los datos que recogimos en los experimentos *offline* 1 y 2, de juicios de aceptabilidad. Seguimos luego, con objeto de investigar la preferencia con relación a las construcciones relativas de OP estándar, de reasuntivo y *cortadora*, con la presentación y análisis de los datos del experimento 3, de elección múltiple, una prueba también *off-line*. En la última parte de este capítulo, presentamos el experimento 4, de elección forzosa, que tiene como objetivo discutir las construcciones estándar frente a las no estándar en el PB actual.

Para terminar, en el capítulo 5, ponemos en relación la teoría desarrollada en la tesis y los datos obtenidos con los cuatro experimentos para presentar algunas conclusiones y tejer un análisis sobre la competencia lingüística del

estudiante brasileño del ESP en lo que se refiere al tipo de construcción analizado y ver en qué medida la L1 juega un papel importante en la adquisición/aprendizaje del ESP.

Capítulo 1. LAS CONSTRUCCIONES RELATIVAS EN LOS ESTUDIOS SOBRE EL ESPAÑOL Y EL PORTUGUÉS BRASILEÑO

I. Las construcciones relativas en el español y en el portugués brasileño

Los estudios de las construcciones subordinadas, en especial de las relativas, se pueden hacer desde diferentes perspectivas teórico-metodológicas. En este capítulo vamos a proporcionar, en primer lugar, una descripción de las construcciones relativas y, a continuación, vamos a describir los tres posibles procesos de relativización de las relativas clasificadas habitualmente como estándar y no estándar en el PB y en el ESP.

El ESP y el PB pueden tener oraciones relativas especificativas², es decir, oraciones, las que tienen un antecedente que no está reproducido ni subentendido en la subordinada, sino que forma parte de las dos oraciones, de la principal y de la subordinada (TRUJILLO, 1990), con las funciones sintácticas de: sujeto (SU), objeto directo (OD), objeto indirecto (OI), objeto de preposición (OP) y genitivo (GEN), tal como vemos en los ejemplos a continuación, en las dos lenguas, respectivamente. Son también oraciones que cumplen la función de un adjetivo pues especifican un constituyente tal cual lo hace un adjetivo y por eso se llaman también oraciones subordinadas adjetivas (MARÍN & RAMIREZ, 2001).

(1) Tengo un zapato_i [que_i es muy cómodo]³. (SU)

tenho um sapato que é muito confortável

Tenho um sapato que é muito confortável.

² Podemos encontrar, en la literatura sobre las construcciones relativas, los términos relativas especificativas y relativas restrictivas como equivalentes. En este trabajo, hemos elegido utilizar solamente el término relativas especificativas. Es importante aclarar también que, en este trabajo, solo estudiamos las relativas especificativas. Por lo tanto, siempre que nos refiramos a las relativas, son las relativas especificativas.

³ Como la tesis presenta una comparación entre el PB y el ESP, está hecha en una universidad brasileña y será leída por profesores y estudiantes brasileños, decidimos hacer las glosas de la mayor parte de los ejemplos tanto en el PB como en el ESP.

La *i* suscrita (*i*) que aparece en el ejemplo (1), así como en los ejemplos a continuación, indica la presencia de la huella. Esa huella nos muestra que el argumento del verbo (sujeto, objeto) se ha movido de su posición original a la posición del pronombre relativo. Este movimiento produce una huella (en inglés *trace*) que marca los elementos correferenciales.

- (2) La idea_i [que_i has expresado t_i]no es compartida por todos. (OD)

a ideia que expressou não é compartilhada por todos

A ideia que você expressou não é compartilhada por todos.

(BRUCART, 1999:400)

- (3) Un profesor_i [al que_i sólo le_i faltaban 8 años para jubilarse] decidió cambiar de profesión. (OI)

um professor ao que só lhe faltavam 8 anos para aposentar-se decidiu mudar de profissão

Um professor a quem só lhe faltavam 8 anos para se aposentar decidiu mudar de profissão.

- (4) La idea_i [de la que_i me hablaste ayer t_i] me parece de difícil plasmación. (OP)

a ideia da qual você me falou ontem é de difícil de plasmar

A ideia da qual você me falou ontem é difícil de plasmar

(BRUCART, 1999:401)

- (5) El proyecto_i [cuyo_i objetivo t_i no esté claro] no será aprobado. (GEN)

o projeto cujo objetivo não esteja claro não será aprovado

O projeto cujo objetivo não esteja claro não será aprovado.

- (6) Vi o homem_i [que_i roubou a tua carteira]. (SU)

vi el hombre que robó la tu billetera

Vi al hombre que robó tu billetera.

- (7) O livro_i [que_i li t_i nas férias] ganhou um premio. (OD)

el libro que leí en las vacaciones ganó un premio

El libro que leí en las vacaciones ganó un premio.

- (8) Apareceu o homem_i [a quem_i fizeram tanto mal t_i]. (OI)

se presentó el hombre a quien hicieron tanto mal

Se presentó el hombre a quien le hicieron tanto mal.

- (9) Vê-se o mar da casa_i [em que_i/onde_i vivemos t_i]. (OP)

se ve el mar desde la casa en que vivimos

Se ve el mar desde la casa en que vivimos.

(10) *Está ali o homem; [cujo; nome t; perguntaste]*⁴. (GEN)

está allí el hombre cuyo nombre preguntaste.

Está allí el hombre cuyo nombre preguntaste.

(MIRA MATEUS et al, 1983:439-440)

En este trabajo, como ya hemos mencionado, nos dedicamos a analizar exclusivamente las relativas especificativas de OP y de OD⁵ con un “que” clasificado como pronombre relativo y/o complementante, según la interpretación y la perspectiva teórica que se adopten (RAE & ASALE, 2009; TARALLO, 1983; BAGNO 2011; RIVERO, 1982 et al.) y no con otros pronombres relativos entre la oración principal y la subordinada. El “que” complementante aparece únicamente como forma de enlace entre las oraciones y no tiene propiedad anafórica es una partícula invariable “que”, que no presenta concordancia ni caso en la subordinada. Por otro lado, el pronombre relativo puede presentar rasgos de género (cuyo, cuya), de número (quien, quienes) y tiene propiedad anafórica.

Cabe señalar que, aunque no todas, la mayor parte de las afirmaciones hechas por los diferentes autores para una de las dos lenguas estudiadas en este trabajo, se aplican a ambas.

Con relación a las relativas en el PB, Castilho (2010), en su gramática de corte funcionalista y cognitivista, presenta las relativas como oraciones subordinadas a un sintagma nominal (SN). La oración subordinada es la (13) y los ejemplos (11) y (12) contextualizan la formación de la relativa (13):

(11) *O aluno atento passa de ano.*

⁴ Aunque no forme parte del escopo de esta investigación, es importante mencionar que en el PB, tras un largo periodo de cambio, el actual estado del pronombre cuyo/*cujo* es de desuso y bajísima ocurrencia. La construcción con cuyo se ha sustituido por la construcción con reasuntivo o *cortadora* como en *A casa cuja porta é azul é da mina tia/ A casa que a porta dela é azul é da mina tia/ A casa que a porta é azul é da mina tia* [La casa cuya puerta es azul es de mi tía/ La casa que su puerta es azul es de mi tía/ La casa que la puerta es azul es de mi tía]. Según diferentes estudios, este es uno de los pocos casos en que el PB prefiere un cambio de una construcción relativa considerada estándar para una construcción relativa con reasuntivo y no para la relativa *cortadora*.

⁵ En esta parte teórica del trabajo, presentaremos ejemplos en los que el “que” cumple diferentes funciones sintácticas. Sin embargo, nos dedicamos a analizar solamente las relativas con el “que” – relativo o complementante - de OP y de OD.

el alumno atento aprueba

El alumno atento aprueba.

(12) *O aluno estudioso passa de ano.*

el alumno estudioso aprueba

El alumno estudioso aprueba.

(13) *O aluno_i atento [que_i é estudioso] passa de ano.*

el alumno atento que es estudioso aprueba

El alumno atento que es estudioso aprueba.

(CASTILHO, 2010:366)

Además, el mismo autor, añade que la relativización es la relación de dos sintagmas nominales correferentes y que en la oralidad el “que” del PB se está convirtiendo en un pronombre relativo universal, pues ocupa el lugar de todos los otros pronombres relativos (CASTILHO, 2010).

Diferentes estudios hechos desde la perspectiva generativista han dado especial atención a la construcción subordinada relativa, es decir, a la construcción que modifica un antecedente. Por ejemplo, para Braga, Kato & Mito (2009), la oración relativa es aquella que aparece subordinada a la principal y tiene un constituyente que es un referente común con la oración matriz. Ese constituyente es el antecedente y es el elemento relativizado por un pronombre que los autores denominan QU. En (14) y (15) tenemos ejemplos de este tipo de construcción en los que la oración subordinada aparece entre corchetes.

(14) *Então, é muito mais fácil mandar embora esses professores_i [que_i ganham... um salário aula tal].* (BRAGA, KATO & MIOTO, 2009:242)

entonces es mucho más fácil despedir esos profesores que cobran un sueldo clase tal

Entonces, es mucho más fácil despedir a estos profesores que cobran...un sueldo por hora de clase tal

(15) *A prateleira_i [em que/onde_i coloquei o livro t_i] estava quebrada.*

el estante en que puse el libro estaba roto

El estante en el que puse el libro estaba roto.

Bagno (2011) explica que las sentencias adjetivas son las que tienen un pronombre relativo y cuestiona si en el PB todavía existen pronombres relativos, pues, según el autor, parece que los relativos se han reducido, por lo menos en la oralidad, al conector “que” sin papel anafórico, el relativo universal. Además, añade que la supervivencia de los pronombres relativos en el PB está restringida a los géneros más monitoreados.

Sobre las construcciones relativas en el ESP, según la RAE & ASALE (2009), que se presenta como el estudio más reciente de carácter descriptivo y normativo sobre el ESP, son oraciones subordinadas de relativo, oraciones relativas o simplemente relativas aquellas “[...] encabezadas por un pronombre, adverbio o determinante relativo, o bien por los grupos sintácticos que estas voces forman.” (RAE & ASALE, 2009:3291), como en:

(16) La casa_i [que_i está en ruinas] será derruida.

a casa que está em ruinas será demolida.

A casa que está em ruinas será demolida.

(RAE & ASALE, 2009:3320)

Porto Dapena (1997), en una línea funcionalista, afirma que toda oración relativa se construye a partir de la unión de dos oraciones que comparten un elemento. En esa unión, una de ellas ocupará el papel de oración principal y la otra de oración subordinada.

En ese sentido, Matte Bon (1998), desde un acercamiento pragmático, explica que ese es un recurso que posibilita al hablante integrar la información de ambas en vez de coordinarlas – puesto que si fueran coordinadas serían relativas explicativas y no especificativas - a partir de la identificación o presuposición de la información esencial y de la secundaria. Para eso, el hablante dispone de instrumentos como los pronombres relativos, “[...] cuya función es permitir integrar una oración en otra y, a la vez, relacionarla con el sustantivo al que se refiere, para evitar así la repetición de elementos que ya habían aparecido.” (MATTE BON, 1998:135).

(17) Me he encontrado con ese chico. / A ese chico lo conocimos ayer en la fiesta.

me encontrei com esse menino / a esse menino o conhecemos ontem em a festa

Me encontrei com esse menino. / Esse menino nós (o) conhecemos ontem na festa.

- (18) Me he encontrado con ese chico_i [al que_i conocimos t_i ayer en la fiesta].
me encontrei com esse menino o que conhecemos ontem em a festa
Me encontrei com esse menino que conhecemos ontem na festa.

(MATTE BON, 1998:135)

- (19) Me he encontrado con ese chico_i [que_i conocimos t_i ayer en la fiesta].
me encontrei com esse menino que conhecemos ontem em a festa
Me encontrei com esse menino que conhecemos ontem na festa.

Brucart (1999), que sigue una línea generativista, define también las oraciones relativas como “[...] oraciones subordinadas encabezadas por un pronombre, adjetivo o adverbio relativo que actúan como complementos modificadores de un elemento llamado ‘antecedente’.” (BRUCART, 1999:397). Ese elemento normalmente es un nombre, un grupo nominal o un SN, como en (20), (21) y (22), respectivamente.

- (20) El libro_i [que_i Luis me regaló t_i] es muy interesante.

o livro que Luis me deu é muito interessante

O livro que o Luis me deu é muito interessante.

- (21) A la asamblea asistieron 60 delegados_i, [la mitad de los cuales_i habían sido elegidos recientemente].

à assembleia compareceram 60 delegados, a metade dos quais foram eleitos recentemente

Compareceram à assembléia 60 delegados, dos quais a metade foi eleita recentemente.

- (22) La casa tenía dos habitaciones_i, [que_i daban al parque].

a casa tinha dois cômodos que davam ao parque

A casa tinha dois cômodos, que davam para o parque.

(BRUCART, 1999:397-398)

Rivero (1982:198), también desde una perspectiva generativista, define la oración de relativo como “[...] un constituyente inmediato de un SN que domina a otro SN antecedente de la relativa.”, es decir, tenemos un SN antecedente seguido de una cláusula subordinada:

(23) El profesor_i [que_i habla] es sociolingüista.

o professor que fala é sociolinguista

O professor que está falando é sociolinguista.

(24) Tengo el arma_i [con que_i asesinaron a Juan t_i].

tenho a arma com que assassinaram o Juan

Tenho a arma com que assassinaram o Juan.

(RIVERO, 1982:195)

Para Bath (2015:709), el estudio de la relativización en las lenguas naturales es un fértil y rico terreno para la exploración de la variación lingüística. El autor explica la relativización como el nombre dado a la clase de operaciones a través de las cuales las lenguas pueden construir expresiones que transmiten propiedades arbitrariamente complejas de las oraciones. Las oraciones relativas están canónicamente relacionadas con modificadores de sintagmas nominales, pero también tienen función de modificadores en otras categorías.

(25) *He read the book_i which_i I recommended t_i.*⁶

el leyó el libro el cual yo recomendé

Leyó el libro que le recomendé.

Andrews (2007) presenta las construcciones relativas especificativas como una oración subordinada que delimita el referente de un SN. Además, esta oración especifica el papel del referente de este SN en la situación descrita por la oración.

(26) *The man_i [who_i the dog was biting t_i] was shouting.*

el hombre que el perro estaba mordiendo estaba gritando

⁶ Ejemplo presentado en la University of Ottawa, durante la clase del día 14 de enero de 2016, por el Profesor Dennis Ott, en la asignatura *The Syntax of Relative Clauses*.

El hombre al que el perro le estaba mordiendo gritaba.

El hombre que el perro estaba mordiendo gritaba.

(ANDREWS, 2007:207)

Tras exponer la definición de las relativas especificativas que nos ofrecen algunos lingüistas, pasamos ahora a presentar los tipos posibles de relativas dichas estándar – *padrão* – y después, en el siguiente apartado, las dichas no estándar – *não padrão* – que hay, tanto en el PB como en el ESP. Cabe mencionar que la utilización de la clasificación estándar vs. no estándar – *padrão* vs. *não padrão* – refleja, quizás, un punto de vista hasta cierto punto normativo, es decir, que distingue lo que se consideraría esperable o correcto de lo que se consideraría no esperable o incorrecto. Sin embargo, los estudios descriptivos han venido señalando cambios significativos en las relativas, tanto en el caso del ESP como en el caso del PB, algo que posiblemente exigirá que, en algún momento, se replantee lo que es estándar y no estándar para cada lengua, pero este no es el objetivo de este trabajo que, por el momento, se limita a registrar esa preocupación relativa a las clasificaciones vigentes. Del uso de esos términos vamos a ocuparnos al final del trabajo en relación con uno de los experimentos, el del número 4, en el que nos propusimos discutir qué tipo(s) de relativa(s) en el PB sería(n) estándar y no estándar. A continuación presentaremos las relativas que se consideran estándar en ambas lenguas.

II. Las construcciones relativas consideradas estándar en el español y en el portugués brasileño

El primer tipo de construcción relativa es la estándar, en el PB conocida como *padrão* que, en ambas lenguas, PB y ESP, es la más usual, según afirman diversos estudios. Se trata de la relativa con un “que” y sin preposición, como las que tenemos en los ejemplos (27) y (28), del ESP y del PB, respectivamente:

(27) Ana es la estudiante [que necesitamos____].

Ana é a estudante que precisamos

Ana é a estudante que precisamos.

(28) O livro [que li____ nas férias] é muito bom.

el libro que leí en las vacaciones es muy bueno

El libro que leí en las vacaciones es muy bueno.

En los ejemplos mencionados tenemos una relativa en el PB y otra en el ESP, ambas son relativas de OD estándar o con hueco, en el PB conocida como relativa *com lacuna*. El hueco (*a lacuna*) está representado por una raya que marca la posición original del OD, es decir, la posición de donde se movió el OD para formar la relativa. En las pruebas experimentales de este trabajo adoptaremos, para las relativas estándar de OD, la nomenclatura relativas de OD con hueco.

La segunda construcción relativa, también considerada estándar en las dos lenguas, PB y ESP, es la que lleva preposición. Este tipo de relativas está presente en muchas lenguas y se las designa relativas *pied-piping*, con hueco en el ESP, y con *lacuna* en el PB, como podemos ver en los ejemplos (29), (30), (31), (32), en el PB, y (33), (34), (35), (36) en ESP:

(29) *João é o homem [com quem/com o qual entraremos em contato ____].*

Juan es el hombre con quien/con el cual nos pondremos en contacto

Juan es el hombre con quien/con el cual nos pondremos en contacto.

(30) *Conheci o estudante [a quem deram o prêmio ____].*

conocí el estudiante a quien dieron el premio

Conocí al estudiante a quien / al que dieron el premio.

(31) *Ana é a estudante [de quem precisamos ____].*

Ana es la estudiante de quien necesitamos

Ana es la estudiante que / a quien / a la que necesitamos.

(32) *Não há uma área em São Paulo [em que/na qua/onde a polícia não entre ____].*

no hay un área en São Paulo en que/en la cual/donde la policía no entre

No hay un área en São Paulo en que/ en la que / en la cual/donde la policía no entre.

(33) Juan es el hombre [con quien/con el que/con el cual nos pondremos en contacto ____].

Juan é o homem com quem/com o que/com o qual nos colocaremos em contato

Juan é o homem com quem/com o qual entraremos em contato.

(LICERAS, 2009:91)

- (34) Esa es la alumna [a quien/a la que/a la cual buscábamos ____].

essa é a aluna a quem/ a qual procurávamos.

Essa é a aluna que procurávamos.

- (35) La mujer [de quien/de la que/de la cual te hablaba ____] está aquí.

a mulher de quem/ da qual te falava está aqui.

A mulher de quem/da qual eu te falava está aqui.

- (36) La casa [en la que vive ____] tiene un patio grande.

a casa em que vive tem um quintal grande.

A casa em que/onde ele vive tem um quintal grande⁷.

En los ejemplos anteriores, el hueco está representado por una raya que marca la posición original del OP, es decir, de donde se movió el OP para formar la relativa, es el hueco relativizado de las relativas de OP. Es por eso que a las relativas de OP estándar, en las pruebas experimentales, las llamaremos relativas de OP con hueco.

Para la teoría lingüística, de manera general, lo que tenemos, para este tipo de construcción, son pronombres relativos junto a una preposición y un determinante. Diferentemente de lo que pasa con el otro tipo de relativa estándar, el que presentamos anteriormente y en el que el “que” no lleva preposición. Estas, según la propuesta teórica, tienen este “que” analizado como un relativo o como un complementante, según la perspectiva adoptada (RAE & ASALE, 2009; BRUCART, 1999; RIVERO, 1982, et al.)

A continuación estudiaremos las relativas consideradas por las gramáticas como no estándar tanto en el ESP como en el PB.

⁷ El PB, muchas veces, prefiere el uso del pronombre relativo *onde* en comparación con el uso de la preposición más el pronombre relativo *em que*, sin embargo, no discutiremos estas preferencias ni sus diferentes usos en el PB actual ya que este tema nos llevaría a otro tipo de estudio.

III. Las construcciones relativas consideradas no estándar en el español y en el portugués brasileño

Con relación al PB, son dos las estrategias de relativización para la formación de relativas consideradas no estándar. La primera es la relativa de reasuntivo, también conocida en el PB como *copiadora*⁸ (TARALLO, 1983), en la que, según esta propuesta de análisis, a diferencia de la oración estándar con preposición, tenemos un “que” complementante igual al utilizado en otras subordinadas; pero en esta, además, aparece otro elemento para cumplir el papel que le correspondería al pronombre relativo y este aparece en la posición de la huella relativizada. Los ejemplos (37), (38) que figuran a continuación son de relativas de reasuntivos en el PB.

(37) *A moça_i [que eu falei com ela_i ontem] está aqui.*

la chica que yo hablé con ella ayer está aquí

La chica con quien hablé ayer está aquí.

(38) *Não há uma área em São Paulo_i [que a polícia não entre nela_i].*

no hay un área en São Paulo que la policía no entre en ella

No hay un área en São Paulo que la policía no entre en ella.

(CASTILHO, 2010:367)

Hasta el siglo XIX, el PB tenía únicamente esta estrategia de relativización para las relativas no estándar, pero el sociolingüista y también lingüista de corte generativo Fernando Tarallo, en su estudio diacrónico (TARALLO, 1983), constata que, a partir de la mitad del siglo XIX, el PB empieza a pasar por un proceso de cambio en la formación de relativas no estándar en el que el autor identifica una innovación que denomina relativa *cortadora*⁹ (TARALLO, 1983). La relativa *cortadora* sería la segunda estrategia de relativización para las relativas no estándar del PB, que se forma, según el mismo autor, por medio de la elisión del elemento copia de la relativa con pronombre reasuntivo, y la desaparición de

⁸ Todas las veces que, en este trabajo, utilizamos el término ***copiadora*** hacemos referencia a Fernando Tarallo, que, en su tesis de 1983, llamó *copiadoras* a las relativas en el PB de reasuntivo.

⁹ Siempre que en este texto utilicemos el término relativas ***cortadoras*** nos referiremos a Fernando Tarallo que, en su tesis de 1983, ha llamado de *cortadoras* a las oraciones relativas sin preposición y sin el reasuntivo en la subordinada.

la preposición del componente fonológico ya que en el PB, a diferencia del inglés y del francés, no existen construcciones relativas con preposición colgada (*A menina que moro com*)¹⁰. En la relativa *cortadora* el “que” sigue siendo un complementante tal cual lo era en la construcción de reasuntivo. Por lo tanto, el “que” de una construcción *cortadora* no pasaría por ningún proceso de reanálisis.

Kato (1993b) observa que la propuesta original de Tarallo (1983) tiene el siguiente problema:

[...] regras de elipse dão-se, regra geral, por paralelismo sintático e identidade fonética parcial ou total com um antecedente e, no caso, de [A moça que eu falei com ela ontem está aqui], o sintagma preposicional (PP) com ela não teria outro antecedente a não ser a própria cabeça da relativa (a moça), que não é um constituinte da mesma natureza, isto é, não é um PP e sim um NP¹¹. (KATO, 1993b: 226).

Por ello, Kato (1993b) propone otro análisis para las relativas de reasuntivo y las *cortadoras*, según la cual en todas las construcciones relativas con “que” tenemos un “que” relativo que se origina en una posición no canónica¹². Tras esta propuesta, en un reanálisis de Kato & Nunes (2009), los autores reinterpretan el análisis de Kato (1993b) bajo la propuesta de Kayne (2004, *apud* KATO & NUNES, 2009) y asumen que el constituyente relativizador “que” es un determinante relativo y no un complementante¹³.

Kato (1993b) expone que, para Tarallo (1983), la relativa *cortadora* es la preferida por los complementos y adjuntos que llevan preposición, como vemos

¹⁰ Algunos estudios sobre *preposition-stranding* en el PB muestran que, aunque menos frecuentes que en otras lenguas como el inglés, podemos encontrar este tipo de construcción en el PB específicamente en el habla informal, como vemos en los ejemplos: a) *Aquela barata que eu comentei e falei sobre Ø, é Níquel Náusea.* (*Aquella cucaracha que comenté y hablé sobre Ø es Níquel Náusea.) b) *Dinheiro eu não posso ficar sem Ø.* (*Dinero yo no puedo quedarme sin Ø.) (KLEPPA, Lou-Ann, 2005) y c) *O autor que o professor falou sobre na última aula* (El autor que el profesor habló sobre en la última clase.) (KENEDY, 2008:95).

¹¹ “[...] regras de elipse se dan, geralmente, por paralelismo sintático e identidade fonética parcial ou total com um antecedente y, en el caso, de [A moça que eu falei com ela ontem está aqui/La chica que yo hablé con ella ayer está aquí], el sintagma preposicional (PP) con ella no tendría otro antecedente que no fuera la propia cabeza de la relativa (a moça/la chica), que no es un constituyente de igual naturaleza, es decir, no es un PP sino un NP.” (KATO, 1993b: 226 – traducción nuestra).

¹² Para más detalles, ver Kato (1993b).

¹³ Para más datos sobre esta propuesta, ver Kato & Nunes (2009).

en la relación entre (39) y (40), donde figuran una relativa preposicional y una *cortadora*, respectivamente, mientras que la relativa *copiadora* o reasuntiva es la construcción que se prefiere cuando el elemento relativizado es un genitivo como vemos al comparar (41) con (42) y (43).

(39) *Estou procurando professores para a escola_i [em que/na qual_i trabalho t_i].*

estoy buscando profesores para la escuela en que/en la cual trabajo

Estoy buscando profesores para la escuela en que/en la cual trabajo

(40) *Estou procurando professores para a escola_i [que trabalho t_i].*

estoy buscando profesores para la escuela que trabajo

Estoy buscando profesores para la escuela en que trabajo.

(41) *A cadeira_i [cujo_i assento t_i será reformado] é muito confortável.*

la silla cuyo asiento será reformado es muy cómoda

La silla cuyo asiento será reformado es muy cómoda.

(42) *A cadeira_i [que o assento dela_i será reformado] é muito confortável.*

la silla que el asiento de ella será reformado es muy cómoda

La silla que su asiento será reformado es muy cómoda.

(43) *A cadeira_i [que seu_i assento será reformado] é muito confortável.*

la silla que su asiento será reformado es muy cómoda

La silla que su asiento será reformado es muy cómoda.

Tarallo (1983) considera que para la posición de sujetos y objetos se produce el Movimiento QU y, por lo tanto, aparece un pronombre relativo. Es decir, para este autor, en las relativas estándar de sujeto y de OD tenemos un “que” pronombre relativo, como vemos en (44) y (45), respectivamente.

(44) *A menina_i [que_i comprou o celular] é francesa.*

la chica que compró el móvil es francesa

La chica que compró el móvil es francesa.

(45) *A menina_i [que_i vi t_i] é francesa.*

la chica que vi es francesa

La chica que vi es francesa.

Sin embargo, en las *cortadoras* tenemos un “que” complementante. En relación con esa afirmación, cabe observar que Kato (1981) ya mostraba la dificultad que presenta identificar la representación subyacente para estas funciones, puesto que el *output* fonético de las *cortadoras* y de las relativas estándar de OD es igual y se diferencia del *output* de las *copiadoras*. Podemos verlo en los ejemplos (46), (47) y (48), del PB, con una relativa estándar de OD, una relativa de OP *cortadora* y una *copiadora*, respectivamente. En este sentido, para el ESP, Rivero (1982) considera que en todas las construcciones no oblicuas hay un “que” complementante y el “que” relativo aparece solo en las oblicuas, es decir, en las relativas de OP. Por lo tanto, para Rivero (1982), en las construcciones (46) (47) y (48), si aparecieran en el ESP, tendrían un “que” complementante, diferente de lo que propone Tarallo (1983).

(46) *O computador_i [que_i uso t_i] é muito bom.*

el ordenador que uso es muy bueno

El ordenador que uso es muy bueno.

(47) *O computador_i [que (eu) fiz o trabalho t_i] é muito bom.*

el ordenador que (yo) hice el trabajo es muy bueno

El ordenador que hice el trabajo es muy bueno.

(48) *O computador_i [que (eu) fiz o trabalho com ele_i] é muito bom.*

el ordenador que (yo) hice el trabajo con él es muy bueno

El ordenador que hice el trabajo con él es muy bueno.

Cabe señalar, que, según Castilho (2010), entre otros autores, las *cortadoras* del PB, no forman parte actualmente solo de la lengua oral, sino también, en muchos casos, del PB escrito, como muestra el ejemplo (49):

(49) *Felicidade é o sentimento que as pessoas buscam ter na vida, todo mundo quer momentos de descontração e alegria, fazer algo_i [que goste t_i e se sinta confortável t_i].*¹⁴

¹⁴ Ejemplo extraído de una de prueba de acceso a una universidad privada de São Paulo, de diciembre de 2016.

felicidad es el sentimiento que las personas buscan tener en la vida todo mundo quiere momentos de diversión y alegría hacer algo que le guste a él y se sienta cómodo

Felicidad es el sentimiento que las personas buscan tener en la vida, todo el mundo quiere momentos de diversión y alegría, hacer algo que les guste y que les haga sentirse cómodas.

Como hemos dicho, este tipo de construcción relativa, que recibe el nombre de relativa *cortadora* en el PB, es, según Tarallo (1983, *apud* KATO, 1993b), un fenómeno derivado de un proceso de elisión del elemento copia de la relativa con pronombre reasuntivo, dado que no hubo en el PB un cambio en las relativas debido a un reanálisis del pronombre relativo como conjunción o como complementante, puesto que la construcción reasuntiva es antigua y en ella el “*que*” ya era un complementante (TARALLO, 1983, *apud* KATO, 1993b:225-247). Kato (1993b) añade que, para Tarallo, lo que ocurre es que la relativa *cortadora* surge de un proceso de elipsis operado en la relativa reasuntiva, estando las dos en variación sincrónica¹⁵.

Tarallo (1983, *apud* KATO, 1993b) explica que este fenómeno, muy productivo, se deriva de la posibilidad que tiene el PB de tener objeto pronominal nulo, construcción bastante restringida en el ESP. Tarallo aún explica, según Kato (1993b), que para las relativas de reasuntivo y *cortadoras*:

[...] bastaria dizer que línguas que podem ter objeto pronominal nulo podem ter também relativa cortadora. Assim, as línguas não difeririam quanto a utilizar ou não LD¹⁶, mas quanto à sua possibilidade de ter ou não uma categoria vazia pronominal no objeto.¹⁷ (KATO, 1993b:240).

Esta explicación da cuenta de los casos en que tenemos un OD, pero no es suficiente para los casos en los que no tenemos solo un “*que*” sino un PP (*Prepositional Phrase*), aspecto que discutiremos más adelante en este estudio.

¹⁵ El término variación sincrónica explica que las dos formas de relativización participan y ocurren juntas en un proceso de cambio que aún no se ha definido por uno o por otro tipo de construcción.

¹⁶ LD: *Left Dislocation* es un recurso sintáctico que está formado por la transferencia de un elemento a la izquierda de la oración. Es básicamente la construcción con un tópico y un comentario sobre el tópico.

¹⁷ “[...] sería suficiente decir que las lenguas que pueden tener objeto pronominal nulo pueden tener también una relativa *cortadora*. De esta forma, las lenguas no diferirían en cuanto a la utilización o no de LD, sino en cuanto a la posibilidad de tener o no una categoría vacía pronominal en lugar del objeto.” (KATO, 1993b:240– traducción nuestra).

Este proceso de cambio gradual en las relativas del PB se puede observar en los ejemplos (50), relativa estándar de OP; (51), relativa de reasuntivo; y (52), relativa *cortadora*, siendo esta última, según Tarallo (1983), la gran innovación del PB y, según los estudios consultados, la construcción preferida hoy después de la estándar con “que” sin preposición.

- (50) *Bulimia e anorexia são doenças; [sobre as que_i sempre queremos falar t_i] e que_i atormentam principalmente os adolescentes.*

bulimia y anorexia son enfermedades sobre las que siempre queremos hablar y que preocupan principalmente los adolescentes

Bulimia y anorexia son enfermedades sobre las que siempre queremos hablar y que preocupan principalmente a los adolescentes.

- (51) *Bulimia e anorexia são doenças; [que sempre queremos falar sobre elas_i] e que_i atormentam principalmente os adolescentes.¹⁸*

bulimia y anorexia son enfermedades que siempre queremos hablar sobre ellas y que preocupan principalmente los adolescentes

Bulimia y anorexia son enfermedades que siempre queremos hablar sobre ellas y que preocupan principalmente a los adolescentes.

- (52) *Bulimia e anorexia são doenças; [que sempre queremos falar t_i] e que atormentam principalmente os adolescentes.*

bulimia y anorexia son enfermedades que siempre queremos hablar y que preocupan principalmente los adolescentes'

Bulimia y anorexia son enfermedades que siempre queremos hablar y que preocupan principalmente a los adolescentes.

Con relación a las relativas no estándar en el ESP, tenemos como primera estrategia de relativización la construcción con pronombre reasuntivo, que coincide en su formación en gran medida con la del PB. Es decir, en esta se utiliza, en la subordinada, un “que”, pronombre relativo o complementante, según la propuesta teórica, más un pronombre reasuntivo, como podemos ver en (53).

- (53) *Me hicieron unos lentes_i [que no veo absolutamente nada con ellos_i].*

¹⁸ Ejemplo extraído de una redacción en una prueba de acceso a una Universidad privada de Sao Paulo en el año de 2012.

me fizeram uns óculos que não vejo absolutamente nada com eles.

Me fizeram uns óculos que não vejo absolutamente nada com eles.

(RAE & ASALE, 2009:3359)

En (53) vemos la ausencia de la preposición “con” antes del “que”, que sería obligatoria en una construcción estándar, *pied-piping*, o con hueco, como en (54). Sin embargo, en (53) esta preposición aparece en la relativa junto al reasuntivo tónico “ellos”.

(54) Me hicieron unos lentes_i [con los que/con los cuales_i no veo absolutamente nada t_i].

me fizeram uns óculos com os quais não vejo absolutamente nada.

Me fizeram uns óculos com os quais não vejo absolutamente nada.

Brucart (1999), con relación a los pronombres relativos en las construcciones estándar, afirma que tienen doble valor sintáctico porque actúan de manera simultánea como nexos de subordinación y como argumentos de la cláusula que ellos mismos introducen. Por lo tanto, el sintagma que contiene el pronombre, el adjetivo o el adverbio relativo es el único representante de su función en la subordinada.

No obstante, el autor clasifica el caso mencionado en el ejemplo (53) como “oraciones de relativo con duplicación pronominal” y explica que en el caso de estas relativas, lo que ocurre es que “En determinadas circunstancias, no obstante, dentro de la cláusula puede aparecer además un pronombre que reitere la función desempeñada por el relativo [...]” (BRUCART, 1999:403), es decir, desde su punto de vista, el “que” sigue siendo un pronombre relativo, con la reiteración de la función del relativo por otro elemento, un pronombre tónico, átono o un SN, dentro de la construcción relativa.

El mismo fenómeno, desde la perspectiva de Rivero (1982) y Lope Blanch (1986, 1988), entre otros lingüistas, se puede entender de otra forma, en la que este “que” deja de ser relativo y asume el papel de complementante. Rivero (1982), por su parte, presenta la propuesta de que solo aparece un “que” relativo en las relativas oblicuas, es decir, en las preposicionales y siempre con un

artículo. En este mismo sentido, Lope Blanch (1986, 1988), utiliza en sus análisis la expresión “despronominalización de relativos”. En este enfoque, como ya se ha mencionado, el “que” deja de ser pronombre relativo, es decir, se despronominaliza conservando únicamente su valor de nexos y la relación anafórica con el antecedente queda a cargo del otro morfema (LOPE BLANCH, 1986:122, *apud* BRUCART, 1999:404).

En los ejemplos (55) y (56) no solo faltan las preposiciones delante del relativo “que”, sino también el artículo, que en una construcción estándar aparecería prácticamente de manera obligatoria, únicamente no lo haría en casos muy restringidos, lo cual caracteriza, según Lope Blanch (1986, 1988), las construcciones “despronominalizadas”. Brucart (1999:404) explica el fenómeno defendido por Lope Blanch (1986, 1988) de la siguiente manera: en las construcciones de este tipo, el relativo se vuelve una simple marca de subordinación puesto que pierde su valor pronominal. Pese a eso, aparece un pronombre dentro de la oración subordinada representando la función que debería corresponder al relativo. Completa que en los casos de “despronominalización” el elemento que empieza la subordinada relativa es siempre un “que” por no tener ninguna flexión.

(55) Se trata de una idea_i [que ayer daba vueltas sobre ella_i].

se trata de uma ideia que ontem dava voltar sobre ela.

Se trata de uma ideia que ontem eu dava voltas sobre ela.

(56) El plan de emergencia_i, [que con él_i piensan resolver la situación,...].

o plano de emergência que com ele pensam resolver a situação.

O plano de emergência que com ele pensam resolver a situação.

(LOPE BLANCH, 1986:123-126)

En los ejemplos (55) y (56) y en el que viene a continuación, el (57), según la propuesta de análisis de Rivero (1982), tenemos un “que” complementante, es decir, en el caso del (57), el pronombre “lo”, con función de OD, se genera en la base del complemento directo tras el verbo “someter” y no tiene lugar en este caso el Movimiento QU. Por lo tanto, lo que tenemos es un “que”

complementante en la posición COMP, que no puede estar vacía, y la función anafórica está a cargo del “los”.

(57) En países_i que era mejor someter~~los~~_i con el señuelo de los adelantos modernos.

em países que era melhor que os conquistássemos com o chamariz dos adiantamentos modernos

Em países que era melhor que os conquistássemos com o chamariz dos adiantamentos modernos

(RIVERO, 1982:217)

En el ejemplo (58) tampoco tenemos un relativo, ya que para la misma autora “[...] la derivación supondría la aplicación del Movimiento QU a un constituyente que se elidiría una vez trasladado.” (RIVERO, 1982:217). Eso porque hay un filtro que impide que en el COMP haya a la vez un “que” complementante y un “que” relativo. Es decir, en su propuesta, Rivero (1982) defiende que no hay duplicidad de elementos (un complementante + un relativo), pues los sintagmas relativos solo aparecen en las construcciones oblicuas, esto es, con preposiciones y artículos (o determinantes) antes del “que” relativo.

(58) En países_i que era mejor someter_i con el señuelo de los adelantos modernos.

em países que era melhor que os conquistássemos com o chamariz dos adiantamentos modernos

Em países que era melhor que os conquistássemos/fossem conquistados com o chamariz dos adiantamentos modernos

(RIVERO, 1982:217)

Por otro lado, con una tercera posición, diferente a la presentada por Rivero (1982), Lope Blanch (1986, 1988) y por Brucart (1999), Trujillo (1990) considera que esa supuesta despronominalización (LOPE BLANCH, 1986, 1988) o reduplicación (BRUCART, 1999) de relativos no existe, pues un pronombre nunca reproduce ni sustituye a su antecedente. Los pronombres únicamente

pueden hacer referencia a sus antecedentes y el hecho de creer en este supuesto poder de reproducción del pronombre relativo es lo que posibilita pensar en duplicación y/o despronominalización. El mismo autor ejemplifica el aspecto no reproductor ni sustituto del pronombre con el ejemplo (59).

(59) Tienes unas manías_i [que no te las_i puede aguantar nadie].

tens umas manias que não pode aguentar ninguém.

Você tem umas manias que ninguém pode aguentar.

(TRUJILLO, 1990:25)

Para el autor, en (59) se puede demostrar la “[...] absurda hipótesis de que ese “que” ‘repite’ a *unas manías*”, pues, si lo pudiera repetir, se consideraría válida la extraña estructura ‘básica’ para la cláusula de relativo: ‘nadie te las puede aguantar unas manías’.” (TRUJILLO, 1990:25). Por lo tanto, podemos ver que Trujillo (1990) no considera, tal como hace la gramática normativa, este tipo de construcción como anómala, consideración, por otra parte, un tanto curiosa, según él, ya que en el ESP actual es una forma de construcción bastante común, aun cuando para la RAE & ASALE (2009:3355), estas construcciones son típicas “[...] del habla conversacional y no pertenecen a los registros formales.”

La segunda estrategia de relativización de las no estándar en el ESP es la de las construcciones en las que el relativo pierde la preposición y el artículo, que aparecerían en una construcción estándar, y tampoco aparece otro elemento en la subordinada para hacer referencia al antecedente, un fenómeno semejante al de las relativas *cortadoras* en el PB, que según la RAE & ASALE (2009:3359) en el ESP no pasaría de un recurso sintáctico que “[...] se corresponde bien con la rapidez, la improvisación y la inmediatez, características de la lengua oral”. En este tipo de construcción, no aparece “[...] el vínculo necesario para conectar la subordinada con su antecedente, lo que precisa de menos operaciones sintácticas, al menos manifiestas.” (RAE & ASALE, 2009:3359), y por lo tanto entendemos que en estos casos el relativo perdería su función de pronombre para volver a tener solamente la función de complementante, como podemos ver en:

- (60) Unos muchachos_i [que él todavía no había salido__].
 uns garotos que ele ainda não tinha saído.
 Uns garotos que ele ainda não tinha saído.
- (61) (...) unos muchachos_i [que ella todavía no se había hecho amiga__].
 (...) uns garotos que ela ainda não se tinha feito amiga.
 (...) uns garotos que ela ainda não tinha feito amizade.
- (62) Me hicieron unos lentes_i [que no veo absolutamente nada__].
 me fizeram uns óculos que não vejo absolutamente nada.
 Me fizeram uns óculos que não vejo absolutamente nada.
- (63) El abogado_i [que hicimos el acuerdo__]¹⁹.
 o advogado que fizemos o acordo.
 O advogado que fizemos o acordo.

(RAE & ASALE, 2009:3359)

En el ejemplo (60), se verifica el uso del “que” sin la presencia de la preposición “con” y del artículo “los” (con los que); en el ejemplo (61), se verifica el uso del “que” sin la presencia de la preposición “de” y del artículo “los” (de los que); en el ejemplo (62), se verifica el uso del “que” sin la presencia de la preposición “con” y del artículo “los” (con los que); y en el ejemplo (63) se verifica el uso del “que” sin la presencia de la preposición “con” y del artículo “el” (con el que). La RAE & ASALE (2009) clasifica los ejemplos anteriores como “relativas no pronominales”, puesto que son oraciones que no presenten marca pronominal en la subordinada. En estos casos, la partícula “que” es el único vínculo sintáctico con el elemento a que se subordinan. Además, afirma que este tipo de construcción relativa es propia “[...] de la lengua coloquial relajada o espontánea, muy infrecuente en la escrita e igualmente inadecuadas en los registros formales.” (RAE & ASALE, 2009:3359).

La RAE & ASALE (2009) muestra que hay gramáticos que consideran que en estas construcciones el “que” es una conjunción subordinante y otros que lo consideran un relativo desprovisto de función sintáctica en la relativa, por eso le

¹⁹ Cabe señalar que en los ejemplos (60), (61), (62) y (63) no hemos puesto la marca de la huella relativizada, sino, y solamente, la marca del vacío, porque según la propuesta de la RAE & ASALE (2009), en estos casos, hay menos operaciones sintácticas, lo que nos hizo comprender que no hay movimiento QU.

han atribuido el nombre de relativa “no pronominal”. Si este tipo de relativa fuese gramatical, puesto que muchos gramáticos la consideran agramatical²⁰, entendemos que el “que” en estas construcciones relativas no sería un pronombre relativo, sino un complementante.

Actualmente, se pueden encontrar ejemplos de este tipo de relativización en el ESP, pero las lecturas realizadas nos indican que este fenómeno aún tiene su uso muy restringido con algunas preposiciones, como en el caso de la preposición “con”, y menos restringido con otras preposiciones, como en el caso de las preposiciones “en”, “a” y “de”. En la RAE & ASALE (2009) vemos que, entre los ejemplos de las relativas “no pronominales”, solo hay construcciones en las que no aparecen las preposiciones “de”, como en el (61), y “con”, como en los ejemplos (62) y (63). En cualquier caso, parecería ser que este fenómeno está bastante menos aceptado en el ESP que en el PB. Sin embargo, no tenemos hasta el momento estudios descriptivos y/o cuantitativos (o por lo menos no hemos tenido acceso a ellos) que nos permitan afirmarlo con seguridad.

La RAE (1973) registra un tipo de construcción en el apartado sobre los pronombres relativos que considera como “[...] infracciones más o menos sancionadas por el uso literario [...]” (RAE, 1973:529), semejante al que hemos mencionado, en el que nos muestra un uso del “que” sin preposición y bastante generalizado, pero solamente cuando el antecedente expresa tiempo o lugar, como vemos en (64) y (65), respectivamente.

(64) Le hicieron levantar del asiento_i [que_i²¹ estaba t_i].

o fizeram levantar do assento que estava.

Fizeram ele (se) levantar do assento que estava.

²⁰ Los conceptos de “gramatical” y “agramatical” adoptados por la RAE y por otros estudios consultados nos parecen claramente normativos. En este trabajo, estos conceptos, se emplearán con otro valor, es decir, los utilizaremos en contextos en los que los enunciados sean posibles o no de producción por parte de nativos de ambas lenguas, aunque no estén legitimados por la norma, puesto que no trabajamos con las nociones de “correcto” o “incorrecto”, sino con los límites de lo posible desde la perspectiva de la GU.

²¹ Vale recordar que ponemos el índice de referencia en el “que” siempre que presentamos la propuesta de que este “que” es un pronombre relativo. Por otro lado, no ponemos el índice de referencia en el “que” cuando la propuesta es la de que el relativo se elide y queda solamente el “que” complementante. En los ejemplos (64) y (65) el “que” con índice de referencia sigue la propuesta de análisis que nos presenta la RAE (1973).

(65) Te echarán del taller_i [que_i trabajas t_i].

te despedirão da oficina que trabalhas.

Vão te despedir da oficina que você trabalha.

(RAE, 1973:529)

En los ejemplos (64) y (65) vemos la falta de la preposición “en” y del artículo “el” que aparecerían obligatoriamente en relativas preposicionales, como vemos en (66) y (67):

(66) Le hicieron levantar del asiento_i [en el que_i estaba t_i].

o fizeram levantar do assento em que estava.

Fizeram ele (se) levantar/Fizeram-no levantar(-se) do assento em que estava.

(67) Te echarán del taller_i [en el que_i trabajas t_i].

te despedirão da oficina em que trabalhas.

Vão te despedir da oficina em que você trabalha.

Según la RAE (1973:529), “[...] en el habla coloquial popular abundan los casos de este uso en frases que el habla culta evita y los gramáticos censuran como vulgarismos.”. Pese a lo mencionado, se entiende que los gramáticos de línea más normativa no ven como construcciones diferentes los ejemplos (64) y (65) frente a los ejemplos (66) y (67), sino que los consideran como una construcción típica del habla coloquial popular, por lo tanto, en estos casos, la función del “que” sigue siendo la de pronombre relativo.

En relación con la aparición o no en determinadas construcciones con la preposición “en”, Rivero (1982:208) explica que “Hay una clase de complementos de tiempo que carecen de preposición y pueden ser considerados como Sintagmas Nominales [...]”. Según la propuesta de Rivero (1982), el “que” de estas construcciones, como en (68) y (69), nuevamente, no está analizado como un pronombre relativo, sino como un complementante.

(68) La mañana_i [que llegué t_i].

a manhã que cheguei.

Na manhã que cheguei.

(69) La tarde_i [que fui a verlos t_i].

a tarde que fui vê-los.

A tarde que fui vê-los.

(RIVERO, 1982:208)

Como sigue señalando la misma autora, la conmutación del “que” por un pronombre relativo es la prueba de que este “que” no es un relativo sino un complementante, porque, según ella, transformaría ambas construcciones en agramaticales, como vemos en (70) y (71).

(70) *La mañana la cual llegué.

(71) *La tarde la cual fui a verlos.

Ahora bien, si las mismas construcciones aparecen con la preposición “en” y el artículo “la”, como en los ejemplos (72) y (73), este “que” que aparece junto a la preposición y al artículo es un relativo, porque en este caso, el “que” relativo no se elide, se hace otro tipo de análisis sintáctico y se ve que ha ocurrido el Movimiento QU.

(72) La mañana_i [en (la) que_i llegué t_i].

a manhã em que cheguei.

A manhã em que cheguei.

(73) La tarde_i [en (la) que_i fui a verlos t_i].

a tarde em que fui vê-los.

A tarde em que fui vê-los.

Esta opcionalidad de construcción también ocurre, según la misma autora, con la preposición “a”, como vemos en (74), un ejemplo del “que” complementante, y (75), un ejemplo del “que” relativo.

(74) El profesor_i [que visitamos t_i ayer] es poeta.

o professor que visitamos ontem é poeta.

O professor que visitamos ontem é poeta.

- (75) El profesor_i [al que_i visitamos t_i ayer] es poeta.
o professor ao que visitamos ontem é poeta.
O professor que visitamos ontem é poeta.

Para Rivero (1982:208), los pares de ejemplos mencionados – (68) (72) y (74) (75) – muestran una opcionalidad de uso de las preposiciones “en” o “a”, respectivamente. En estos casos, los mencionados ejemplos no serían agramaticales cuando aparecen sin la preposición, sino que pasarían por un análisis diferente de la estructura sintáctica. En los ejemplos (60), (62) y (63), al contrario, la ausencia de la preposición “con”, según la misma autora, hace que la construcción aún sea considerada agramatical por muchos lingüistas, como vemos en (76).

- (76) *La capa que te cubres.

Son estas las construcciones que la RAE & ASALE (2009) denomina “relativas no pronominales” y que en el PB entran en el grupo de las construcciones conocidas como *cortadoras*; en esta variedad de lengua, al contrario de lo que sucede con el ESP, son muy productivas, tanto en la oralidad como en la escrita.

Para terminar esta sección, presentamos el cuadro 1, con un resumen de las posibles estrategias y las distintas nomenclaturas que se utilizan para referirse o describir estos fenómenos e interpretar la relativización en el PB y en el ESP.

Cuadro 1: Resumen de las estrategias de relativización en el ESP y en el PB.

PORTUGUÊS BRASILEÑO		
<i>Relativa padrão</i>	Relativa con hueco, sin preposición	<i>A menina_i [que_i vi t_i] é francesa.</i>
	Relativa con hueco, con preposición, piedpiping	<i>Estou procurando professores para a escola_i [em que_i trabalho t_i].</i>
<i>Relativa não padrão</i>	<i>Relativa copiadora</i>	<i>Estou procurando professores para a escola_i [que trabalho nela_i].</i>
	<i>Relativa cortadora</i>	<i>Estou procurando professores para a escola_i [que trabalho t_i].</i>
ESPAÑOL		
Relativa estándar	Relativa con hueco, sin preposición	Ana es la estudiante _i [que _i necesitamos t _i].
	Relativa con hueco, con preposición, piedpiping	El abogado _i [con quien _i hicimos el acuerdo t _i]
Relativa no estándar	Relativa de reasuntivo, (re) duplicación de relativos, despronominalización de relativos	Se trata de una idea _i [que ayer daba vueltas sobre ella _i].
	Relativa no pronominal	El abogado _i [que hicimos el acuerdo _].

Presentamos también el cuadro 2, que resume las semejanzas y el cuadro 3 las diferencias entre las relativas especificativas, objeto de este estudio, de OD y de OP, en las dos lenguas.

Cuadro 2: Resumen de las semejanzas entre las relativas de OD y de OP en el ESP y en el PB.

SEMEJANZAS ENTRE LAS RELATIVAS DE OD Y OP
<p>En el PB (<i>A moça_i [que eu gosto t_i] é sua irmã</i>) y en el ESP (<i>La tarde_i [en la que_i fui a verlos t_{ij}]</i>), si hay una preposición en la relativa, tenemos el Movimiento QU de todo el sintagma y un pronombre relativo en COMP.</p>
<p>En el PB (<i>A moça_i [que eu falei t_i ontem] está aqui.</i>) y en el ESP (<i>La tarde_i [que fui a verlos t_{ij}].</i>), no se acepta un “que” complementante y un “que” relativo juntos en la misma construcción relativa.</p>
<p>En el PB (<i>A cadeira_i [que o assento dela_i será reformado] é muito confortável</i>) y en el ESP (<i>Tienes unas manías_i [que no te las_i puede aguantar nadie]</i>), si no aparece la preposición, pero aparece el reasuntivo no se produce el Movimiento QU y en el COMP tenemos el elemento lexical complementante “que”, el mismo que aparece en construcciones sustantivas.</p>

Cuadro 3: Resumen de las diferencias entre las relativas de OD y de OP en el ESP y en el PB.

DIFERENCIAS ENTRE LAS RELATIVAS DE OD Y OP
<p>En el PB el OD no aparece con preposición cuando es [+humano] (<i>Este é o menino; [que_i deram a bolsa t_i]</i>).</p> <p>En el ESP el OD de rasgo [+humano] lleva preposición (<i>Esa es la alumna_i [a quien/a la que/a la cual_i buscábamos t_i]</i>).</p>
<p>La <i>cortadora</i> del PB aparece más para complementos (<i>O bom funcionário abençoa a empresa_i [que trabalha t_i]</i>) y adjuntos preposicionales (<i>Aquele é o rapaz_i [que eu estava falando t_i ontem]</i>). Sin embargo, la reasuntiva aparece más para los genitivos (<i>Você acumula pontos todos os meses para fazer aquela viagem_i [que sonha t_i todos os dias]</i>).</p>
<p>En el PB no hay restricciones con relación a la preposición, es decir, se puede elidir la preposición “em” (<i>A casa que eu moro é confortável</i>), “de” (<i>O chocolate que gosto é do tipo meio amargo</i>) y “com” (<i>A pessoa que falei é o diretor</i>).</p> <p>En el ESP las construcciones relativas en las que se elide la preposición “a” (<i>El profesor_i [que visitamos t_i ayer] es poeta</i>), “en” (<i>Esa es la casa_i [que vives t_i]</i>), y “de” (<i>(...) unos muchachos_i [que ella todavía no se había hecho amiga t_i]</i>) son posibles y más productivas pero en las que se elide la preposición “con” (<i>*Esa es la casa_i [que sueño t_i]</i>) aún están consideradas como agramaticales por muchos lingüistas.</p>

IV. El “que” en las construcciones relativas en el español y en el portugués brasileño

Tanto para el ESP como para el PB el “que” es el elemento más productivo para la subordinación y para la relativización, con función de complementante o de pronombre relativo, según la línea teórica que se siga.

Los gramáticos normativos españoles y brasileños, cuyos objetivos son básicamente prescriptivos, no establecen una distinción entre la función del “que” de las relativas oblicuas, como en (77) y (78), del “que” de las construcciones relativas no oblicuas, como en (79) y (80), siendo este “que”, en ambos casos, analizado como un pronombre relativo.

(77) Esa es la casa_i [en la que_i vivíamos t_i].

(LICERAS, 1986:77)

(78) *Essa é a casa_i [na qual_i vivíamos t_i].*

esa es la casa en la cual vivíamos

Esa es la casa en la cual vivíamos.

(79) El día_i [que_i tú naciste t_i].

(LICERAS, 1986:77)

(80) *O dia_i [que_i você nasceu t_i].*

el día que tú naciste

El día que naciste.

Esta posición se justifica, en los análisis de corte normativo, por el hecho de que el “que” puede ejercer diferentes funciones sintácticas cuando es un relativo, como la de sujeto, OD, objeto indirecto, entre otras, según vemos, respectivamente, en los ejemplos a continuación:

(81) El ladrón_i [que_i huía] se escondió detrás de una tapia.

(RAE, 1973:525)

(82) La idea_i [que_i has expresado t_i] no es compartida por todos.

(83) Un estudiante_i [al que_i solo le faltaban dos asignaturas t_i] para acabar la carrera.

(BRUCART, 1999:400-404)

Otro aspecto del “que” que justifica su preferencia y mayor productividad en relación a otros pronombres relativos en el PB y en el ESP es su baja deixis, aspecto que le posibilita hacer referencia a antecedentes con diferentes características de género, número, caso y persona.

Lo más común es que el “que” relativo tenga un antecedente explícito, pero también los hay implícitos es decir, su baja capacidad para ofrecer al lector oyente la posibilidad de encontrar el referente, como podemos ver en los ejemplos del PB y del ESP, (84) y (85) en el ESP y (86) y (87) en el PB:

(84) Los alumnos_i [que_i quieran ir al viaje] deben apuntarse en secretaria.

(85) Los_i [que_i quieran ir al viaje] deben apuntarse en secretaria.

(86) *Eu sempre aceito o acordo_i [que_i você propõe t_i].*

yo siempre acepto el acuerdo que tú propones

Siempre acepto el acuerdo que propones.

(87) *Eu sempre aceito o_i [que_i você propõe t_i].*

yo siempre acepto lo que tú propones

Siempre acepto lo que propones.

(PERINI, 2010:193)

La propuesta de análisis del “que” de las relativas no oblicuas como un complementante fue presentada para el *that* del inglés, como en (91), por primera vez por Jespersen (1927, *apud* LICERAS, 1986:43). Chomsky (1977, *apud* LICERAS, 1986:44) también adopta este tipo de análisis y considera el *that*, en estas construcciones relativas, un complementante.

Con relación a las lenguas romances, Kayne (1976, *apud* LICERAS, 1986:44), para el francés, y Cinque (1979, *apud* LICERAS, 1986:44), para el italiano, también propusieron analizar el “que” de las construcciones relativas no oblicuas como un complementante y no como un pronombre relativo.

Rivero (1979, 1982, *apud* LICERAS, 1986:47), para el ESP, afirma que hay solamente un pronombre relativo “que” y este normalmente aparece como “el que”, en las relativas oblicuas, es decir, las preposicionales, como vemos en (88), si bien aparece solamente como “que”, como vemos en (89). En cambio el “que” de las construcciones no oblicuas, como vemos en el ejemplo (90), es un complementante, el mismo que está presente en otras subordinadas. La propuesta de diferenciar el “que” relativo del “que” complementante recoge la diferencia establecida por Bello (1847, *apud* BRUCART, 1999) “[...] ya que solo en los casos de relativización oblicua la secuencia <artículo determinado + *que*> forma constituyente.” (BRUCART, 1999:493).

(88) La casa_i [con la que_i sueño t_i].

(89) El día_i [en que_i tú naciste t_i].

(90) El día_i [que tú naciste t_i].

(LICERAS, 2009)

Liceras (1986), siguiendo esta línea, adopta en parte la propuesta de Rivero (1982) y propone que en las relativas no oblicuas el relativo “que” se elide y lo que tenemos es solamente el complementante “que”. Es decir, para Liceras (1986), el “que” de las no oblicuas, tanto si aparece con artículo como si aparece sin artículo – en este caso el artículo se elide – es siempre un complementante.

En el ESP, como vemos en (89) y (93), los dos papeles del “que” – el de pronombre relativo más el de complementante – nunca aparecen en la misma construcción, porque así como hay un filtro que impide que el inicio de la subordinada (el lugar del COMP), esté vacío, hay también otro que impide que esté ocupado por dos elementos a la vez (complementante + relativo), diferentemente del inglés, como vemos en (91) frente a (92):

(91) *The girl_i [that_i I love t_i].*

la chica que yo quiero

La chica que quiero.

(92) *The girl_i [____i I love t_i].*

la chica yo quiero

La chica que quiero.

(LICERAS, 2009)

Plann (1975, 1980a, *apud* LICERAS, 1986), analiza el “que” en las relativas oblicuas y no oblicuas también como un complementante, esté o no precedido de un determinante; su propuesta de análisis posibilita que haya una preposición más un “que” complementante.

Kato & Nunes (2009) reinterpretan el análisis de Kato (1993b), según la cual en el PB todas las construcciones relativas con “que” tenemos un “que” relativo que se origina en una posición no canónica, y asumen que el constituyente relativizador “que” es un determinante relativo y no un complementante²².

Para los futuros análisis en este trabajo, en los dos tipos de relativas considerados no estándar en el ESP que hemos visto en el apartado anterior, de

²² Como ya hemos mencionado, para más detalles sobre esta propuesta, ver Kato & Nunes (2009).

reasuntivo y *cortadora*, consideraremos el “que” un complementante²³. En las construcciones relativas oblicuas de OP, en las que aparece el “que” junto a preposiciones, lo consideraremos un pronombre relativo.

En el PB, aunque tal vez utilicemos acercamientos diferentes para las construcciones relativas del tipo no estándar, de reasuntivo y *cortadoras*, los resultados sintácticos son semejantes. Por este motivo, quizá podemos utilizar la propuesta de Liceras (1986) para analizar las construcciones relativas, objeto de este estudio, de tipo estándar y no estándar del PB. Según esta propuesta, el “que” de las construcciones oblicuas es un relativo y el “que” de las no oblicuas es un “que” complementante, es decir, no hay tipos diferentes de “que”, independientemente de si se trata de una construcción estándar o de una construcción no estándar en la que faltaría una preposición²⁴.

En el caso de las del tipo estándar, que para Tarallo (1983) tienen un “que” relativo, consideraríamos la observación de Kato (1993b) sobre la dificultad de diferenciar las del tipo estándar de las *cortadoras* en su *output* fonético.

En el caso de las *cortadoras*, la propuesta de Rivero (1982) y Liceras (1986) mencionada antes coincidiría con la propuesta de Tarallo (1983) para el PB, en la que el “que” de estas construcciones ya es un complementante y no pasa por ningún tipo de reanálisis de su función, pues es la elipsis de la *copiadora*, que ya tiene un “que” complementante en su formación. Por lo tanto, tanto para Tarallo (1983) como para las autoras mencionadas, en (93) y (94) el “que” dejaría de tener función de pronombre relativo y volvería a tener función solamente de complementante.

²³ Sabemos que hay distintas líneas teóricas para analizar el “que” de las relativas, sin embargo, analizar y definir la estructura sintáctica de estas construcciones no es el objetivo de nuestro trabajo, lo que hemos hecho hasta aquí es presentar los distintos abordajes y las distintas clasificaciones encontradas en los trabajos consultados. Hemos decidido asumir, sin embargo, la interpretación del “que” de las relativas sin preposición como un complementante, ya que sus propuestas de análisis e interpretación nos han resultado más convincentes que otras.

²⁴ Para el ESP, según los estudios consultados, no se consideran imposibles las construcciones en las que no aparecen las preposiciones “a”, “de”, o “en”, pero algunos lingüistas consideran imposibles las construcciones en las que no aparece la preposición “con”. Para el PB, se nota la falta de todas las preposiciones sin que una de ellas esté considerada imposible, al menos desde puntos de vista no normativos y más descriptivos, algunas son más o menos usuales, pero la caída de la preposición en las *cortadoras* no se considera propiamente imposible de suceder o incorrecta.

(93) *Você acumula pontos todos os meses para fazer aquela viagem_i [que sonha t_i todos os dias].*²⁵

tú acumulas puntos todos los meses para hacer aquel viaje que sueñas todos los días

Acumulas puntos todos los meses para hacer el viaje con el que sueñas todos los días.

(94) *O bom funcionário abençoa a empresa_i [que trabalha t_i].*²⁶

el buen trabajador bendice la empresa que trabaja

El buen trabajador bendice la empresa en que trabaja.

En la misma línea, Bagno (2011), como ya hemos mencionado, respecto a las relativas del PB, afirma que es fundamental tener todo tipo de cuidado al clasificarlas, pues estamos en un área pantanosa e inestable. Además, en ese pantano se están ahondando muchas reglas gramaticales del PB. Es posible que en este pantano esté el “que” relativo de las relativas *cortadoras* del PB, dado que los relativos en el PB están reducidos al conector “que”, que ya no presenta propiedad pronominal o anafórica. Con eso, la existencia de los relativos está cada vez más restringida a los géneros escritos monitoreados. Incluso en dichos géneros, ya hay indicios de una futura extinción, como en el ejemplo (96), de la revista de a bordo de la compañía aérea brasileña Azul, de noviembre de 2016, entre otros que analizaremos en esta tesis. Y para la construcción (96) el mismo autor, el 13 de noviembre de 2016, en su *timeline* del Facebook, hizo el siguiente comentario:

*Bem-vinda, coordenada de novo tipo! "Que" deixa de ser pronome relativo e volta a ser o que sempre foi: mero conectivo. Se esse é o tipo de coisa na língua que você não gosta, mude de língua!*²⁷ (BAGNO, 2016).

²⁵ Ejemplo extraído de la revista de a bordo de la compañía aérea brasileña Azul, edición de noviembre de 2016.

²⁶ Publicación extraída del Facebook en 23 de febrero de 2014 por la Prof^a Dr^a Neide T. Maia González. La construcción estándar referente al ejemplo (15), sería con la preposición “com”, el artículo “a” y el relativo “qual” - *Você acumula pontos todos os meses para fazer aquela viagem; com a qual_i sonha todos os dias* – (‘Acumulas puntos todos los meses para hacer el viaje_i con el que_i sueña todos los días’) - y la construcción estándar referente al ejemplo (16) sería con la preposición “em” y el relativo “que” - *O bom funcionário abençoa a empresa_i em que_i trabalha [...]* – (‘El buen trabajador bendice la empresa_i en que_i trabaja [...]’).

²⁷ ¡Bienvenida, nuevo tipo de coordinada! El “que” deja de ser pronombre relativo y vuelve a ser lo que siempre ha sido: un simple conectivo. Si este es el tipo cosa que no te gusta en la lengua, ¡cambia de lengua! (BAGNO, 2016 – traducción nuestra). En la traducción no es posible

Aún no podemos afirmar que el conjunto de las relativas *cortadoras* formaría este “nuevo tipo de coordinada”, pero sí creemos en la posibilidad de un (re)análisis de la función del “que” como relativo a favor de la función de complementante.

Como vemos, la elección de una u otra designación no es una mera cuestión terminológica. Por un lado, porque tal vez este “que” no tenga el mismo estatuto en el ESP y en el PB, ya que la consolidación del objeto nulo, crucial en el PB, es un fenómeno que, de manera general, no es un hecho generalizado en el ESP y/o se restringe a algunas variedades de dicha lengua que no formaron parte de nuestro objeto estudio (aunque cabe decir que, si bien este trabajo observa de forma más detenida la variedad centro peninsular, no se restringe totalmente a ella, incluso porque muchos de los fenómenos focalizados en la tesis se registran en la mayor parte de las variedades del ESP, como señalan varios de los trabajos consultados); por otro, porque se ve afectado por la misma concepción que se tiene del “que” de las relativas y la teoría en la que esta concepción, y la consecuente designación, se apoya.

V. El papel del antecedente en las relativas no estándar en el español y en el portugués brasileño

Para el ESP, Brucart (1999:398) explica que los antecedentes más comunes en las relativas son los constituyentes nominales, formados por un SN, como vemos a continuación en los elementos subrayados de los ejemplos siguientes:

(95) La casa tenía dos habitaciones; [que_i daban al parque].

(96) La casa tenía dos habitaciones dobles; [que_i daban al parque].

(BRUCART, 1999:397)

reproducir el juego que hace el autor con el hecho de NO usar, en la construcción relativa – *que você não gosta* –, la preposición esperada “de” pues, en el PB, la relativa con hueco sería – *de que você não gosta*.

Sin embargo, aunque sean los más frecuentes, los constituyentes nominales no son los únicos elementos que cumplen la función de antecedente en las relativas. También pueden ser antecedentes los pronombres personales, como vemos en (97), los adverbios pronominales, en (98), las oraciones, en (99), y los sintagmas preposicionales, en (100).

(97) Él_i, [que_i no está acostumbrado a perder], encajará este revés como injusticia.

(98) Iremos allá_i [donde_i tú digas].

(99) Improvisó un discurso brillantísimo_i, [lo cual_i provocó general admiración].

(100) Iremos de vacaciones en la primavera_i, [cuando_i haya terminado este capítulo].

(BRUCART, 1999:397-444)

Con relación al papel del antecedente en las relativas de reasuntivo, consideramos que el rasgo [+/-definido] es de fundamental importancia en esta investigación, pues con antecedentes de rasgo [+definido] el pronombre anafórico, además del relativo, normalmente no aparece en la relativa, razón por la cual, para Trujillo (1990), no son muy naturales las siguientes construcciones:

(101) *Es el libro_i que me lo_i recomendó el profesor.

(102) *Tenía las novelas_i que no las_i había visto nunca.

(103) *Poseía la mala educación_i que no la_i vemos en la gente del pueblo.

(TRUJILLO, 1990:30)

Por otro lado, según diferentes lingüistas, como Trujillo (1990), Brucart (1999) y Suñer (1998, *apud* LICERAS y SENN, 2009), cuando el rasgo de los antecedentes es [-definido], es más frecuente y más aceptable que aparezca en la relativa un pronombre anafórico, en comparación con las construcciones con antecedente de rasgo [+definido], como vemos en:

(104) Es un libro_i [que me lo_i recomendó t_i el profesor].

(105) Tenía algunas novelas_i [que no las_i habíamos visto t_i nunca].

(106) Poseía esa mala educación_i [que no la_i vemos t_i nunca en la gente del pueblo].

(TRUJILLO, 1990:30)

Esto muestra que el diferente nivel de definitud del antecedente puede ser un aspecto importante en el uso de pronombres reasuntivos dentro de las relativas.

Según la RAE & ASALE (2009), otro importante rasgo de los antecedentes en las relativas de reasuntivo, que favorecería el uso de pronombres anafóricos dentro de las relativas, es el de [+distancia], es decir, la distancia que hay entre el pronombre relativo y el verbo de la relativa. Además, si entre ellos hay otros elementos, es frecuente que junto al verbo aparezca un pronombre que retome el contenido anterior, es decir, el contenido del relativo. Además, es importante recordar que cuanto mayor sea la distancia entre estos elementos, más posibilidades habrá de que aparezca una nueva información, lo que facilitaría el surgimiento de pronombres reasuntivos con el objetivo de recuperar los antecedentes para luego dar continuación al proceso comunicativo, como vemos en (107).

(107) (...) llevar a la T.V. la gran producción que todavía no ha sido llevada, manejar los elementos más importantes_i que tenemos nosotros acá y [que yo los_i conozco] y sé cuáles son...

(BORZI y MORANO, 2009:78)

Para Brucart (1999, *apud* LICERAS y SENN, 2009), la oración (108) es más aceptable que la (109). En la (109) el pronombre relativo y el hueco relativizado están más próximos, lo que dificultaría la aceptación de este pronombre, sin que intervenga un sujeto explícito, el SN “algunos testigos”, y el pronombre esté ligado al infinitivo de la perífrasis verbal “haberlo visto” y no inmediatamente después del relativo “a quien lo vieron”, lo cual lleva a que la construcción de (109) sea menos frecuente y aceptable que la (108).

(108) El atracador_i, [a quien_i algunos testigos aseguran haberlo_i visto por la zona anteriormente], entró en el banco a cara descubierta.

(109) El atracador_i, [a quien_i lo_i vieron por la zona anteriormente], entró en el banco a cara descubierta.

(LICERAS y SENN, 2009: 11)

En el PB, según Tarallo (1983) y Mollica (1997), los rasgos [+humano], [+plural] y [-definido] de los antecedentes favorecen el uso de pronombres reasuntivos en las relativas *copiadoras*, independientemente de la función sintáctica del relativo en la construcción subordinada. Mollica (1997:172) defiende que el uso de un elemento correferente del SN antecedente en la relativa ocurre por una necesidad discursivo-pragmática, lo que justifica que no se use el reasuntivo en (110) y su uso en (111), que, aunque esté estigmatizado, es muy frecuente en la oralidad:

(110) *Eu conheço um carpinteiro; [que_i trabalha muito bem].*

yo conozco un carpintero que trabaja muy bien

Conozco un carpintero que trabaja muy bien.

(111) *Aquele é o rapaz; [que eu estava falando dele; ontem].*

aquel es el chico que yo estaba hablando de él ayer

Aquel es el chico del que estaba hablando ayer.

(MOLLICA, 1997:171)

Esta autora también señala que la naturaleza morfosemántica del SN antecedente de la cláusula relativa es otro aspecto que puede determinar el uso de pronombres reasuntivos a favor de la funcionalidad de la comunicación, por lo tanto, según ella (1997:173), [...] *os sintagmas nominais de base pronominal não estão sujeitos ao processo de anaforização, enquanto os de base nominal submetem-se variavelmente ao processo.*²⁸

(112) *?Aquele dia eu tava com pressentimento do que ele ia acontecer.*

aquel día yo estaba con presentimiento de lo que él iba a pasar

Aquel día presentía lo que iba a pasar.

²⁸ Los sintagmas de base pronominal no están sometidos al proceso de anaforización, mientras que los de base nominal sí se someten de forma variable al proceso. (MOLLICA, 1997:173 - traducción nuestra).

(113) *Tem um senhor_i também [que ele_i reza a pessoa].*

hay un señor también que él bendice la persona

Hay también un señor que reza la persona.

Por todo ello y por el hecho de que [...] *a língua não costuma pronominalizar elementos com o mesmo traço categorial, pois seria mera redundância, desprovido de valor funcional.*²⁹ (MOLLICA, 1997:173), se considera que el ejemplo (112) es poco probable que ocurra y el (113) es perfectamente posible en el PB actual.

Entre los rasgos de los antecedentes [+/-humano], [+/-plural], [+/-distancia] y [+/-definido], considerados como los que contribuirían para la formación de relativas de reasuntivo en el PB y en el ESP, en esta investigación, analizaremos los dos últimos: los rasgos [+/-distancia] y [+/-definido], por el hecho de que son los que más causan dudas, según los estudios comparados, entre el PB y el ESP que hemos consultado.

VI. La definitud, la determinación y la distancia en las relativas no estándar en el español y en el portugués brasileño

En este apartado nos proponemos discutir el papel del rasgo [+/-definido] de los antecedentes de las relativas de OP y relativas de OD, los dos tipos de relativas que estamos estudiando en este trabajo. Lo hacemos porque creemos que este rasgo puede estar relacionado con las preferencias de formación de relativas no estándar en cada una de las dos lenguas con las que trabajamos y también con las preferencias que tienen los hablantes de cada una de ellas.

En relación a la definitud, podemos decir que es el indicio de que, en el contexto, el referente del SN es identificable para el receptor del mensaje, pues “[...] el rasgo de definitud [...] contiene una información gramatical que sirve para restringir la construcción de una interpretación adecuada por parte del receptor [...] y contribuye así decisivamente a la cohesión del discurso.” (LEONETTI, 1999:791). Por lo tanto, la definitud indica que la información sobre el referente

²⁹ La lengua no suele pronominalizar elementos con el mismo rasgo categorial, pues sería mera redundancia, desprovista de valor funcional. (MOLLICA, 1997:173 – traducción nuestra).

es compartida por los interlocutores, y “[...] el rasgo central de las expresiones definidas es, por tanto, la identificabilidad del referente.” (LEONETTI, 1999:38).

En los diferentes estudios consultados, la cuestión del rasgo [+/-definido] de los antecedentes se revela como un aspecto de fundamental importancia en la formación de las relativas de reasuntivo en el ESP y en el PB y de las *cortadoras* en el PB. Esto ocurre debido a los diferentes recursos sintácticos usados por las lenguas mencionadas y por los objetivos comunicativos que estos usos cumplen en cada una de las lenguas.

En el PB, como ya se ha mencionado, el rasgo [-definido] de los antecedentes de las relativas posibilita que aparezcan pronombres reasuntivos en la construcción relativa, independientemente de la función sintáctica del relativo en la subordinada.

(114) *Aquela é uma aluna_i [que trabalhei com ela_i no doutorado].*

aquella es una alumna que trabajé con ella en el doctorado

Aquella es una alumna con quien trabajé en el doctorado.

Sin embargo, estas relativas en el PB, como vemos en (115) y (116), según los estudios consultados, están bastante estigmatizadas y en la actualidad la tendencia es sustituirlas por la relativa *cortadora*, como vemos en (116).

(115) *Um livro_i de história [que a capa dele_i está rasgada] merece ser encadernado.*

un libro de historia que la portada de él está rota merece ser encuadernado

Un libro de historia que su portada está rota merece ser encuadernado.

(CASTILHO, 2010:367)

(116) *Um livro_i de história [que a capa t_i está rasgada merece ser encadernado].*

un libro de historia que la portada está rota merece ser encuadernado

Un libro de historia que su portada está rota merece ser encuadernado.

No obstante, en el PB, por más que la construcción del ejemplo (115) esté bastante estigmatizadas, en la oralidad está comprobado que ocurre. Además, este tipo de construcción está más aceptado con los genitivos, frente a las *cortadoras*, que se prefieren con los adjuntos y complementos. Cabe mencionar

también que, en el PB, es más probable que en estas construcciones el reasuntivo se realice más bien mediante el uso de un pronombre tónico que de un pronombre átono, tal como, según diversos estudios, ocurriría en el ESP.

En el ESP, la relativa de reasuntivo es aceptable si el antecedente es [-definido] (BRUCART, 1999; SUÑER, 1998, *apud* LICERAS, 2014). Para Trujillo (1990), es el diferente grado de determinación de los antecedentes lo que aumenta o disminuye la probabilidad de que aparezcan las relativas de reasuntivo. En una construcción relativa en la que el antecedente tenga marca de definitud, normalmente no aparece el pronombre anafórico además del relativo, razón por la cual no son naturales las siguientes construcciones (TRUJILLO, 1990):

(117) *Es el libro_i [que me lo_i recomendó el profesor].

(118) *Tenía las novelas_i [que no las_i había visto nunca].

(119) *Poseía la mala educación_i [que no la_i vemos en la gente del pueblo].

(TRUJILLO, 1990:30)

Por otro lado, cuando el antecedente aparece en la oración con rasgo [-definido], aunque forme parte de la información conocida, también llamada tema³⁰, es quizá más natural que aparezca un pronombre anafórico³¹, como en (120), (121) y (122).

(120) Es un libro_i [que me lo_i recomendó el profesor].

(121) Tenía algunas novelas_i [que no las_i habíamos visto nunca].

(122) Poseía esa mala educación_i [que no la_i vemos nunca en la gente del pueblo].

(TRUJILLO, 1990:30)

Además del rasgo [-definido], según Brucart (1999, *apud* SENN, 2008), otro factor en el ESP que no solo favorece la aparición del pronombre reasuntivo,

³⁰ Zubizarreta (1999:4.218), considera como tema “[...] aquello de lo cual trata la oración.” Por lo tanto, el concepto de tema está mejor entendido como la información presentada anteriormente, anticipada y/o presupuesta por los interlocutores.

³¹ Pronombre que hace referencia a algún elemento mencionado anteriormente en la oración.

sino que a veces lo transforma en la opción posible, como vemos en (123), en la que el “las” es obligatorio; mientras tanto, (124) se vuelve, según ese autor, agramatical sin el pronombre anafórico por dejar el antecedente demasiado lejos, es decir, es la distancia entre el antecedente y el hueco de la relativización, la que exige un pronombre reasuntivo.

(123) No puedo encontrar las gafas_i [que siempre dejo donde las_i puedo ver].

(124) *No puedo encontrar las gafas que siempre dejo donde puedo ver.

(SUÑER, 1998:335)

Por lo que se refiere especialmente al ESP peninsular – aunque no estamos de acuerdo, sobre todo teniendo en cuenta los avances de los estudios lingüísticos desde el siglo pasado, con que se trate de una “anomalía” –, nos parece interesante observar que el pronombre reasuntivo en la relativa es, según Lope Blanch (1988:494), “[...] la anomalía más frecuente y la más general de todas las que giran en torno al uso madrileño de los relativos.” y, de acuerdo con otros estudios, es una estrategia de uso frecuente en el ESP contemporáneo, aunque sea con antecedente [+definido], tal como vemos en el ejemplo (125).

(125) (...) el Nacimiento_i... [que lo_i estamos ya empezando a armar].

(LOPE BLANCH, 1988:493-498)

Sin embargo, en Liceras & Senn (2009) se puede ver, en uno de los experimentos que hacen las autoras, que los hablantes nativos del ESP no aceptan la posibilidad de construcciones relativas de reasuntivo con antecedentes de rasgo [-definido] ni con el antecedente [+distancia], construcciones que varios lingüistas consideran aceptables y en cierta medida comunes en el ESP contemporáneo.

VII. Las preposiciones en las relativas del español y del portugués brasileño

En este apartado haremos una breve presentación de las preposiciones cuando aparecen en las construcciones de relativo. Según la RAE & ASALE (2009:2223), “Las preposiciones son palabras invariables y por lo general átonas que se caracterizan por introducir un complemento que en la tradición gramatical hispánica se denomina término.” Según Castilho “[...] *são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional*³².” (CASTILHO, 2010:583).

Las preposiciones aparecen, frecuentemente, antecediendo a: (a) grupos nominales, (b) grupos adjetivos, (c) grupos adverbiales, (d) oraciones subordinadas sustantivas y (e) oraciones subordinadas de relativo sin antecedente expreso, como vemos en (126).

(126) Háblame de lo que te preocupa.

fala-me do que te preocupa

Me fala do que te preocupa.

(RAE & ASALE, 2009:557)

Lo que diferencia el ejemplo (126) del (127), a continuación, es que en (126) la preposición “de” está seleccionada por el verbo “hablar”, en la oración principal, y, por lo tanto, queda fuera de la relativa. En el ejemplo (127), la preposición “de” también viene seleccionada por el verbo “hablar”, pero, en este caso, dentro de la oración subordinada, y, por lo tanto, forma parte de la relativa.

(127) La cafetería_i [de la que_i te hablada ayer] está cerrada por vacaciones.

a cafeteria de que te falava ontem está fechada por férias

O café e que te falava ontem está fechada por férias.

La información que complementa la preposición tiene un orden sintáctico rígido, es decir, la preposición siempre se antepone a la información que la completa. Es por eso que, en el ESP, entendemos que desde un punto de vista

³² [...] son palabras invariables que actúan como núcleo del sintagma preposicional. (CASTILHO, 2010:583 – traducción nuestra).

normativo, solo se considera gramatical el ejemplo (128) y en el PB, el ejemplo (130).

(128) La chica_i con quien_i vivo.

(129) ?La chica que vivo con.

(130) *A menina_i com quem_i moro.*

(131) ?*A menina que eu moro com.*

Las construcciones como las que aparecen en los ejemplos (129) en ESP y (131) en PB además muy raras en ambas lenguas no están aceptadas pues, como hemos mencionado, la preposición tendría que anteponerse a la información a la que se refiere y completa. En casos muy puntuales, se registra este tipo de construcción en el PB, como vemos en (132).

(132) *O autor_i [que_i o professor falou sobre na última aula].*

el autor que el profesor habló sobre en la última clase

El autor que el profesor habló sobre en la última clase.

(KENEDY, 2008:95)

En otras lenguas, como el inglés, el movimiento del sintagma preposicional es más flexible y en determinadas oraciones relativas e interrogativas, como vemos en (133), la preposición puede aparecer al final de la subordinada relativa, es lo que se llama preposición colgada o *preposition stranding*, en inglés.

(133) *The teacher who I have talked with few days ago.*

el profesor quien yo he hablado con pocos días atrás

El profesor con quien he hablado hace pocos días.

Con relación a las preposiciones en ESP, no haremos un inventario sobre ellas, sino una pequeña explicación de los sentidos que las más usuales pueden adoptar en diferentes contextos en las oraciones relativas.

Con relación al ESP, es importante señalar, primeramente, que no todas las gramáticas coinciden en el inventario de las preposiciones, bien porque algunas son muy poco utilizadas, bien porque han ingresado en el paradigma de

las preposiciones hace poco, bien porque no poseen todas las propiedades que caracterizan esta clase de palabras. Sin embargo, según la RAE & ASALE (2009:2228), “En la actualidad, suele entenderse que las preposiciones del español son las siguientes: a, ante, bajo, cabe, con, contra, de, desde, durante, en, entre, hacia, hasta, mediante, para, por, según, sin, so, sobre, tras, versus, y vía.” Y las preposiciones más recurrentes en las oraciones de relativos, según nuestras lecturas, son “a”, “con”, “de”, “en” y “por”, de ellas nos ocupamos de aclarar sus sentidos y funciones en las relativas.

La preposición “a” es, junto con la preposición “de”, la que “[...] posee usos más claramente gramaticales, como el encabezar complementos indirectos o ciertos complementos directos.” (RAE & ASALE, 2009:2259). Se usa con complementos indirectos y complementos directos de persona y definidos (Quiero a mis amigos), con complementos que expresan destino (Voy a Madrid), localización temporal (Llegó a la una), ubicación y dirección (Voy a la universidad), situación (Están a la izquierda) y orientación (La casa da al norte). Hay también otro grupo de complementos que expresan manera (Cocinar a fuego lento) (RAE & ASALE, 2009:2260), finalidad (Tenemos que ir a ver a mis colegas) o distribución (Nos toca solo un trozo de chocolate a cada uno de nosotros).

La preposición “con” puede anteceder a un grupo de complementos que significan compañía (Patinaba con mi sobrino), colaboración o acción conjunta (Escribe un artículo con él), un instrumento (Llamó con su móvil), un medio o la manera para construir o llevar a cabo algo (Las escuchaba con atención), las cualidades que algo o alguien posee (Piso con terraza) y también puede indicar concesión (Con ser tan inteligente, no parece que entienda lo que sucede) (RAE & ASALE, 2009:566), causa o condición (Se cree que con estudiar poco, aprobará).

La preposición “de” es la preposición española que corresponde a los complementos de genitivo latinos y puede presentar muchos sentidos, “[...]ya que es junto con a, la que posee más usos como elemento gramatical, por oposición a los propiamente léxicos.” (RAE & ASALE, 2010:567). Es decir, desde un punto de vista sintáctico, es una de las preposiciones españolas más polivalentes. Introduce complementos de origen espacial (La estación de la que sale el tren) (RAE & ASALE, 2009:566) y, algunas veces, aunque su uso sea

más restringido, introduce complementos que expresan el origen temporal de algo (Estamos juntos a partir del martes). Sus complementos pueden significar: agente (La palabra de la directora), paciente (La lectura del borrador), poseedor (El ordenador de Ana), una parte del todo (La rama del árbol) (RAE & ASALE, 2009:567), propiedad (el azul del cielo), contenido o materia de la que está hecho algo (Mesa de madera), entre otros significados.

La preposición que más se usa para indicar ubicación, sea espacial (En la sala) o temporal (en invierno), es “en”. Además, puede indicar también término de un movimiento, resultado de un proceso (Entrar en casa), entre muchos otros significados.

Los usos de la preposición “por” están todos relacionados con su valor léxico primario de dirección. Antecede a los complementos de lugar y puede expresar el trayecto o el curso de un movimiento (Iban por la calle principal) y la ubicación aproximada de algo (La tienda está por el barrio gótico). En los complementos temporales, “por” también significa ubicación aproximada (Si no llueve por la primavera habrá sequía en verano) en oposición a la preposición “para”, que indica el tiempo preciso en el futuro (Si no llueve para la primavera habrá sequía en verano) (RAE & ASALE, 2009:570). También introduce complemento agente (La carta fue firmada por ella) entre otros usos.

En lo que se refiere especialmente a la construcción de relativas preposicionales en el ESP, vale mencionar que, para la RAE & ASALE (2010), hay cuatro factores que colaboran para que se acepte una construcción relativa sin un artículo determinado entre la preposición y el relativo. Los factores son: el tipo de preposición, el tipo de oración, el antecedente y la estructura sintáctica de la oración.

Con relación al tipo de preposición, son las preposiciones “a”, “con”, “de”, “en” y, de manera más restringida, la preposición “por”, las que posibilitan que este tipo de relativa pueda aparecer sin artículo, es decir, con la estructura [preposición +que] en vez de [preposición + artículo +que]. En todos casos el uso o no del artículo es opcional.

(134) a que lo sometía / al que lo sometía

(135) con que la había castigado / con el que la había castigado

(RAE & ASALE, 2009:3302)

Aunque se pueda omitir el artículo en las relativas explicativas, es sobre todo en las especificativas donde este fenómeno ocurre con cierta frecuencia.

(136) La pluma estilográfica_i [con la que_i solía firmar los documentos t_i].

(137) La pluma estilográfica_i [con que_i solía firmar los documentos t_i].

(RAE & ASALE, 2009:3303)

Con relación a la omisión del artículo, es importante aclarar que en las relativas con antecedentes [+definido] como (138) y (139) se puede omitir el artículo.

(138) El mensaje_i [en que_i nos envías tu foto t_i] es emocionante.

(139) El mensaje_i [en el que_i nos envías tu foto t_i] es emocionante.

Eso también se puede ver cuando el antecedente es [-definido]. Sin embargo, cuando este es [-definido] hay una mayor preferencia por el uso del artículo entre la preposición y el relativo. La función sintáctica es el último factor que posibilita la omisión del artículo en las relativas preposicionales restrictivas y, según la RAE & ASALE (2010:842) “[...] la omisión se produce más frecuentemente en los complementos circunstanciales que en los de régimen.”, como vemos en (140) y (141):

(140) De ahí que me sorprendiera el desapego con que la ahora condesa hablaba de la emperatriz.

(MOIX, *apud* RAE & ASALE, 2009:842)

(141) [...] como terapia necesaria para conseguir por fin la fama y el dinero con el que había soñado cuando era más que un aprendiz [...]

(ARMAS MARCELO, *apud* RAE & ASALE, 2009:842)

Además, no se omite el artículo en los complementos de nombre (142), ni en los complementos indirectos introducidos por la preposición “a”, como vemos en (143).

(142) El libro [del que / *de que] solo pude leer el prólogo.

(143) El joven [al que / *a que] dieron el premio.

(RAE & ASALE, 2009:842)

Sin embargo, nos preguntamos si no cabría relativizar las explicaciones categóricas que dan las gramáticas normativas, pues parece que los ejemplos a continuación son totalmente posibles en el ESP actual.

(144) La mujer de que te hablaba.

(145) La casa de que te hablaba.

(146) El libro de que te hablaba.

Para los complementos directos es obligatoria la omisión del artículo si se construye la relativa sin la preposición “a”, como podemos ver en los ejemplos (147) y (148).

(147) Una persona_i [que_i deberías conocer].

(148) Una persona_i [a la que_i deberías conocer t_i].

El inventario de las preposiciones en el PB está formado por dos grupos. En el primero se encuentran: *por*, *com*, *a*, *em*, *de*, *para*, y en el segundo, las preposiciones: *contra*, *sem*, *até*, *entre*, *sobre*, *sob*. El primero, formado por preposiciones más gramaticalizadas y el segundo, por preposiciones menos gramaticalizadas (ILARI et al., 2008, *apud* CASTILHO, 2010:588). Las más gramaticalizadas, según algunos ejemplos del mismo autor, son, *cocê* (*com você*), *dum* (*de um*), *docê* (*de você*), *pro* (*para o*), *procê* (*para você*), entre otras; poseen valor semántico complejo y pueden introducir tanto argumentos como adjuntos de los verbos y, por último, son más frecuentes que las preposiciones menos gramaticalizadas.

En lo que se refiere al uso de las preposiciones en el PB, actualmente, estamos en un proceso de uso compartido que poco a poco eliminará y sustituirá unas preposiciones por otras (CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011). Es el caso, por ejemplo, del uso de *em* o *para* en lugar de *a* (*vou no banheiro* [voy en el baño]

vs. *vou ao banheiro* [voy al baño]); el uso de *ni* en lugar de *em*; el uso de *desde* sustituyendo a *de*; el uso de *diante de* en lugar de *ante*; y, por último, el uso de *depois de* en vez de *após*. Este fenómeno tiene consecuencias en diferentes áreas de la gramática, como la dificultad en el uso de la *crase*³³ (*Vou à Espanha* [Voy a España]) y quizás también contribuya en la producción de relativas *cortadoras* en lugar de preposicionales. El PB elimina todo tipo de preposición en las *cortadoras* sin que haya *cortadoras* agramaticales, al menos desde un punto de vista no prescriptivo, sino descriptivo. Es decir, este fenómeno es frecuente, usual y aceptado en el PB actual.

En el ESP, es importante mencionar que en ninguno de los diferentes estudios sobre las relativas preposicionales que hemos encontrado hasta este momento de la investigación hay una aclaración sobre el grado, preferencia y frecuencia de omisión preposicional en las relativas especificativas preposicionales. Sin embargo, por los ejemplos encontrados y estudios de diferentes lingüistas consultados, podemos verificar que se omiten más frecuentemente las preposiciones “en”, “a” y “de” en comparación con la preposición “con”, cuya omisión, en muchos contextos, aparece como poco usual o imposible (RAE & ASALE 2009).

En el siguiente apartado vamos a presentar las preferencias del ESP y del PB en la construcción de relativas.

VIII. Las preferencias del español y del portugués brasileño en la formación y uso de relativas

Tanto en el ESP como en el PB, las relativas especificativas estándar no preposicionales, es decir las que llevan “que” son las preferidas y se construyen de manera semejante, según diferentes estudios y lingüistas consultados (RAE & ASALE, 2009; CASTILHO, 2010; BAGNO 2011, et al.). Sin embargo, en el caso de las relativas especificativas consideradas no estándar, el PB y el ESP se distancian.

³³ Crase: acento grave que marca en la escrita la contracción de la preposición *a* con el artículo *a* o con el pronombre demostrativo (*à* = *a* + *a*; *àquele* = *a* + *aquele*) (HOUAISS Eletrônico, 2009)

La preferencia del PB es por la formación de las conocidas como relativas *cortadoras*, en las que tenemos un “que” complementante, puesto que para su formación se elide el elemento reasuntivo de la construcción *copiadora* en la que el “que” ya es un complementante, como las de (149) y (150). En la versión estándar de los ejemplos mencionados (149) y (150) tenemos el sintagma preposicional que precede el pronombre relativo (*A moça com quem falei ontem está aqui*./La chica con la que hablé. *Não há uma área em São Paulo que a polícia não entre*./No hay un área en São Paulo que la policía no entre).

Las relativas *copiadoras*, en las que, como hemos mencionado, el “que” también es un complementante, como las de (151) y (152), aunque usuales, según dicen los estudios consultados, actualmente están bastante estigmatizadas en la lengua culta del PB.

(149) *A moça_i [que eu falei t_i ontem] está aqui.*

la chica que yo hablé ayer está aquí

La chica que hablé ayer está aquí.

(KATO, 1993b:223)

(150) *Não há uma área_i em São Paulo [que a polícia não entre t_i].*

no hay un área en São Paulo que la policía no entre

No hay un área en São Paulo que la policía no entre.

(CASTILHO, 2010:367)

(151) *A moça_i [que eu falei com ela_i ontem está aqui].*

la chica que yo hablé con ella ayer está aquí

La chica que hablé con ella ayer está aquí.

(KATO, 1993b:223)

(152) *Não há uma área_i em São Paulo [que a polícia não entre nela_i].*

no hay un área en Sao Paulo que la policía no entre en ella

No hay un área en São Paulo que la policía no entre en ella.

(CASTILHO, 2010:367)

En el ESP, la construcción relativa no estándar más frecuente y preferida, según los estudios, es la relativa de reasuntivo átono, como en (153), ya que las relativas de (154) y (155), además de no ser muy productivas, según afirman algunos estudios consultados, están consideradas por muchos como poco probables. Los ejemplos de (156) y (157), el (156), menos aceptable, y el (157),

un poco más aceptable, son posibles en el ESP, pero por lo que hemos investigado serían menos productivos que en el PB.

(153) Tienes unas manías_i [que no te las_i puede aguantar nadie].

tens umas manias que não pode aguentar ninguém.

Tens/Você tem umas manias que ninguém pode aguentar.

(TRUJILLO, 1990:25)

(154) Me hicieron unos lentes_i [que no veo absolutamente nada t_i].

me fizeram uns óculos que não vejo absolutamente nada

Me fizeram uns óculos que não vejo absolutamente nada.

(155) El abogado_i [que hicimos el acuerdo t_i].

o advogado que fizemos o acordo

O advogado que fizemos o acordo.

(RAE & ASALE, 2009:3359)

(156) Esa es la casa_i [que vivíamos t_i].

(157) El día_i [que tú naciste t_i].

o dia que tu nasceste

O dia que tu nasceste/que você nasceu.

(LICERAS, 1986:77)

Además, en diferentes estudios consultados, observamos que otro aspecto que marca la diferencia entre el PB y el ESP en las relativas no estándar de reasuntivo es que el PB prefiere, en este tipo de construcción, el uso de pronombres tónicos o sintagmas nominales, como vemos en (158); el ESP, sin embargo, prefiere el uso de pronombre átonos, como vemos en (159).

(158) *Aquela menina_i [que eles estudaram com ela_i na faculdade] está morando na Inglaterra.*

aquella chica que ellos estudiaron con ella en la facultad está viviendo en la Inglaterra

Aquella chica con quien estudiaron en la facultad está viviendo en Inglaterra.

(159) Bueno, les voy a presentar acá un socio_i nuevo [que yo lo_i conozco desde hace muchos años].

bom lhes vou apresentar aqui um sócio novo que eu o conheço desde há muitos anos

Bom, vou apresentar(-lhes)/apresentar a vocês aqui um sócio novo que eu conheço (ele) há muitos anos.

Es decir, cuando se trata de construcciones relativas no estándar, en cada una de las lenguas con las que estamos trabajando, vemos que la formación sintáctica por un lado es semejante, por otro se observan tendencias y preferencias distintas de cada una de las lenguas, pues la tendencia del PB es la del borrado, por la posibilidad de que en el PB tengamos objeto nulo, y la del ESP es la de la duplicación, es decir, la relativa de reasuntivo, ya que el objeto nulo es bastante restringido. Como vemos, en ambas lenguas es un área en proceso de cambio, en la que los hablantes del PB y del ESP tienen preferencias y opciones de uso distintas, aspecto que nos lleva a pensar, como ya anticipaba González (1994, 1998, 2000, 2005, 2008), que esta área de la gramática también forma parte del grupo de construcciones que caracterizan la existencia de una “inversa asimetría entre el PB y el E”, que la autora define como una diferencia sintáctica entre el ESP y el PB en lo que se refiere al uso de los argumentos verbales, de formas pronominales, de construcciones pasivas, impersonales y de construcciones relativas, entre otras.

IX. Las relativas consideradas estándar vs. no estándar en el portugués brasileño

Antes de pasar el capítulo 2 de la tesis, en este apartado, vamos a presentar una breve discusión sobre la cuestión de las relativas de OP consideradas estándar o no estándar³⁴.

Según diversos estudios, en el ESP y en el PB, las relativas *pied-piping* o de OP con hueco son más complejas y menos usuales que las relativas de OD. En las relativas de OP, tenemos una preposición en el ESP (con, a, de, en) y en el PB (*com, a, de, em*) que aparece junto a un artículo en el ESP (*el, la*) y en el

³⁴ Aunque el objeto de discusión de este apartado sea solamente el PB, haremos comparaciones con el ESP.

PB (o, a) y que antecede el pronombre relativo, además de la huella en la posición relativizada.

Sin embargo, según diferentes estudios, en el caso del PB, es cada vez más frecuente, en diferentes medios y géneros de comunicación, tanto en la escritura como en la oralidad, que la relativa de OP, considerada estándar, pase por una reorganización. En este proceso, no aparece la preposición en su posición canónica, tampoco aparece con pronombre reasuntivo en la relativa. Esta reorganización, bastante común en el PB, forma la relativa *cortadora*, muy productiva y usual, como podemos ver, a continuación, en ejemplos de brasileños que escriben en el PB y en el ESP (como lengua no nativa):

(160) *Uma pessoa que me espelho, que aprendi tanto, que tem o maior coração do mundo, inteligentíssima, maravilhosa, única... (A.C., Facebook, 27/02/2018)*

una persona que me espejo, que aprendí tanto, que tiene el mayor corazón del mundo, inteligentísima maravillosa única

?Una persona que me espejo, que aprendí tanto, que tiene el mayor corazón del mundo, maravillosa, única³⁵...

(161) *Aquela prima linda que você está com uma saudade enorme de dar um abraço nela. (Aquela prima que..., Facebook, 10/02/2014)*

aquella prima linda que tú echas de menos/extrañas mucho dar un abrazo en ella

*Aquella prima linda que echas mucho de menos/extrañas dar un abrazo en ella.

(162) *Na época que ele cabia no meu colo (F.M., Facebook, 08/11/2013)*

en la época que él cabía en mi regazo

En la época que él cabía en mi regazo.

(163) *Estou arrecadando brinquedos novos e usados para uma festa junina de uma instituição beneficente que trabalho. (M.D., Facebook, 03/04/2017)*

³⁵ Utilizamos las formas no estándares en las traducciones porque están registradas aunque las gramáticas normativas no las consideran muy adecuadas o las clasifican como incorrectas o producto del habla descuidada. Es importante registrar también que no hicimos ninguna investigación para probar el registro y la aceptabilidad de las formas traducidas por eso optamos por el punto de interrogación al inicio de la traducción.

estoy recogiendo/recaudando juguetes nuevos y usados para una fiesta en junio de una institución que trabajo

Estoy recogiendo juguetes nuevos y usados para una fiesta en junio de una institución que trabajo.

- (164) *Ainda não tem um cartão que você pode ficar livre de anuidade? (Publicidad Santander, www.terra.com.br, 24/06/2017)*

todavía no hay una tarjeta que tú puedas quedar libre de anualidad

Todavía no hay una tarjeta que no cobre anualidad.

- (165) *As escolas públicas que faltam verbas para reformas. (Vestibular, 12/2012)*

las escuelas públicas que faltan presupuestos.

Las escuelas públicas que faltan presupuestos.

- (166) Oye, Tiene una canción del grupo Maná que llama Para tu amor que hay los verbos tener quizá pueda ayudar.(J.S., ELEBRASIL, 08/04/2013)

ei, tem uma música do grupo Maná que chama Para tu amor que tem os verbos tener talvez possa ajudar

Ei, tem uma música do grupo Maná que se chama Para tu amor que tem os verbos tener talvez possa ajudar.

- (167) De los países que he vivido y/o visitado, ningún de ellos escuché tanto las palabras: please, thank you, sorry, como acá en USA. Impresionante! (K.A., Facebook, 05/12/2013)

dos países que vivi e/ou visitei nenhum deles escutei tanto as palavras: por favor obrigado me desculpe como aqui nos EUA impressionante

Dos países que vivi e ou visitei, em nenhum deles escutei tanto as palavras: por favor, obrigado, me desculpe, como aqui nos EUA. Impressionante!

Hemos elegido algunos ejemplos diferentes de los que aparecen en otros apartados de la tesis y podríamos seguir enumerándolos, puesto que, actualmente, según los estudios consultados, las relativas *cortadoras* son más productivas en el PB que las de OP con hueco y parecen dejar sus huellas en la producción en el ESP de hablantes del PBL1, como se ve en (166) y (167). Pese a eso, nos preguntamos si cabe la determinación “relativas estándar” y “relativas no estándar”, o la determinación en que la relativa *cortadora* sería un caso

“especial” de construcción. ¿Realmente sería un caso especial si es más usual y común que el caso regular?

La relativa *cortadora* es tan fuerte actualmente en el PB que podríamos decir que forma parte de la lengua vernácula, al contrario de la con hueco, que solo se aprende en la escuela, un aprendizaje que algunos estudiosos comparan al de una LE. Además, por formar parte de la lengua vernácula del PB, creemos que este tipo de producción marca, como vimos en los ejemplos anteriores, la producción en LE/L2. Algo que vamos a poder observar con más precisión, más adelante, en los resultados de los experimentos.

En el ESP, aunque con menos frecuencia, también podemos encontrar este tipo de producción, como podemos ver en los ejemplos a continuación, de producciones de hispanohablantes. Sin embargo, las restricciones al uso del objeto nulo posiblemente afectan esta reorganización y hacen que en el PB este tipo de relativa, actualmente, sea mucho más productivo que en el ESP.

(168) (...) esos archivos que todavía no hemos tenido acceso. (declaración de una señora del País Vasco, en un documental sobre la memoria histórica y la recuperación de cadáveres de personas asesinadas durante el franquismo, el 16/02/2018)

(...) *esses arquivos que ainda não tivemos acesso*

(...) *esses arquivos que ainda não tivemos acesso.*

En este capítulo además de una breve descripción de los procesos de relativización en el PB y en el ESP, señalamos, entre las posibilidades de relativización, las preferencias de una y otra lengua.

Antes de que empecemos el próximo apartado, recordamos que, en este estudio, en las pruebas experimentales y en nuestros análisis, capítulo 3 y capítulo 4, designaremos las relativas estándar como relativa de OD con hueco y relativa de OP con hueco y las relativas no estándar como relativas de reasuntivo y relativas *cortadoras*. En el próximo apartado trataremos de manera resumida sobre la adquisición de la L1, la adquisición de L2 y la adquisición de las relativas en L1 y L2.

Capítulo 2. LA ADQUISICIÓN/EL APRENDIZAJE DE LAS RELATIVAS EN EL ESPAÑOL Y EN EL PORTUGUÉS BRASILEÑO

En este capítulo se presenta, en primer lugar y, de forma escueta, el modelo chomskiano de adquisición del lenguaje. A continuación se presentan algunos estudios sobre la adquisición/el aprendizaje³⁶ de LE/L2. Finalmente, se presenta una selección de estudios sobre la adquisición de relativas como L1 y, por último, una selección de estudios sobre el aprendizaje/la adquisición de las relativas como LE/L2.

I. La adquisición de la lengua nativa

En la primera mitad del siglo XX, el paradigma lingüístico predominante era el de Saussure. La *langue* para Saussure era un objeto social del cual los hablantes apenas dominaban una parte. A partir de la mitad del siglo XX, Chomsky presenta un modelo que cambia el foco de la investigación lingüística del dominio social al dominio del conocimiento lingüístico que poseen los hablantes individuales y se centra en la facultad del lenguaje, es decir es un modelo más centrado en como se representa el lenguaje en la mente y como se procesa el ente 'social' que comparten los hablantes. La raíz de esa propuesta son los estudios de tradición cartesiana, por eso Chomsky se refiere a ese cambio como segunda revolución cognitiva, haciendo referencia a las ideas sobre el lenguaje y la mente de la filosofía del siglo XVII hasta el XIX.

La lengua es, desde la perspectiva chomskiana, un componente biológico de la especie y de la mente humana, representado en el cerebro. La adquisición del lenguaje, una capacidad única y específica del ser humano, de la mente humana y sin análogo en el mundo animal, está asociada a alguna parte específica de la organización mental.

Uno de los fenómenos que separan el lenguaje humano de los sistemas de comunicación animal es el uso normal y creativo del lenguaje. Con el dominio de una lengua una persona entiende un número infinito de expresiones, incluso

³⁶ En este trabajo no trataremos de discutir en profundidad las posibles diferencias entre los procesos de adquisición y de aprendizaje, que sabemos ha sido objeto de muchas discusiones. sin embargo, estamos trabajando con los dos términos porque entendemos que tanto en L1 como en L2 hay determinadas formas que se adquieren espontáneamente y otras que tienen que ser objeto de un estudio más controlado y menos natural.

expresiones nuevas y que no forman parte de su experiencia lingüística. Además, produce muchas expresiones diferentes y es en este sentido que el uso normal del lenguaje es creativo. La base en que se sustenta el uso normal y creativo de la lengua es la llamada gramática universal (GU), una dotación genética, una capacidad innata de la mente, que subyace a la gramática de las lenguas y representa los aspectos comunes a todas las lenguas. La GU es, por lo tanto, una teoría innatista de la adquisición del lenguaje, y se opone así a los modelos anteriores, sobre todo a los modelos conductistas.

La existencia de una GU explica el hecho de que un niño, que no tiene mayor predisposición para aprender una lengua u otra, a partir de la constatación de hipótesis relacionadas con el *input* al que está expuesto, construye o proyecta una gramática predeterminada y adquiere la lengua generada por esa gramática (de ahí que el modelo se conozca como “gramática generativa”) y esto sucede pese al *input* limitado que recibe. El propósito de la gramática generativa es el de intentar explicar cómo, por medio del uso de medios finitos, el hablante es capaz de usar y de generar un número infinito de oraciones de una lengua particular dada y descubrir, así, las propiedades subyacentes a todas las lenguas naturales que se conforman de acuerdo a los principios de la GU.

Tal como lo resume Liceras (1986), el modelo chomskiano de adquisición de lengua gira en torno a tres dimensiones: (a) la biológica, que es el hecho de que el lenguaje se considere un órgano mental con base biológica; (b) la psicológica, que trata de dar cuenta de cómo se adquiere el lenguaje, dónde está localizado en el cerebro y cómo se diferencia este fenómeno del de la adquisición de otras disciplinas; (c) la dimensión de la lingüística formal, que es la propuesta sobre el fenotipo de las lenguas. Este es el modelo de la gramática generativa. Además, la adquisición de una lengua se concibe como una transición del estadio del cerebro en el momento del nacimiento hasta el estadio estable, o sea, del estadio cognitivo inicial hasta el del conocimiento nativo de una lengua natural. Ese estadio cognitivo inicial, la GU, es un sistema rico y estructurado y no una *tabula rasa* como proponen los modelos empíricos.

Las dos principales preguntas que aparecen desde el inicio del programa de la gramática generativa, en la mitad del siglo XX, son: 1) ¿qué es el conocimiento de la lengua?; 2) ¿cómo se adquiere la lengua? La primera etapa de la gramática generativa muestra que, por un lado, el conocimiento implícito

del lenguaje era asequible para el análisis a partir de modelos de tradición formal; por otro, el conocimiento lingüístico intuitivo de los individuos es un sistema de extraordinaria complejidad. Es decir, cada uno de los hablantes de una lengua domina un sistema formal de agrupamiento e interpretación de expresiones lingüísticas. Este sistema se utiliza de modo inconsciente y automático para la producción e interpretación de nuevas oraciones.

En las primeras propuestas de la gramática generativa la hipótesis era que la dotación genética presentaba y ofrecía un formato determinado, tanto para los sistemas de reglas como para el método de selección de su uso en función de la experiencia. Ahora bien, esta propuesta no ofrecía una solución clara para el tema de la adquisición del lenguaje.

En los años posteriores, diferentes estudios intentaron aclarar el tema de la adquisición de lenguas dentro del modelo de la gramática generativa de Chomsky, que ha ido evolucionando, y se ha llamado de distintas formas: Estructuras Sintácticas, Aspectos de la Teoría Sintáctica, Teoría Estándar, Teoría Estándar Extendida, Rección y Ligamiento y, a finales de los años 1970, Principios y Parámetros³⁷, y finalmente, Minimalismo.

Cuando surge el modelo de Principios y Parámetros, la GU funciona como una metateoría gramatical que define los sistemas de reglas que hay que seguir y sus aplicaciones. El papel de quien aprende una lengua es intuir un sistema de reglas a partir de las experiencias y dentro de los límites definidos por la GU. A partir del año 1975, los estudios de sintaxis comparada cambian la propuesta inicial sobre la GU y proponen que algunos de sus principios pueden estar parametrizados y, por lo tanto, pueden cambiar según la lengua. Sin embargo, pronto se evidencia que el concepto de parámetro se puede extender a otros casos de variación sintáctica, lo que acaba con la idea de un sistema de reglas específico para cada lengua particular. Con eso, la GU deja de ser una metateoría gramatical para ser un componente integral de las gramáticas

³⁷ Con la teoría de Principios y Parámetros surge una cantidad importante de trabajos de investigación sobre diferentes tipos de lenguas. Estos estudios presentan nuevos problemas y fomentan el trabajo de otras áreas de investigación también interesadas en la adquisición y procesamiento del lenguaje. En ese momento la cuestión que se discute es la definición de parámetros en un sistema de principios de la GU. La teoría de Principios y Parámetros transfiere la responsabilidad de la explicación de la dotación genética al factor de arquitectura estructural del lenguaje para poder responder a cuestiones fundamentales de la biología del lenguaje, su naturaleza, uso y evolución.

particulares. Así, la GU es un sistema de principios universales, algunos parametrizados, que serán fijados de una determinada manera dentro de un conjunto limitado de opciones. Es desde la GU como, por medio de la fijación de parámetros, se deriva una gramática particular de un determinado modo (portugués, inglés, alemán...) y los sistemas de reglas son computados directamente por los principios de la GU según las opciones paramétricas.

Los presupuestos del modelo de Principios y Parámetros constituyen la nueva manera de ver la adquisición del lenguaje, que en este modelo significa la fijación de parámetros de la GU a partir de la experiencia. Es decir, un niño interpreta los datos del *input* a partir de instrumentos analíticos que le ofrece la GU y los fija a partir del análisis de los datos y de su experiencia lingüística. Con esto, aprender una lengua es seleccionar entre las opciones generadas por la mente las que se relacionan de manera positiva con la experiencia y dejar de seleccionar otras opciones. Este modelo también hizo posible que se planteara que las lenguas son mucho más uniformes de lo que se pensaba anteriormente y este conocimiento de la uniformidad translingüística permitió que se concibiera la GU como el componente fundamental de las gramáticas particulares.

La biolingüística, que empieza a finales de la segunda mitad del siglo XX, abarca el conjunto de las 3 dimensiones mencionadas anteriormente: la biológica, la psicológica y la lingüística formal. En la biolingüística el lenguaje se comprende en todos sus aspectos (sonido, significado y estructura), los cuales forman uno de los posibles componentes de la mente.

Desde la perspectiva de la biolingüística, una lengua es un estado de la facultad del lenguaje³⁸ que tiene propiedades de otros sistemas biológicos y hay 3 factores que contribuyen para el desarrollo del lenguaje en los individuos: los factores genéticos, pues es la dotación genética que permite interpretar parte del medio ambiente como experiencia lingüística; la experiencia, que permite la variación; y los principios no específicos de la arquitectura estructural de la facultad del lenguaje.

Las dos grandes preguntas de la biolingüística son: (a) ¿hasta qué punto los principios aparentes del lenguaje son exclusivamente de ese sistema cognitivo? y (b) ¿es posible o no encontrar elementos semejantes en otros

³⁸ Una lengua I – interna, individual e intencional (la formulación real de los principios generativos y no el conjunto de principios que enumera la lengua).

dominios además del lenguaje, si le damos al lenguaje una explicación por principios? Con objeto de responder a esas dos preguntas se propone el Programa Minimalista. Este modelo cuestiona si es posible que la lengua sea, según criterios determinados, un sistema óptimamente configurado. Para el Minimalismo, la necesidad mínima que las computaciones lingüísticas deben satisfacer es conectar las representaciones por medio de las que la facultad del lenguaje habla con otros componentes de la mente, con la forma lógica³⁹ y con la forma fonética⁴⁰. Además, el Programa Minimalista hace que la investigación verifique si los resultados alcanzados en los estudios de la GU pueden reconstruirse a partir de exigencias minimalistas.

En relación a la adquisición de la lengua materna, hemos presentado un pequeño resumen de la perspectiva chomskiana de la adquisición del lenguaje y de los caminos que fue siguiendo el generativismo para responder a la pregunta fundamental para la teoría de la adquisición del lenguaje. La teoría ha ido cambiando pero las preguntas fundamentales que hemos esbozado siguen esperando respuesta.

II. La adquisición / el aprendizaje de la lengua extranjera

En relación con la adquisición de una L2⁴¹, Liceras (2009) afirma que, igual que en el caso de la adquisición de la lengua materna, el *input* es también limitado. Sin embargo, en el caso de la L1, todos los niños, salvo los que tengan algún problema patológico, adquieren de manera completa, durante la infancia, el lenguaje al que están expuestos. Sin embargo, en el caso de la L2, el éxito y los logros de adquisición son muy distintos. Es decir, en el caso de los niños,

³⁹ Conecta el lenguaje con los sistemas del pensamiento, responsable por las intenciones y formulación de conceptos.

⁴⁰ Conecta el lenguaje con los sistemas sensorio-motores de percepción y articulación.

⁴¹ Nos parece importante aclarar que L2 (lengua segunda o lengua dos) se usa, más bien, en investigaciones lingüísticas para situaciones de bilingüismo, plurilingüismo o multilingüismo, esto es, en las que el aprendizaje ocurre en un contexto natural. LE (lengua extranjera) se usa, con más frecuencia, en las investigaciones lingüísticas cuando el aprendizaje de lengua extranjera se da de manera formal, por parte de jóvenes o adultos y en contexto institucional. Además, actualmente también se usa el término lengua añadida. Sin embargo, en muchos casos, no se separan los términos, puesto que las fronteras y las diferencias no están totalmente claras y, en muchas situaciones, se usan como sinónimos. En este trabajo, sin profundizar en la diferencia y en la discusión teórica entre uno y otro término, usaremos ambas nomenclaturas como sinónimas. Tampoco entraremos en discusiones teóricas sobre el uso de L1 y/o LM (lengua materna) y también usaremos ambos términos como sinónimos.

estos no pueden evitar la adquisición de la L1 con la que tienen contacto dentro del contexto en el que están inmersos; en el caso de los adultos que están en el proceso de aprendizaje de una L2, la mayoría de las veces no alcanzan el éxito, dado que hay muchos y diferentes factores que influyen en este proceso, entre ellos el contexto, la edad, la experiencia lingüística anterior, la instrucción formal, etc. Según Liceras (2009:28), “Selinker (1972) considera que el 5% de los casos en los que el éxito parece absoluto es lo que es patológico en la adquisición de la L2 [...]”. Por eso, el proceso de aprendizaje de una L2 por un adulto es, para este último autor, un fracaso generalizado.

Baralo (2004) explica que para la L1 el camino que se recorre no requiere ningún esfuerzo, puesto que es un contexto de comunicación real y la adquisición ocurre de manera natural. Sin embargo, el aprendizaje de una LE requiere empeño, esfuerzo y mucho trabajo, pues el contexto de comunicación en situaciones de instrucción formal no es el igual al contexto de comunicación real. Y nos preguntamos qué pasaría con el aprendizaje de determinadas construcciones de la L1 que no se adquieren naturalmente, sino en condiciones que se parecen al aprendizaje de la LE/L2, o porque no aparecen con frecuencia en el *input* o porque se restringen a un uso normativo y culto, como es el caso de las relativas *pied-piping* en el PB, que requieren empeño, esfuerzo y mucho trabajo.

Pese a las diferencias, desde una perspectiva mentalista y cognitiva, los estudios sobre la adquisición muestran que hay también semejanzas entre las etapas del proceso de adquisición de la L1 y de adquisición/aprendizaje de una L2 o LE. Una semejanza importante es el orden de adquisición, ya que determinadas estructuras aparecen muy temprano y otras más tarde. Según Baralo (2004), esto no es algo que llame la atención en la lengua materna (LM), ya que todos los niños tienen más o menos la misma secuencia de desarrollo cognitivo, pero sí es algo que llama la atención cuando se trata de adquisición de una LE y principalmente por hablantes con diferentes edades y en diversas situaciones.

Todavía en relación con la adquisición de una LE, sabemos que no hay una única teoría y tampoco una teoría completa que explique la adquisición. Hay teorías que defienden que los principios de la dotación genética de la facultad del lenguaje están disponibles para ayudar al aprendiente a construir la

competencia lingüística de la LE. Otras defienden que estos principios ya no estarían disponibles para los aprendientes adultos y que para construir la competencia lingüística los aprendices tendrían que recurrir a la gramática de su L1 que ya está interiorizada o a otro mecanismo cognitivo.

Liceras (2009), en relación con el aprendizaje de una L2, dice que los adultos aprenden dada la experiencia lingüística previa que tienen y que utilizan las representaciones lingüísticas que ya están disponibles pero de manera reestructurada. Esa reestructuración no ocurre por los mismos procedimientos por los que pasa la estructuración de la lengua materna.

Como vemos, diferentes lingüistas en diversos estudios sobre la adquisición del lenguaje y dentro de un mismo marco teórico, han investigado si el proceso de adquisición/aprendizaje de una L2 era semejante al proceso de adquisición de una L1. Esas investigaciones, defienden que hay semejanzas y diferencias entre el proceso de adquisición de la L1 y el proceso de adquisición de la L2. Por un lado, es natural que en algunas situaciones se adquiriera algún punto específico o parte de la L1 de manera formal, como si fuera L2, por otro, que se adquiriera la L2 en situación real de uso, como en los casos de la L1. Además, hay también semejanzas en las etapas de adquisición de ambos procesos. Lo que aún no está claro son los factores exactos que determinan las diferencias y consecuentemente los logros y la rapidez con que se desarrolla la adquisición de L1 cuando se compara con la adquisición de la LE.

III. Estudios sobre la adquisición /el aprendizaje de relativas como L1

En este apartado, mostraremos algunos estudios realizados por diversos autores sobre la adquisición de las relativas por hablantes de diferentes grupos de L1. Esta breve exposición de estos trabajos nos pareció importante no solo para ver qué tipos de estudios existen sobre la adquisición de las relativas, el tema central de nuestra tesis, sino también para ver qué resultados presentan, teniendo en cuenta la variedad de modelos de adquisición y de lenguas involucradas. En el apartado IV de este capítulo nos ocuparemos de los estudios sobre la adquisición de relativas en L2.

Con respecto a la adquisición de relativas como L1, diferentes investigaciones sobre el inglés, el francés, el ESP y el PB muestran que, aunque

se constate la producción, por parte de los niños, de oraciones *pied-piping* interrogativas, los niños comprenden el significado de las declarativas *pied-piping* y forman parte de su representación gramatical desde muy temprano, pero en la producción de las lenguas mencionadas aparecen tardíamente (McDANIEL et al. 1998, *apud* KENEDY, 2008, GUASTI, 2002, GUASTI y CARDINALETTI, 2003). Es decir, aunque formen parte de la gramática de la lengua nativa de los niños, la producción de las preposicionales aparece en la lengua vernácula tardíamente o mediante la instrucción formal.

McDaniel et al. (1998, *apud* KENEDY, 2008) hicieron un estudio⁴² de la producción oral de relativas preposicionales y de genitivo por un grupo de 115 niños estadounidenses y de un grupo de 20 adultos también estadounidenses. De los resultados obtenidos, nos interesa destacar que, por parte de los niños, hubo una preferencia categórica (95%) por la producción de relativas con la preposición colgada⁴³, mientras que la relativa de reasuntivo y la relativa con el “que” complementante obtuvieron porcentajes muy reducidos, entre el 2% y el 3%, y no se constató la presencia de ninguna relativa preposicional. En el caso de las preposicionales, tampoco hubo registro de producción por el grupo de adultos.

En Guasti (2002), vemos que, en los estudios de McDaniel, McKee y Berstein (1998, *apud* GUASTI, 2002) sobre el inglés, los niños de 3 a 6 años evitaron la producción de *pied-piping* y las rechazaron en las tareas de comprensión y, como hemos indicado antes, prefieren construir relativas con la preposición colgada.

Guasti y Cardinaletti (2003), en el análisis de la producción de dos grupos de niños que están adquiriendo el francés y el italiano, observan que hasta los 10 años hay una ausencia total de relativas *pied-piping* y concluyen que este tipo de construcción aparece como resultado de la escolarización y la enseñanza explícita; además, proponen que el aprendizaje de las *pied-piping* es semejante al de una lengua extranjera. Según las autoras, la estrategia vernácula de los

⁴² En este estudio se hizo un experimento en el que había dos investigadores, uno de ellos le cuenta al niño una pequeña narración. Luego el niño tiene que dar al otro investigador algunas instrucciones a partir de la narración que ha escuchado. El contexto comunicativo proporciona la posibilidad de que se produzcan relativas.

⁴³ Relativa con la preposición colgada que aparece en el experimento: *The girl that the giraffe is sitting on.*

niños es aquella con pronombre reasuntivo, ya que es la más usada por los adultos, independientemente de su escolarización, tanto en italiano como en francés, y, por lo tanto, los niños reciben más *input* de este tipo de construcción.

Para el francés, Labelle (1990, *apud* GUASTI, 2002), en su estudio con pruebas de producción oral inducida, obtuvo 1.348 construcciones relativas producidas por niños franco-canadienses de entre 3 y 6 años. Aunque su objetivo no era solamente el de verificar la producción de relativas *pied-piping*, cabe mencionar que no se registró ninguna producción de relativa preposicional entre todos los niños que participaron en las entrevistas, pero sí una producción abundante de relativas de reasuntivo.

Pérez-Leroux (1995, *apud* KENEDY, 2008) para el ESP⁴⁴, también en un estudio de habla inducida con el objetivo de verificar la productividad de relativas reasuntivas por parte de 26 niños, verificó que las *pied-piping* o preposicionales tienen muy bajo porcentaje, puesto que, de las 381 relativas producidas, solo 35 eran preposicionales, ninguna del tipo *pied-piping*, 14 del tipo *cortadora* y 21 del tipo reasuntiva.

En relación a la adquisición de relativas en el PB, Perroni (2001), en un estudio sobre la adquisición de relativas como L1, observó que aparecen pronombres relativos sin preposición en las funciones de sujeto y objeto, es decir, en las relativas no oblicuas, desde muy temprano, a los 3 años de edad; mientras que en el caso de las relativas con preposición, las *pied-piping*, hay dificultades hasta casi la vida adulta. En este sentido, Corrêa (1998, *apud* PERRONI, 2001) mantiene que hasta los 15 - 17 años, lo que hoy corresponde a la etapa de nuestro *Ensino Médio*, los jóvenes brasileños no aprenden la relativa *pied-piping*, aquella con preposición y pronombre relativo.

Vasconcelos (1992, *apud* KENEDY, 2008) muestra, en un experimento de repetición de oraciones relativas, que los niños portugueses con menos de 10 años de edad no producen relativas *pied-piping*, puesto que, aunque escuchen este tipo de construcción, a la hora de repetirla preferían una *cortadora* o una reasuntiva; además, constata que:

Relativas com foco no sujeito são mais acessíveis do que relativas com foco em constituintes que implicam alteração da ordem canônica.

⁴⁴ En el texto no se especifica la variedad del español estudiada.

*Desse último grupo, as relativas com foco em constituinte predicado de preposição, que exigem pied-piping, revelam-se os mais difíceis para a criança.*⁴⁵ (VASCONCELOS, 1992:535, *apud* KENEDY, 2008:13)

Varejão (2006, *apud* KENEDY, 2008) muestra que, en un grupo de portugueses con poca formación escolar, no hay prácticamente producción de relativas *pied-piping* catalogadas en el corpus Cordial-Sin (Corpus Dialectal para el Estudio de la Sintaxis). Según Kenedy (2008), estos datos son semejantes a los que Tarallo (1983) pudo observar en relación al PB. Esto llama la atención pues, según diversos lingüistas, las relativas *pied-piping* serían más naturales y espontáneas en el portugués europeo (PE) que en el PB, incluso se considera que la relativa *cortadora* es una creación de la gramática del PB que, al contrario del PE, usaría la relativa estándar preposicional con más naturalidad que el PB.

Bartoréo (2000, *apud* KENEDY, 2008), en un estudio también sobre la adquisición de relativas por niños portugueses, analizó un corpus de CHILDES⁴⁶, con 60 narrativas realizadas por 30 niños entre 5 y 10 años, y observó que, de las 134 relativas registradas, solo tres podrían ser preposicionales, pero aparecen como *cortadoras*. Es decir, no hubo ningún registro de producción de relativa *pied-piping* y la *cortadora* aparece como la preferencial.

Kenedy (2007, 2008), realizó un experimento con un grupo de 20 estudiantes hablantes nativos del PB, de edad media de 20 años, y de nativos del PE, con un grupo también de 20 estudiantes, de edad media de 19 años. Dicho estudio, tenía la finalidad de verificar, por un lado, la aceptabilidad de relativas preposicionales *pied-piping*, gramaticales y agramaticales⁴⁷. Por otro lado, ese estudio se proponía verificar la aceptabilidad de relativas *cortadoras* gramaticales y agramaticales.

En dicho trabajo, el autor pudo constatar que: (a) ambos grupos consideraron como aceptable la construcción *cortadora* gramatical y como no aceptable la *cortadora* agramatical; (b) el resultado obtenido para las relativas

⁴⁵ Las relativas con foco en el sujeto son más asequibles que las relativas con foco en constituyentes que implican un cambio del orden canónico. De este último grupo, las relativas con foco en el constituyente predicado de preposición, las que exigen *pied-piping*, parecen ser las más difíciles para el niño. (VASCONCELOS, 1992:535, *apud* KENEDY, 2008:13 – traducción nuestra).

⁴⁶ En ese trabajo no se especifica qué corpus de CHILDES utilizó Bartoréo (2000) en su estudio sobre la adquisición de relativas por niños portugueses.

⁴⁷ Los juicios de gramaticalidad o agramaticalidad en este estudio son propuestos por el lingüista.

preposicionales del tipo *pied-piping* fue una aceptabilidad general tanto para la construcción gramatical, como para la agramatical.

Las respuestas al experimento lograron mostrar que tanto el grupo de brasileños como el grupo de portugueses tuvo la misma reacción frente a construcciones *cortadoras* y quizás [...] *as relativas cortadoras sejam percebidas como uma derivação natural em português, tanto entre brasileiros como também entre portugueses*.⁴⁸ (KENEDY, 2008:17).

En relación con las relativas preposicionales del tipo *pied-piping*, para el mismo autor, es coherente que este tipo de relativas formen parte de una estructura quizás un poco rara para la competencia lingüística natural de los hablantes del PE y del PB. Eso ocurre porque los juicios para este tipo de construcción no son emitidos con la naturalidad esperable, es decir, los juicios de aceptabilidad pueden no responder a intuiciones claras sino a una reflexión basada en lo que se aprendió con la instrucción formal.

IV. Estudios sobre la adquisición / el aprendizaje de relativas como LE/L2

Al igual que en el apartado anterior, esta breve exposición de trabajos que observaron procesos de adquisición/aprendizaje de las relativas en L2 nos pareció importante por las mismas razones, es decir, no solo para ver qué tipos de estudios ya se habían hecho sobre una cuestión que abordamos en la tesis, sino también para ver qué resultados presentan, teniendo en cuenta la variedad de enfoques y de lenguas involucradas.

Ahora bien, en cuanto a la adquisición de relativas en L2, Liceras (1986), en su estudio sobre la adquisición de relativas *pied-piping* – estructura no marcada – y de relativas de preposición colgada – estructura marcada – en el ESP por hablantes nativos de inglés, propone que las reglas de la L1 que son referentes a las estructuras marcadas no se transfieren a la gramática no nativa. Por lo tanto, en ese estudio, no se esperaba la transferencia de las relativas de preposición colgadas del inglés para el ESP. Para verificar su hipótesis, la autora

⁴⁸ [...] las relativas *cortadoras* sean percibidas como una derivación natural en el portugués, tanto entre brasileños como también entre portugueses. (KENEDY, 2008:17 – traducción nuestra)

analizó un grupo de 45 hablantes nativos de inglés aprendices del ESP, su grupo experimental, y otro grupo, formado por 5 hablantes nativos del ESP, el de control. Ambos grupos completaron tres pruebas experimentales, una de traducción, una de juicios de gramaticalidad y, por último, una de rellenar espacios en blanco. Los resultados mostraron que en los niveles iniciantes del ESP, hubo transferencia, aunque muy poca, de la estructura de la construcción relativa con preposición colgada por los hablantes de inglés. Eso ocurrió tanto en la aceptabilidad como en la traducción. Ya en los niveles intermedio y avanzado las relativas con preposición colgada prácticamente desaparecieron, lo que hizo que Liceras (1986) concluyera que los aprendices del ESP nativos de inglés no incluyen estructuras marcadas en la reconstrucción del ESP⁴⁹.

Perpiñán (2008) investigó la adquisición de relativas oblicuas y de preposición nula en el ESP como L2 en dos grupos con diferentes L1: inglés y árabe. Su grupo experimental era integrado por informantes que tenían el inglés y el árabe como L1, y entre ellos, 116 eran aprendices del ESP; integraban su grupo de control 20 nativos del ESP. Los grupos realizaron tres pruebas experimentales, una *self-paced reading task online*, otra también *online* de juicios de gramaticalidad y una de producción oral de relativas. Los resultados de este trabajo mostraron que la L1 puede jugar un papel facilitador o servir como obstáculo en la gramática de la interlengua del aprendiz. En concreto, y de manera general, el área de las relativas oblicuas en el ESP es problemática para los aprendices del ESP como L2 y, especialmente, con relación a las *pied-piping*; se constató, de todas maneras, que el hecho de que existieran en sus L1 ayudó a que los aprendices procesaran y percibieran la preposición.

Por lo que se refiere a la producción de relativas de OD, se constató que mientras el grupo de control se comportó según se esperaba, los grupos experimentales presentaron una mayor variabilidad en sus producciones y la diferencia, en una evaluación estadística, entre los grupos fue significativa.

En cuanto a las oraciones *pied-piping*, aunque la producción del grupo experimental de L1 inglés estuvo por debajo de la producción del grupo de control, se evidenció mayor preferencia por las *pied-piping* que la que hubo por

⁴⁹ Cabe resaltar que en el trabajo citado el objetivo no era estrictamente el de observar las preposiciones en las construcciones relativas, sino el de analizar las construcciones relativas en el ESP producidas por hablantes nativos de inglés.

parte del grupo experimental de L1 árabe, que reveló una baja precisión en la formación de las *pied-piping*. Los del L1 árabe notablemente evitaban construcciones de relativas *pied-piping* o preposicionales y preferían las de sujeto sin preposición. Sin embargo, aunque se verificó una significativa diferencia en la producción de los grupos experimentales, L1 inglés y L1 árabe, la *pied-piping* fue la construcción preferida por ambos grupos y está relacionada con la competencia en la L2.

Para terminar este apartado, cabe resumir lo que dice Liceras (2009) sobre la adquisición de relativas especificativas y que nos sirve de base para las preguntas de investigación e hipótesis. Liceras (2009) explica que, para la adquisición de las relativas especificativas de sujeto⁵⁰ y de OD, como vemos en los ejemplos (169) y (170), es necesario, en el caso de la L1, fijar el parámetro del “que” complementante, ya que un pronombre relativo en estas construcciones, según la autora, las transformaría en agramaticales⁵¹.

(169) El estudiante [*que_i/*quien/*el que/*el cual* llamó ayer]...

(170) Ese es el estudiante_i [*que/*quien/*el que/*el cual* esperábamos *t_i*].

(LICERAS, 2009:53)

Si traducimos los ejemplos (169) y (170) al PB tenemos (171) y (172):

(171) O estudante_i [*que_i/*quem/*o qual* ligou ontem] ...

(172) Esse é o estudante_i [*que/*quem/o qual* esperávamos *t_i*].

En los ejemplos (169) y (170), traducidos al PB en (171) y (172), podemos proponer que el “que” de estas construcciones, en ambas lenguas, no es un pronombre relativo, sino un “que” complementante, lo que nos permite aceptar, sin que en este momento del trabajo tengamos que profundizar en los análisis o

⁵⁰ Si bien en el experimento no incluimos relativas de sujeto, en muchas partes de este trabajo las explicamos y ejemplificamos porque nos permiten completar el análisis que proponemos y la descripción de las estrategias de relativización del E y del PB.

⁵¹ La gramaticalidad o agramaticalidad de una construcción la propone el lingüista y se puede constatar o refrendar con juicios de gramaticalidad de nativos. La aceptabilidad, sin embargo, se relaciona con el uso del lenguaje y también es patrimonio del hablante nativo de una lengua dada, pero puede variar de un hablante a otro en función de las variedades de dicha lengua. En ese sentido, el uso de “que” frente a quien en las relativas sujeto se podría constatar en los datos de corpus escritos y de corpus orales.

proporcionar más ejemplos, que en este caso el ESP y el PB tienen estructuras sintácticas semejantes y las mismas normas de utilización, es decir, se usa el complementante “que” para las relativas especificativas de sujeto y OD.

En inglés, según Liceras, (1986), podemos usar el complementante (*that*) o un pronombre relativo (*that, who* o *which*). En (173) tenemos una relativa de sujeto en la que podemos usar el complementante *that*, el relativo *who*. Y, cuando la relativa no es de sujeto, también se puede elidir el complementante, como se muestra en (174), algo que no es posible ni en el PB ni en el ESP, salvo en casos muy especiales.

(173) *The student_i [that/who phoned yesterday]⁵²...*

el estudiante que/quien llamó ayer

El estudiante que llamó ayer.

(174) *That is the student_i [that/who(m)_i Ø we needed].*

este es el estudiante que/a quien nosotros necesitamos

Este es el estudiante que necesitamos.

(LICERAS, 2009:53)

Por lo tanto, el inglés no funciona como el ESP ni como el PB, ni tampoco como otras lenguas romances como el italiano o el francés. Según esta propuesta, dichas lenguas comparten el mismo parámetro para las relativas no oblicuas, sin el Movimiento QU en la estructura sintáctica, y son diferentes del inglés. Mientras en el ESP y en el PB tenemos que utilizar un complementante en este tipo de construcción, en inglés tenemos tres opciones: la elisión del complementante en las relativas de OD, el uso del complementante (*that*) o el del relativo (*who/whom*), como puede verse en (173) y (174). Es por eso que un niño que adquiere el inglés fijará el uso optativo del Movimiento QU, que le permite el uso del complementante o de un pronombre relativo, mientras que un niño que adquiere el ESP o el PB fijará, en estos casos, el uso único de un complementante.

⁵² En este ejemplo no podemos tener la posición de complementante vacía porque la construcción *The student Ø phoned yesterday*, con la posición del complementante vacía y sin sujeto en la segunda oración no es una relativa.

Por lo tanto, para este estudio, adoptamos la propuesta que define el “que” de las relativas especificativas *cortadoras* y el de las relativas de reasuntivo como un complementante y el “que” de las relativas *pied-piping*, las de OP con hueco (en portugués con *lacuna*) es decir, las que llevan una preposición, como un pronombre relativo. Esta es la posición que adoptaremos para abordar la adquisición/el aprendizaje de relativas de OD y de OP, en el ESP y en el PB en este trabajo.

En este capítulo tratamos de presentar de manera resumida sobre la teoría chomskiana de adquisición de lenguaje, después sobre adquisición de L2, para luego relacionar la adquisición de L1 y L2 con la adquisición de relativas como L1 y L2, nuestro tema de trabajo. En el próximo apartado, vamos a desarrollar, en el capítulo 3, el estudio empírico.

Capítulo 3. EL ESTUDIO EMPÍRICO

En este capítulo se formulan, en primer lugar, las preguntas de investigación y las hipótesis de este estudio. Después presentamos la prueba piloto, los experimentos 1 y 2, seguidamente, el experimento 3 y, por último, el experimento 4. Todos ellos con los siguientes apartados: objetivos, descripción de los participantes, metodología adoptada, forma de recogida de datos y diseño experimental.

En relación con la prueba piloto, podemos afirmar que fue fundamental para la elaboración y toma de decisiones de los experimentos siguientes, pues, a partir de los resultados obtenidos en dicha prueba piloto, elegimos qué observar en los experimentos 1 y 2 y de qué manera hacerlo.

En el experimento 1, una prueba de Juicios de Aceptabilidad, trabajamos con 2 grupos, uno de hablantes del PBL1 y aprendices del ESP como LE (grupo experimental) y otro de hablantes del ESPL1, (grupo de control), hablantes de diferentes variedades del ESP, aunque en su mayoría son hablantes de la variedad peninsular, y nos propusimos investigar y evaluar el grado de aceptabilidad y de preferencia entre las relativas de OP de reasuntivo y *cortadoras*.

En el experimento 2, también una prueba de Juicios de Aceptabilidad, con los mismos grupos de participantes, nos propusimos investigar y evaluar el grado de aceptabilidad y de preferencia entre las relativas de OD de reasuntivo en comparación con las relativas de OD de reasuntivo con el antecedente distante.

En el experimento 3, ahora una prueba de Elección Múltiple, nuevamente con dos grupos, uno de control y otro experimental, pero con otros participantes, nos propusimos investigar y evaluar las tendencias y preferencias de los participantes en relación a las relativas de OP con hueco, de reasuntivo y *cortadora*.

En el experimento 4, una prueba de Elección Forzosa junto con una prueba complementaria de grado de seguridad en relación a la elección hecha, recogimos datos con la finalidad de discutir si en la mente de los hablantes del PB la relativa de OP con hueco, que aparece en las gramáticas prescriptivas como modelo de relativa, es de hecho la relativa estándar para ellos. Es decir, será que es la relativa de OP con hueco la que les parece usual, común y la más

usada en la producción espontánea en el PB, sin que se considere lo aprendido por medio de instrucción formal o, por el contrario, se verá que en la mente de los brasileños que participaron del experimento la relativa estándar es la relativa *cortadora* o quizás la relativa de reasuntivo, ambas consideradas no estándar en las gramáticas prescriptivas.

I. Preguntas de investigación e hipótesis

Pregunta de investigación 1

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP de reasuntivo?

Hipótesis 1

Para intentar contestar esa pregunta, nuestra hipótesis es que por un lado, los hispanohablantes mostrarán una alta aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo en el ESP. Esta hipótesis está basada en las propuestas de los lingüistas en los estudios consultados. Sin embargo, observamos apenas los reasuntivos tónicos y no los átonos, aspecto que quizás puede cambiar la preferencia de los hispanos. Por otro lado, suponemos que los hablantes del PBL1 mostrarán la influencia de la lengua nativa sobre la lengua aprendida, con una alta aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/- definido], dado que, entre las construcciones de reasuntivo, las que llevan un reasuntivo tónico son las más productivas en el PB, si bien se afirma que están bastante estigmatizadas.

Pregunta de investigación 2

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP *cortadoras*?

Hipótesis 2

Por un lado, postulamos, para los hablantes del ESPL1, la hipótesis de que la aceptabilidad de las relativas de OP *cortadoras*, con antecedente [+/- definido] será muy baja, pues el ESP y el PB no tienen las mismas preferencias para este tipo de relativas. Mientras en el PB la posibilidad y la consolidación del objeto nulo favorece las construcciones *cortadoras*, el ESP prefiere la construcción de reasuntivo. Por otro lado, formulamos la hipótesis de que, en los

juicios de aceptabilidad de las relativas del ESP emitidos por hablantes del PBL1, se constatarán marcas de la influencia de su lengua nativa sobre la lengua aprendida ESP, que se evidenciarán en la preferencia por las relativas *cortadoras*.

Pregunta de investigación 3

¿Influye el antecedente [+/-definido] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo?

Hipótesis 3

En relación a esta pregunta de investigación, nuestra hipótesis es que, entre las relativas de OD de reasuntivo, los hispanohablantes tienen preferencia por aquellas que tienen el antecedente [-definido], puesto que, según la teoría lingüística, la distancia entre el antecedente y el hueco (la posición del elemento relativizado) posibilitaría el uso de un reasuntivo, que normalmente aparece cuando el antecedente tiene rasgo [-definido]. Por lo que se refiere a los hablantes del PBL1, nuestra hipótesis es que la definitud del antecedente no constituye una marca de preferencia, pero sí son sensibles al rasgo [+/-distancia] entre el antecedente y el hueco de la relativa.

Pregunta de investigación 4

¿Influye el antecedente con [+/-distancia] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo?

Hipótesis 4

Para los hablantes del ESPL1, tenemos la hipótesis de que la preferencia será por las relativas que tienen el antecedente [+distancia], pues según la teoría lingüística, la distancia entre el antecedente y el hueco de la relativa posibilitaría el uso de un reasuntivo. En relación con los hablantes del PBL1, nuestra hipótesis es que serán sensibles al rasgo [+/-distancia] del antecedente y la preferencia será, en este caso, igual a la del grupo de hispanohablantes, pues la distancia entre el antecedente y el hueco (la posición relativizada) favorecería el uso de un reasuntivo.

Pregunta de investigación 5

¿Será la relativa de OP con hueco y que está considerada como estándar por las gramáticas normativas, la relativa preferida por el grupo de brasileños que participó en una prueba de elección forzosa? –¿Cuál sería el grado de seguridad de este grupo para elegir la relativa más común y usual, la más probable de escuchar sin considerar lo que se aprende en la escuela, con instrucción formal?

Hipótesis 5

Nuestra hipótesis, únicamente para el grupo de brasileños, es que existirá una preferencia por las relativas *cortadoras*, puesto que los diferentes estudios mencionados a lo largo de este trabajo, muestran que es esa la relativa más productiva del PB actual. En segundo lugar suponemos que la preferencia será por la relativa de reasuntivo, muy utilizada en el PB, aunque, actualmente, algunos estudios afirman que está muy estigmatizada y, las de menor grado de preferencia serán las relativas con hueco, la única construcción que las gramáticas prescriptivas consideran estándar. Esta jerarquía de preferencia es lo que nos proponemos discutir a partir del análisis de los datos.

II. Prueba Piloto

Prueba Piloto: Objetivos

La prueba piloto⁵³ tenía como objetivos, por un lado, investigar la aceptabilidad⁵⁴ de relativas especificativas de OP: (a) las de hueco, las de reasuntivo y las *cortadoras*; (b) con rasgo [+/-definido] y (c) con rasgo [+/-animado]; ya que no nos detuvimos en el rasgo [+/- distancia] de los antecedentes en ese momento del estudio. Por otro lado, queríamos también verificar si las construcciones estarían de acuerdo con la propuesta para los

⁵³ Tanto la elaboración de las construcciones para el test como la construcción del experimento fueron supervisados por la Prof^a Juana M. Liceras y la variedad utilizada fue la del ESP peninsular.

⁵⁴ Este experimento tiene por objetivo recoger datos intuitivos sobre la aceptabilidad lingüística de alguna construcción por parte de los hablantes de una lengua. Aunque este tipo de prueba reciba críticas de los lingüistas que trabajan con la lingüística de corpus por la supuesta artificialidad de los datos presentados, para los objetivos de este estudio consideramos que es uno de los más adecuados, puesto que nos permite observar la intuición de los hablantes del ESPL1 y del ESP como L2, comparándolos frente a las mismas estructuras, en este caso, relativas de OP y de OD. Con eso, podemos hacer análisis descriptivos y verificar el supuesto papel de la L1 en la L2.

experimentos 1 y 2, es decir, si serían interpretadas según esperábamos. Por último, esa prueba era importante para encontrar posibles errores en las construcciones producidas para el experimento 1 y 2.

Prueba Piloto: Participantes

En esta prueba, trabajamos con dos grupos de participantes: uno de ellos está compuesto por seis informantes, hablantes del ESPL1, que constituye el grupo de control; el otro, está formado por nueve informantes, hablantes del PBL1 y del ESP como LE/L2, y que constituye el grupo experimental, según vemos en la tabla 1 a continuación.

Tabla 1: PRUEBA PILOTO. Total de informantes

<i>Número total de informantes - Grupo de Control y Grupo Experimental</i>	
<i>Grupo de Control</i>	6 (seis)
<i>Grupo Experimental</i>	9 (nueve)

Los participantes que forman el grupo de control en la prueba piloto utilizan diferentes variedades del ESP. Además, todos tenían conocimiento del PB e, incluso, en la época de la recogida de datos para la prueba piloto, vivían en Brasil. Por lo que respecta a la edad, la franja etaria de ese grupo es de 58 años.

Los participantes del grupo experimental, formado por nueve brasileños que en la época de la recogida de datos para la prueba piloto vivían en São Paulo, tienen una media etaria de 30 años. Con relación al nivel de instrucción formal, casi la mitad del grupo, es decir, cuatro del total de nueve participantes, habían terminado la carrera universitaria y los otros cinco ya habían terminado la maestría.

Cabe recordar que en esta etapa de la investigación, uno de los principales objetivos era, como ya hemos señalado anteriormente, observar si las construcciones que habíamos elaborado respondían o no a nuestra necesidad y propuesta de estudio o si necesitábamos revisarlas o reelaborarlas, para que, posteriormente, las pudiéramos utilizar en los experimentos 1 y 2. Por

lo tanto, no nos detuvimos, en esta etapa, a investigar muchos detalles más sobre el perfil de los grupos, ni a evaluar el grado de aceptabilidad de las relativas, sino solamente en averiguar si eran aceptables o no.

Prueba Piloto: Metodología

En esta prueba les pedimos a los participantes del experimento que nos respondieran si les parecían aceptables o no las oraciones relativas que les presentamos en una lista. En esta lista había un total de 72 oraciones relativas distribuidas de la siguiente manera: 18 relativas de OP con rasgo [+animado][+definido], 18 relativas de OP con rasgo [-animado][+definido], 18 relativas de OP con rasgo [+animado][-definido], y 18 relativas de OP con rasgo [-animado][-definido].

Los participantes recibieron por *e-mail* una invitación para colaborar con la investigación, tras aceptar colaborar, les enviamos, en este mismo *e-mail*, la lista de oraciones relativas. Cabe recordar que nuestro objetivo en esta parte de la investigación era, principalmente, el de verificar si las construcciones estarían de acuerdo con la propuesta para los experimentos 1 y 2, además de investigar la aceptabilidad de las construcciones. Para la devolución del *e-mail*, les dimos una semana.

Prueba Piloto: Recogida de datos

En la prueba piloto, los dos grupos, el de control y el experimental, tuvieron que responder “sí” para las relativas que consideraban aceptables y “no” para las relativas que consideraban no aceptables. Como vemos a continuación, en el cuadro 3, había, también, la posibilidad de escribir algún tipo de comentario si les pareciera necesario.

Cuadro 4: PRUEBA PILOTO. Ejemplificación de los ítems

Oraciones relativas	St / No	Observación
(1) Usamos <u>las marcas</u> en las que confiamos plenamente.		
(2) Usamos <u>las marcas</u> que confiamos en ellas plenamente.		
(3) Usamos <u>las marcas</u> que confiamos plenamente.		

Prueba Piloto: Diseño experimental

La lista formada por un total de 72 construcciones relativas que presentamos a los participantes de los dos grupos estaba basada en el modelo *Latin Square*⁵⁵, según figura en la tabla 2.

Tabla 2: PRUEBA PILOTO. Diseño experimental

Relativas de OP	Con hueco	Reasuntivo	Cortadora	Total
OP[+animado][+definido]	6	6	6	18
OP[-animado][+definido]	6	6	6	18
OP[+animado][-definido]	6	6	6	18
OP[-animado][-definido]	6	6	6	18
Total	24	24	24	72

Ese total de 72 oraciones relativas estaba dividido de la siguiente manera: 18 relativas de OP con rasgo [+animado][+definido] (seis de hueco, seis de reasuntivo y seis *cortadoras*), 18 relativas de OP con rasgo [-animado][+definido] (seis de hueco, seis de reasuntivo y seis *cortadoras*), 18 relativas de OP con rasgo [+animado][-definido] (seis de hueco, seis de reasuntivo y seis *cortadoras*) y 18 relativas de OP con rasgo [-animado][-definido] (seis de hueco, seis de reasuntivo y seis *cortadoras*). A continuación, vemos la lista master⁵⁶ con las construcciones que forman parte de cada uno de los grupos mencionados.

⁵⁵ El cuadrado latino o *Latin Square* es un modelo aplicado en experimentos y que consiste en una tabla N x N (número de variables vs. número de variables) que sirve para que cada elemento aparezca solo una vez en cada columna y en cada fila, sin repeticiones.

⁵⁶ Lista Master es la lista con todos los ítems que forman parte del experimento.

Lista 1: PRUEBA PILOTO. Lista Master

LISTA MASTER
OP - CON HUECO [+animado] [+definido]
(1) Juan le pedía dinero a la tía de la que dependía económicamente. (2) Son los vecinos de los que te he hablado en muchas ocasiones. (3) Elena le contaba todo a la profesora en la que confiaba plenamente. (4) Luisa echaba de menos al hermano en el que pensaba diariamente. (5) Pablo se acordaba del amigo con el que antes hablaba constantemente. (6) Son las compañeras con las que desayuno todos los días.
OP – REASUNTIVO [+animado] [+definido]
(1) Juan le pedía dinero a la tía que dependía de ella económicamente. (2) Son los vecinos que te he hablado de ellos en muchas ocasiones. (3) Elena le contaba todo a la profesora que confiaba en ella plenamente. (4) Luisa echaba de menos al hermano que pensaba en él diariamente. (5) Pablo se acordaba del amigo que antes hablaba con él constantemente. (6) Son las compañeras que desayuno con ellas todos los días.
OP – CORTADORA [+animado] [+definido]
(1) Juan le pedía dinero a la tía que dependía económicamente. (2) Son los vecinos que te he hablado en muchas ocasiones. (3) Elena le contaba todo a la profesora que confiaba plenamente. (4) Luisa echaba de menos al hermano que pensaba diariamente. (5) Pablo se acordaba del amigo que antes hablaba constantemente. (6) Son las compañeras que desayuno todos los días.
OP -CON HUECO [-animado] [+definido]
(1) Usamos las marcas en las que confiamos plenamente. (2) Es la empresa en la que trabajábamos hace años. (3) Es el avión en el que viajo muy a menudo. (4) Son los libros de los que he hablado muchas veces. (5) Ese deportista ha ganado el premio del que hablábamos ayer. (6) Es la tarea con la que soñamos después de clase
OP – REASUNTIVO [-animado] [+definido]
(1) Usamos las marcas que confiamos en ellas plenamente. (2) Es la empresa que trabajábamos en ella hace años. (3) Es el avión que viajo en él muy a menudo. (4) Son los libros que he hablado de ellos muchas veces. (5) Ese deportista ha ganado el premio que hablábamos de él ayer. (6) Es la tarea que soñamos con ella después de clase.

OP – CORTADORA [-animado] [+definido]
<p>(1) Usamos <u>las marcas</u> que confiamos plenamente.</p> <p>(2) Es <u>la empresa</u> que trabajábamos hace años.</p> <p>(3) Es <u>el avión</u> que viajo muy a menudo.</p> <p>(4) Son <u>los libros</u> que he hablado muchas veces.</p> <p>(5) Ese deportista ha ganado <u>el premio</u> que hablábamos ayer.</p> <p>(6) Es <u>la tarea</u> que soñamos después de clase.</p>
OP – CON HUECO [+animado] [-definido]
<p>(1) Juan le pedía dinero a <u>una tía</u> de la que dependía económicamente.</p> <p>(2) Son <u>unos vecinos</u> de los que te he hablado en muchas ocasiones.</p> <p>(3) Elena le contaba todo a <u>una profesora</u> en la que confiaba plenamente.</p> <p>(4) Luisa echaba de menos a <u>un hermano</u> en el que pensaba diariamente.</p> <p>(5) Pablo se acordaba de <u>un amigo</u> con el que antes hablaba constantemente.</p> <p>(6) Son <u>unas compañeras</u> con las que desayuno todos los días.</p>
OP – REASUNTIVO [+animado] [-definido]
<p>(1) Juan le pedía dinero a <u>una tía</u> que dependía de ella económicamente.</p> <p>(2) Son <u>unos vecinos</u> que te he hablado de ellos en muchas ocasiones.</p> <p>(3) Elena le contaba todo a <u>una profesora</u> que confiaba en ella plenamente.</p> <p>(4) Luisa echaba de menos a <u>un hermano</u> que pensaba en él diariamente.</p> <p>(5) Pablo se acordaba de <u>un amigo</u> que antes hablaba con él constantemente.</p> <p>(6) Son <u>unas compañeras</u> que desayuno con ellas todos los días.</p>
OP – CORTADORA [+animado] [-definido]
<p>(1) Juan le pedía dinero a <u>una tía</u> que dependía económicamente.</p> <p>(2) Son <u>unos vecinos</u> que te he hablado en muchas ocasiones.</p> <p>(3) Elena le contaba todo a <u>una profesora</u> que confiaba plenamente.</p> <p>(4) Luisa echaba de menos a <u>un hermano</u> que pensaba diariamente.</p> <p>(5) Pablo se acordaba de <u>un amigo</u> que antes hablaba constantemente.</p> <p>(6) Son <u>unas compañeras</u> que desayuno todos los días.</p>
OP – CON HUECO [-animado] [-definido]
<p>(1) Usamos <u>unas marcas</u> en las que confiamos plenamente.</p> <p>(2) Era <u>una empresa</u> en la que trabajaban todos sus amigos.</p> <p>(3) Es <u>un avión</u> en el que viajo muy a menudo.</p> <p>(4) Son <u>unos libros</u> de los que he hablado varias veces.</p>

<p>(5) Ese deportista ha ganado <u>un premio</u> del que está muy orgulloso.</p> <p>(6) Es <u>una tarea</u> con la que soñamos después de clase.</p>
OP – REASUNTIVO [-animado] [-definido]
<p>(1) Usamos <u>unas marcas</u> que confiamos en ellas plenamente.</p> <p>(2) Era <u>una empresa</u> que trabajaban en ella todos sus amigos.</p> <p>(3) Es <u>un avión</u> que viajo en él muy a menudo.</p> <p>(4) Son <u>unos libros</u> que he hablado de ellos varias veces.</p> <p>(5) Ese deportista ha ganado <u>un premio</u> que lo está muy orgulloso.</p> <p>(6) Es <u>una tarea</u> que soñamos con ella después de clase.</p>
OP – CORTADORA [-animado] [-definido]
<p>(1) Usamos <u>unas marcas</u> que confiamos plenamente.</p> <p>(2) Era <u>una empresa</u> que trabajaban todos sus amigos.</p> <p>(3) Es <u>un avión</u> que viajo muy a menudo.</p> <p>(4) Son <u>unos libros</u> que te he hablado varias veces.</p> <p>(5) Ese deportista ha ganado <u>un premio</u> que está muy orgulloso.</p> <p>(6) Es <u>una tarea</u> que soñamos después de clase.</p>

Los resultados que obtuvimos con la prueba piloto, que serán presentados y discutidos en el próximo apartado, nos posibilitaron perfeccionar la elaboración de los experimentos 1 y 2.

III. Experimentos de Juicios de Aceptabilidad

Experimentos de Juicio de Aceptabilidad: Objetivos

Experimento 1

En el experimento 1, con hablantes del PBL1 y aprendices del ESP como LE (grupo experimental) y con hablantes del ESPL1 (grupo de control), nos propusimos investigar y evaluar el grado de aceptabilidad y de preferencia entre las relativas de OP de reasuntivo y las *cortadoras*.

Experimento 2

En el experimento 2, con los mismos grupos y participantes del experimento 1, nos propusimos investigar y evaluar el grado de aceptabilidad y de preferencia entre las relativas de OD de reasuntivo en comparación con las de reasuntivo con el antecedente distante.

Experimentos de Juicios de Aceptabilidad: Participantes

En los experimentos 1 y 2, de Juicio de Aceptabilidad, según se puede observar en la tabla 3 en el grupo de control, ESPL1, había 34 informantes y en el grupo experimental, PBL1, 77 informantes.

Tabla 3: EXPERIMENTO 1 y 2. Total de informantes

Número total de informantes - Grupo de Control y Grupo Experimental	
Grupo de Control	34 (treinta y cuatro)
Grupo Experimental	77 (setenta y siete)

Grupo de control

Este grupo inicialmente estaba formado por 55 participantes de los cuales eliminamos todos los que en el cuestionario de información personal contestaron que vivían en Brasil, que sabían algo del PB o que tuvieron contacto con la lengua en los primeros 5 años de vida, con eso, el grupo final constaba de 34 participantes, de los cuales 22 eran mujeres y 12 hombres.

Con relación a las profesiones, la mayor parte de los participantes trabaja con traducción (38.2%), seguido de los profesores (14.7%), y administrativos (11.8%). Sobre la(s) lengua(s) que aprendieron hasta los 5 años de edad, vemos que 32 son hispanohablantes monolingües y dos son bilingües y aprendieron catalán y ESP.

Sobre el país de nacimiento de los participantes, tenemos un 62% de españoles, la mayoría de los participantes del grupo de control, seguido de un 17.6% de colombianos, de un 8.8% de mexicanos y de un 3% de bolivianos, cubanos, panameños y venezolanos. Respecto al país de residencia, un 62% vive en España, un 14.7% vive en Canadá, un 5.9% vive en Colombia, EEUU y

México y un 2.9% en Bolivia. Todas las informaciones mencionadas que forman el perfil de los informantes del grupo de control y podemos verlas en la tabla 4.

Tabla 4: EXPERIMENTO 1 y 2. Género, profesión, lenguas en los primeros 5 años, país de nacimiento y de residencia: grupo de control

Información participantes: grupo de control		Frecuencia [=N]	Porcentaje [%]	Porcentaje válido acumulado [%]
Género	Mujeres	22	64.7	64.7
	Hombres	12	35.3	100
Profesión	Traductor/a	13	38.2	38.2
	Profesor/a	5	14.7	52.9
	Administrativo/a	4	11.8	64.7
	Artista	3	9	73.7
	Estudiante	2	5.9	79.6
	Ingeniero/a	2	5.9	85.5
	Médico/a	1	2.9	88.4
	Comunicador/a	1	2.9	91.3
	Fonoaudiólogo/a	1	2.9	94.2
	Funcionario/a	1	2.9	97.1
	Pedagogo/a	1	2.9	100
Lenguas: primeros 5 años	Español	32	94.1	5.9
	Español y Catalán	2	5.9	100
País en que nació	España	21	62	62
	Colombia	6	17.6	79.6
	México	3	8.8	88.4
	Bolivia	1	2.9	91.3
	Cuba	1	2.9	94.2
	Panamá	1	2.9	97.1

	Venezuela	1	2.9	100
País de residencia	España	22	64.7	64.7
	Canadá	5	14.7	79.4
	Colombia	2	5.9	85.3
	EEUU	2	5.9	91.2
	México	2	5.9	97.1
	Bolivia	1	2.9	100

Con relación al grupo etario, el rango era entre 15 y 61 años o más. Para el grupo hasta 15 años y entre 16 y 20 años no hay ningún participante, tenemos dos participantes entre 21 y 25 años (5.9%), ocho entre 26 y 30 años (23.5%), seis entre 31 y 35 años (17.6%), ocho entre 36 y 40 años (23.5%), cuatro entre 41 y 45 años (11.8%), uno entre 46 y 50 años (2.9%) y cinco entre 51 y 60 años (14.8%), por lo tanto podemos constatar y ver en la tabla 5 a continuación que la mayor parte de los participantes tienen un rango de edad entre 26 y 40 años. De los 34 participantes, 31 de ellos (91.2%) respondieron que tienen estudios universitarios finalizados, dos (5.9%) que están cursando sus estudios universitarios y uno (2.9%) lo tiene incompleto o lo tiene parado. Este resultado nos muestra una media de 2.88 en un rango de 1 a 3, es decir, una media relativamente alta de nivel de estudios, como vemos en la tabla 5.

Tabla 5: EXPERIMENTO 1 y 2. Franja etaria y estudios universitarios: grupo de control

Información participantes - Grupo de Control	Media	Rango
Edad (franja etaria)	26-40	15 - 61
Estudios Universitarios	2.88	1 - 3

Grupo experimental

El grupo estaba formado inicialmente por 80 participantes de los cuales eliminamos tres que respondieron en el cuestionario de información personal que habían nacido fuera de Brasil y tenían el ESP como lengua de herencia. De modo que, al final, el grupo experimental está compuesto por 77 participantes

lusohablantes, nacidos en Brasil, dividido en 67 mujeres y 10 hombres. Sobre la profesión, como podemos ver en el tabla 6, los 3 grupos que más aparecen son: profesores (35.1%), seguido de estudiantes (31.1%) y de administrativos (13%), alcanzando, con estas 3 profesiones, un total de 79.2% del total del grupo.

Los participantes brasileños también respondieron en el cuestionario de información personal en qué país habían nacido y si sabían ESP como L2/LE. El 100% de los 77 participantes contestó que sí para ambas preguntas.

En relación al país de residencia, 74 participantes (96.1%) contestaron que viven en Brasil, un participante (1.3%) contestó que vive en Uruguay, otro participante (1.3%) que vive en Canadá y uno más (1.3%) en EEUU, según vemos en la tabla 6 a continuación.

Tabla 6: EXPERIMENTO 1 y 2. Género, profesión, país de nacimiento y de residencia : grupo experimental

Información participantes: grupo experimental		Frecuencia [=N]	Porcentaje [%]	Porcentaje válido acumulado [%]
Género	Mujeres	67	87	87
	Hombres	10	13	100
Profesión	Profesor/a	27	35.1	35.1
	Estudiante	24	31.1	66.2
	Administrativo/a	10	13	79.2
	Secrearia	3	3.9	83.1
	En paro	2	2.6	85.7
	Traductor	2	2.6	88.3
	Periodista	2	2.6	90.9
	Químico	1	1.3	92.2
	Corrector de Inmuebles	1	1.3	93.5
	Empleado de ONG	1	1.3	94.8
	Ingeniero	1	1.3	96.1
	Biólogo	1	1.3	97.4
	Gráfico	1	1.3	98.7

Nutricionista		1	1.3	100
País de nacimiento	Brasil	77	77	100
País de residencia	Brasil	74	96.1	96.1
	Uruguay	1	1.3	97.4
	Canadá	1	1.3	98.7
	EEUU	1	1.3	100

Con relación al grupo etario, nuevamente el rango era entre 15 y 61 años y tenemos 11 participantes (14.3%) entre 16 y 20 años, 17 participantes (22.1%) entre 21 y 25 años y entre 26 y 30 años, 14 participantes (18.2%) entre 31 y 35 años, ocho participantes (10.4%) entre 36 y 40 años, dos participantes (2.6%) entre 41 y 45 años, tres participantes (3.9%) entre 46 y 50 años, y cinco participantes (6.5%) entre 51 y 60 años. Podemos constatar y ver en la tabla 7 a continuación que la media etaria de los participantes está, por lo tanto, entre 21 y 35 años. Respecto a los estudios universitarios, el 55.8% respondió que tiene estudios universitarios finalizados, el 37.7% que está cursando sus estudios universitarios y el 6.5% que lo tiene incompleto o lo tiene interrumpido, este resultado nos muestra una media de 2.48 en un rango de 1 a 3, como podemos ver en la tabla 7, a continuación.

Tabla 7: EXPERIMENTO 1 y 2. Franja etaria y estudios universitarios: grupo experimental

Información participantes - Grupo Experimental	Media	Rango
Edad (franja etaria)	21-35	15 - 61
Estudios Universitarios	2.48	1 - 3

Después de contestar un cuestionario de información personal, los participantes respondieron un cuestionario de competencia lingüística⁵⁷ y el *Background Spanish Test* de la Universidad de *Wisconsin*⁵⁸. A continuación, en la tabla 8 vemos la media y el rango de las informaciones recogidas en el cuestionario de competencia lingüística y la media y el rango de las respuestas correctas del *Background Spanish Test*.

Tabla 8: EXPERIMENTO 1 y 2. Competencia lingüística y *Background Spanish Test*: grupo experimental

Información participantes: grupo experimental		Media	Rango
Competencia lingüística	Uso del ESP con la familia	5.03	1 - 6
	Uso del ESP en el trabajo	4	1 - 6
	Uso del ESP con el/los amigo(s)	3.77	1 - 6
	Uso del ESP en momentos de ocio	3.5	1 - 6
	La comprensión oral en el ESP	2.28	1 - 5
	La producción oral en el ESP	2.45	1 - 5
	La comprensión escrita en el ESP	1.89	1 - 5
	La Elección Múltiple en el ESP	2.44	1 - 5
Background Lingüístico			
	Prueba en el ESP	30.46	1 - 36

⁵⁷ Con el objetivo de conocer a los participantes y poder describirlos posteriormente a partir de sus propios conocimientos lingüísticos, la primera parte del experimento que presentamos a los participantes brasileños aprendices del ESP fue un test con preguntas de información personal y de competencia lingüística, es decir, un cuestionario en el que cada participante respondió, en forma de autoevaluación un total de 15 preguntas.

⁵⁸ Test corto, elaborado por la Universidad de *Wisconsin* (EEUU), utilizado por los participantes del *LarLab - Language Acquisition Laboratory* – de la *University of Ottawa* (CA). Este tipo de test sirve para evaluar el *background* lingüístico en el ESP como LE de los participantes del experimento 1.

Experimento de Juicio de Aceptabilidad: Metodología

En este experimento se evalúa la percepción gramatical del grupo experimental formado por 77 informantes, hablantes del PBL1 de distintas regiones del país, aprendices del ESP como LE, los cuales respondieron, como ya hemos mencionado, un cuestionario de información personal y uno de competencia lingüística, este último adaptado de un cuestionario elaborado anteriormente por los miembros del *LarLab*⁵⁹. Posteriormente, respondieron el *Background Spanish Test* de la Universidad de *Wisconsin*, que también tomamos del mismo del *LarLab*. Luego llevaron a cabo la prueba experimental. Las tres etapas aparecían consecutivamente en la página del experimento, que se produjo en versión *off-line* y fue diseñado en el plan básico del *software Surveygizmo*⁶⁰. Antes de iniciar la prueba, había una breve sección de práctica para que pudieran entender la metodología. El grupo de control, es decir los 34 participantes hablantes del ESPL1, igualmente de distintas procedencias, también respondió, en primer lugar, un cuestionario de información personal y, posteriormente, antes de realizar el experimento en sí, también, pasaron por una sección de práctica para entender la metodología de la prueba.

Experimento de Juicios de Aceptabilidad: Recogida de datos

En el primer cuestionario, el de información personal y competencia lingüística, los participantes de los dos grupos leían las preguntas en la pantalla del ordenador y en la misma pantalla tenían que responder preguntas de elección múltiple o, en su caso, rellenar un cuadro con la información que les parecía adecuada a la pregunta, como vemos en la imagen 1.

⁵⁹ *Language Acquisition Laboratory* de la *University of Ottawa*

⁶⁰ Surveygizmo (www.surveygizmo.com) es un software de recogida de datos en el que construimos el experimento y que nos permitió analizar y tomar decisiones a partir de los datos obtenidos. El enlace que los participantes del grupo de control utilizaron para acceder al experimento fue el <http://www.surveygizmo.com/s3/2705404/controcastaldo-research-espanol-lengua-materna> y el enlace que los participantes del grupo experimental utilizaron para acceder al experimento fue el <http://www.surveygizmo.com/s3/2627874/controcastaldo-research-pbl1-ele>.

Imagen 1: EXPERIMENTO 1 y 2. Cuestionario de información personal y competencia lingüística.

Información personal

Nombre y apellidos:

Sexo

☐ Hombre

☐ Mujer

Edad

-- Please Select --

Profesión

¿Cuál su nivel de estudios?

Primaria -- Please Select --

Secundaria -- Please Select --

Universitarios -- Please Select --

Curso de Especialización -- Please Select --

Máster -- Please Select --

Doctorado -- Please Select --

Lugar de nacimiento

País

Ciudad

Actualmente vive en:

País

Ciudad

Lengua materna

Lengua(s) que habló durante los primeros cinco años de su vida:

1

2

3

En la segunda parte de la prueba experimental, el *Background Spanish Test*, solamente los participantes del grupo experimental leían las preguntas en la pantalla del ordenador y en la misma pantalla tenían la tarea de Elección Múltiple para medir sus conocimientos del ESP, como vemos en la imagen 2.

Imagen 2: EXPERIMENTO 1 y 2. *Background Spanish Test*

Conocimientos de español

Instrucciones
Elija la respuesta correcta para las construcciones que le presentamos abajo.

Hay _____ mil personas aquí.

☐ un

☐ una

☐ uno

☐ Ø

A: - Mi tío tenía un coche muy bonito.
B: - ¿De qué color?
A: - _____ rojo y negro.

☐ Era

☐ Fue

☐ Estaban

☐ Eran

Cuando yo _____ joven, fui a Chile.

☐ fue

☐ soy

☐ era

☐ fui

En la tercera parte, ambos grupos hicieron lo mismo, respondían la prueba experimental 1 y la prueba experimental 2, tras pasar por una sección de práctica. Esta sección consistía en cinco oraciones con diferentes características y tenían que marcar en la misma pantalla el grado de aceptabilidad de cada una de ellas, según la escala Likert⁶¹, es decir, con una escala de valores de 1 a 5, desde la de nº1 (totalmente inaceptable, terrible) hasta la de nº 5 (totalmente aceptable, excelente). En la imagen 3 vemos la pantalla con las orientaciones para que los participantes pudieran empezar la sección de práctica y luego el experimento, y en la imagen 4 vemos un ejemplo de lo que tenían que contestar en la sección de práctica.

⁶¹ La escala Likert es un tipo de medición de respuestas en un rango de 1 a 5, que asume una intensidad lineal y, por lo tanto, va desde el totalmente de acuerdo hasta el totalmente en desacuerdo. Este tipo de escala se considera adecuado para los experimentos de Juicios de Aceptabilidad, lo que justifica nuestra opción por utilizarla.

Imagen 3: EXPERIMENTO 1 y 2. Instrucciones

Tarea lingüística

Juicios de aceptabilidad

Instrucciones
Le vamos a presentar una serie de oraciones y le vamos a pedir que les dé una puntuación de 1 a 5 de la forma en que se indica en esta escala:

1 = es totalmente inaceptable, terrible
2 = es relativamente inaceptable, bastante mal
3 = es difícil decidir
4 = es relativamente aceptable, bastante bien
5 = es totalmente aceptable, excelente

Como podrá constatar, las construcciones a seguir pueden tener distintos grados de aceptabilidad, de forma que algunas le parezcan más aceptables que otras. Por eso le pedimos que utilice los distintos puntos de la escala para reflejar si le parece que la oración en cuestión es algo que se usa en español.

Antes de empezar la tarea, hay una corta sección de práctica.

1%

Imagen 4: EXPERIMENTO 1y 2. Sección de práctica

Tarea lingüística

Sección de práctica

Pedro dice que tienes que llamar a su hermana lo antes posible.

1 - totalmente inaceptable, terrible	2 - relativamente inaceptable, bastante mal	3 - es difícil decidir	4 - relativamente aceptable, bastante bien	5 - totalmente aceptable, excelente
☐	☐	☐	☐	☐

1%

Después de finalizar la práctica, se avisaba a los participantes, como vemos en la imagen 5 y en la imagen 6, que comenzaba la prueba experimental, para, seguidamente, empezar el experimento, como muestra la imagen 7. En el experimento tenían que leer, también en la pantalla del ordenador, las oraciones relativas de hueco, las de reasuntivo o *cortadoras* y marcar en la misma pantalla el grado de aceptabilidad de las mismas, en la escala de valores de 1 a 5, como

aparece en la imagen 7. Después, pinchaban sobre el botón *next* para pasar a la siguiente oración relativa:

Imagen 5: EXPERIMENTO 1 y 2. Término de la Sección de práctica

Imagen 6: EXPERIMENTO 1 y 2. Inicio del experimento

Imagen 7: EXPERIMENTO 1 y 2. Ejemplo de tarea

Tarea lingüística

Juicios de aceptabilidad

Esta es la empresa en la que trabajábamos hace años.

1 - totalmente inaceptable, terrible	2 - relativamente inaceptable, bastante mal	3 - es difícil decidir	4 - relativamente aceptable, bastante bien	5 - totalmente aceptable, excelente
☐	☐	☐	☐	☐

Back Next

1%

Los tipos de construcciones relativas que aparecen en el experimento 1 son las relativas de OP: con hueco [+definido] (175), de reasuntivo [+definido] (176); *cortadoras* [+definido] (177); con hueco [-definido] (178), de reasuntivo [-definido] (179); *cortadoras* [-definido] (180).

(175) Esta es la empresa en la que trabajábamos hace años.

(176) Esta es la empresa que trabajábamos en ella hace años.

(177) Esta es la empresa que trabajábamos hace años.

(178) Esta es una empresa en la que trabajábamos hace años.

(179) Esta es una empresa que trabajábamos en ella hace años.

(180) Esta es una empresa que trabajábamos hace años.

Los tipos de construcciones relativas que aparecen en el experimento 2 son las relativas de OD: con hueco [+definido] (181); de reasuntivo [+definido] (182); de reasuntivo distante del antecedente [+definido] (183); con hueco [-definido] (184); de reasuntivo [-definido] (185); de reasuntivo distante del antecedente [-definido] (186).

(181) Este es el libro que usan en el primer año.

(182) Este es el libro que lo usan en el primer año.

- (183) Este es el libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.
 (184) Este es un libro que usan en el primer año.
 (185) Este es un libro que lo usan en el primer año.
 (186) Este es un libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.

Por lo tanto, el experimento 1 consta de Juicios de Aceptabilidad de construcciones relativas de OP con hueco, de reasuntivo y *cortadoras* y el experimento 2 consta de Juicios de Aceptabilidad de construcciones relativas de OD con hueco, de reasuntivo y de reasuntivo distante. Pese a eso, las construcciones relativas del experimento 1 – relativas de OP con hueco y de reasuntivo o *cortadoras*– tuvieron el papel de distractor para el experimento 2, el cual tenía como objetivo evaluar la aceptabilidad de las construcciones relativas de OD, y viceversa, es decir, las construcciones evaluadas en el experimento 2 – relativas de OD con hueco, de reasuntivo y de reasuntivo distante.– tuvieron el papel de distractor del experimento 1. Antes de que pasemos al próximo apartado, es importante mencionar que todas las construcciones relativas se presentaron y discutieron con los investigadores del LarLab, con objeto de asegurarnos de su pertinencia para alcanzar los objetivos que nos habíamos fijado.

Experimento de Juicios de Aceptabilidad: Diseño experimental

El diseño del experimento 1, está basado en el modelo *Latin Square*, de 3X2, como podemos ver en el cuadro 4. Las construcciones utilizadas en el mismo se presentan a continuación.

DISEÑO LATIN SQUARE 3 X 2

3 X VARIABLES: A = RELATIVA DE OP – CON HUECO
 B = RELATIVA DE OP – REASUNTIVO
 C = RELATIVA DE OP – CORTADORA

2 X VARIABLES: (1) = ANTECEDENTE [+DEFINIDO]
 (2) = ANTECEDENTE [-DEFINIDO]

Cuadro 5: EXPERIMENTO 1. Diseño de las variables: *latin square*

Relativas de OP con hueco	A (1)	A (2)
Relativas de OP de reasuntivo	B (1)	B (2)
Relativas <i>cortadoras</i>	C (1)	C (2)

Para el Experimento 1, diseñamos un total de 24 relativas, divididas de la siguiente forma: cuatro relativas de OP con hueco con antecedente [+definido], cuatro relativas de OP con hueco con antecedente [-definido], cuatro relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido], cuatro relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-definido], 4 relativas de OP *cortadora* con antecedente [+definido], cuatro relativas de OP *cortadora* con antecedente [-definido].

El diseño del experimento 2 está basado en el modelo *Latin Square*, de 3X2, como podemos ver en el cuadro 5, y las construcciones utilizadas en el mismo se presentan debajo:

DISEÑO *LATIN SQUARE* 3 X 2

3 X VARIABLES: A = RELATIVA DE OD – CON HUECO
 B = RELATIVA DE OD – REASUNTIVO
 C = RELATIVA DE OD – DISTANCIA

2 X VARIABLES: (1) = ANTECEDENTE [+DEFINIDO]

 (2) = ANTECEDENTE [-DEFINIDO]

Cuadro 6: EXPERIMENTO 2. Diseño de las variables: *latin square*

Relativas de OD con hueco	A (1)	A (2)
Relativas de OD de reasuntivo	B (1)	B (2)
Relativas de OD con distancia entre el relativo y el antecedente	C (1)	C (2)

Para el experimento 2, diseñamos un total de 24 relativas, divididas de la siguiente forma: cuatro relativas de OD con hueco con antecedente [+definido], cuatro relativas de OD con hueco con antecedente [-definido], cuatro relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+definido], cuatro relativas de OD de reasuntivo con antecedente [-definido], cuatro relativas de OD con distancia del antecedente [+definido], cuatro relativas de OD con distancia del antecedente [-definido].

Las construcciones relativas del experimento 1 y del experimento 2 fueron presentadas a los participantes en tres listas master: la Lista 1, la Lista 2 y la Lista 3, que aparecen a continuación.

Lista 2: EXPERIMENTO 1 y 2. Lista Master 1

LISTA - 1
A1: Esta es la empresa en la que trabajábamos hace años.
A2: Esta es la marca en la que confiamos plenamente.
A3: Este es el avión en el que viajo muy a menudo.
A4: Este es el libro del que he hablado muchas veces.
B1: Esta es la empresa que trabajábamos en ella hace años.
B2: Este es el avión que viajo en él muy a menudo.
B3: Esta es la marca que confiamos en ella plenamente.
B4: Este es el libro que he hablado de él muchas veces.
C1: Esta es la empresa que trabajábamos hace años.
C2: Esta es la marca que confiamos plenamente.
C3: Este es el avión que viajo muy a menudo.
C4: Este es el libro que he hablado muchas veces.
A'1: Esta es una empresa en la que trabajábamos hace años.
A'2: Esta es una marca en la que confiamos plenamente.
A'3: Este es un avión en el que viajo muy a menudo.
A'4: Este es un libro del que he hablado muchas veces.
B'1: Esta es una empresa que trabajábamos en ella hace años.
B'2: Esta es una marca que confiamos en ella plenamente.
B'3: Este es un avión que viajo en él muy a menudo.
B'4: Este es un libro que he hablado de él muchas veces.
C'1: Esta es una empresa que trabajábamos hace años.
C'2: Esta es una marca que confiamos plenamente.
C'3: Este es un avión que viajo muy a menudo.
C'4: Este es un libro que he hablado muchas veces.
A''1: Este es el libro que usan en el primer año.
A''2: Este es el cuadro que ha pintado a lo largo del año.
A''3: Esta es la novela que compramos en Madrid.
A''4: Esta es la palabra que no encontraba en el diccionario.
B''1: Este es el libro que lo usan en el primer año.
B''2: Este es el cuadro que lo ha pintado a lo largo del año.
B''3: Esta es la novela que la compramos en Madrid.
B''4: Esta es la palabra que no la encontraba en el diccionario.
C''1: Este es el libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.
C''2: Este es el cuadro que todos sabemos que lo ha pintado a lo largo del año.
C''3: Esta es la novela que todos se acuerdan que la compramos en Madrid.
C''4: Esta es la palabra que decía que no la encontraba en el diccionario.
A'''1: Este es un libro que usan en el primer año.
A'''2: Este es un cuadro que ha pintado a lo largo del año.
A'''3: Esta es una novela que compramos en Madrid.
A'''4: Esta es una palabra que no encontraba en el diccionario.
B'''1: Este es un libro que lo usan en el primer año.
B'''2: Este es un cuadro que lo ha pintado a lo largo del año.

Lista 3: EXPERIMENTO 1 y 2. Lista Master 2

LISTA - 2
B1: Esta es la empresa que trabajábamos en ella hace años.
B2: Este es el avión que viajo en él muy a menudo.
B3: Esta es la marca que confiamos en ella plenamente.
B4: Este es el libro que he hablado de él muchas veces.
C1: Esta es la empresa que trabajábamos hace años.
C2: Esta es la marca que confiamos plenamente.
C3: Este es el avión que viajo muy a menudo.
C4: Este es el libro que he hablado muchas veces.
A'1: Esta es una empresa en la que trabajábamos hace años.
A'2: Esta es una marca en la que confiamos plenamente.
A'3: Este es un avión en el que viajo muy a menudo.
A'4: Este es un libro del que he hablado muchas veces.
B'1: Esta es una empresa que trabajábamos en ella hace años.
B'2: Esta es una marca que confiamos en ella plenamente.
B'3: Este es un avión que viajo en él muy a menudo.
B'4: Este es un libro que he hablado de él muchas veces.
C'1: Esta es una empresa que trabajábamos hace años.
C'2: Esta es una marca que confiamos plenamente.
C'3: Este es un avión que viajo muy a menudo.
C'4: Este es un libro que he hablado muchas veces.
A''1: Este es el libro que usan en el primer año.
A''2: Este es el cuadro que ha pintado a lo largo del año.
A''3: Esta es la novela que compramos en Madrid.
A''4: Esta es la palabra que no encontraba en el diccionario.
B''1: Este es el libro que lo usan en el primer año.
B''2: Este es el cuadro que lo ha pintado a lo largo del año.
B''3: Esta es la novela que la compramos en Madrid.
B''4: Esta es la palabra que no la encontraba en el diccionario.
C''1: Este es el libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.
C''2: Este es el cuadro que todos sabemos que lo ha pintado a lo largo del año.
C''3: Esta es la novela que todos se acuerdan que la compramos en Madrid.
C''4: Esta es la palabra que decía que no la encontraba en el diccionario.
A'''1: Este es un libro que usan en el primer año.
A'''2: Este es un cuadro que ha pintado a lo largo del año.
A'''3: Esta es una novela que compramos en Madrid.
A'''4: Esta es una palabra que no encontraba en el diccionario.
B'''1: Este es un libro que lo usan en el primer año.
B'''2: Este es un cuadro que lo ha pintado a lo largo del año.
B'''3: Esta es una novela que la compramos en Madrid.
B'''4: Esta es una palabra que no la encontraba en el diccionario.
C'''1: Este es un libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.
C'''2: Este es un cuadro que todos sabemos que lo ha pintado a lo largo del año.

Lista 4: EXPERIMENTO 1 y 2. Lista Master 3

LISTA - 3
C1: Esta es la empresa que trabajábamos hace años.
C2: Esta es la marca que confiamos plenamente.
C3: Este es el avión que viajo muy a menudo.
C4: Este es el libro que he hablado muchas veces.
A'1: Esta es una empresa en la que trabajábamos hace años.
A'2: Esta es una marca en la que confiamos plenamente.
A'3: Este es un avión en el que viajo muy a menudo.
A'4: Este es un libro del que he hablado muchas veces.
B'1: Esta es una empresa que trabajábamos en ella hace años.
B'2: Esta es una marca que confiamos en ella plenamente.
B'3: Este es un avión que viajo en él muy a menudo.
B'4: Este es un libro que he hablado de él muchas veces.
C'1: Esta es una empresa que trabajábamos hace años.
C'2: Esta es una marca que confiamos plenamente.
C'3: Este es un avión que viajo muy a menudo.
C'4: Este es un libro que he hablado muchas veces.
A''1: Este es el libro que usan en el primer año.
A''2: Este es el cuadro que ha pintado a lo largo del año.
A''3: Esta es la novela que compramos en Madrid.
A''4: Esta es la palabra que no encontraba en el diccionario.
B''1: Este es el libro que lo usan en el primer año.
B''2: Este es el cuadro que lo ha pintado a lo largo del año.
B''3: Esta es la novela que la compramos en Madrid.
B''4: Esta es la palabra que no la encontraba en el diccionario.
C''1: Este es el libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.
C''2: Este es el cuadro que todos sabemos que lo ha pintado a lo largo del año.
C''3: Esta es la novela que todos se acuerdan que la compramos en Madrid.
C''4: Esta es la palabra que decía que no la encontraba en el diccionario.
A'''1: Este es un libro que usan en el primer año.
A'''2: Este es un cuadro que ha pintado a lo largo del año.
A'''3: Esta es una novela que compramos en Madrid.
A'''4: Esta es una palabra que no encontraba en el diccionario.
B'''1: Este es un libro que lo usan en el primer año.
B'''2: Este es un cuadro que lo ha pintado a lo largo del año.
B'''3: Esta es una novela que la compramos en Madrid.
B'''4: Esta es una palabra que no la encontraba en el diccionario.
C'''1: Este es un libro que todos los alumnos saben que lo usan en el primer año.
C'''2: Este es un cuadro que todos sabemos que lo ha pintado a lo largo del año.
C'''3: Esta es una novela que todos se acuerdan que la compramos en Madrid.
C'''4: Esta es una palabra que decía que no la encontraba en el diccionario.
A1: Esta es la empresa en la que trabajábamos hace años.
A2: Esta es la marca en la que confiamos plenamente.

El objetivo de dichas listas era asegurarse de que no iban a ver el mismo problema en la misma oración, ya que no se repetían. Además era también de que no hubiera un efecto de aprendizaje, por eso el orden diferente en cada una de las listas. Eso es, el participante 1 responde la lista 1, el participante 2

responde la lista 2, el participante 3 responde la lista 3, el participante 4 responde la lista 1 y así sucesivamente, como muestra el cuadro 6 a continuación.

Cuadro 7: EXPERIMENTO 1 y 2. Diseño y organización de las listas master.

LISTA 1	LISTA 2	LISTA 3
A (4)	B (4)	C (4)
B (4)	C (4)	A' (4)
C (4)	A' (4)	B' (4)
A' (4)	B' (4)	C' (4)
B' (4)	C' (4)	A'' (4)
C' (4)	A'' (4)	B'' (4)
A'' (4)	B'' (4)	C'' (4)
B'' (4)	C'' (4)	A''' (4)
C'' (4)	A''' (4)	B''' (4)
A''' (4)	B''' (4)	C''' (4)
B''' (4)	C''' (4)	A (4)
C''' (4)	A (4)	B (4)
Total (48)	Total (48)	Total (48)

Los resultados del experimento 1 y del experimento 2, los discutiremos en el capítulo 4 de la tesis. El próximo paso, en este capítulo, es presentar los objetivos, los participantes, la metodología la recogida de datos y el diseño experimental del experimento 3.

IV. Experimento de Elección Múltiple

Experimento de Elección Múltiple: Objetivos

En el experimento 3, nos propusimos investigar y evaluar las tendencias y preferencias de los participantes en una prueba de elección múltiple de las relativas de OP: con hueco, de reasuntivo y *cortadoras*.

Experimento de Elección Múltiple: Participantes

En este experimento también contamos con dos grupos de participantes, uno de hablantes del ESPL1, el grupo de control, y otro con hablantes del PBL1, el experimental. Se puede observar en la tabla 9 que el grupo de control está formado por 47 informantes y el grupo experimental por 50 informante.

Tabla 9: EXPERIMENTO 3. Total de informantes

<i>Número total de informantes - Grupo de Control y Grupo Experimental</i>	
<i>Grupo de Control</i>	<i>47 (cuarenta y siete)</i>
<i>Grupo Experimental</i>	<i>50 (cincuenta)</i>

Grupo de control

Este grupo inicialmente estaba formado por 50 participantes de los cuales eliminamos los que en el cuestionario de información personal contestaron que sabían PB o que se sentían cómodos en el PB como LE/L2. Con eso, el grupo final consta de 47 participantes, 34 participantes del sexo femenino y 13 del sexo masculino.

En el cuestionario de información personal también preguntamos a los participantes sobre sus profesiones. Como vemos en la tabla 10, la mayor parte de los participantes es estudiante de diferentes carreras (46.8%), seguido de los profesores, también de diferentes asignaturas (29.8%), la única exigencia fue no ser profesor de ESP como LE/L2.

Los participantes del experimento también contestaron cuáles fueron la(s) lengua(s) con las que tuvieron contacto hasta los 5 años de edad y sobre el país de nacimiento, aspectos que también juzgamos importantes para componer su perfil. Por lo que se refiere a las lenguas con las que tuvieron contacto, vemos en la misma tabla 10 que la mayor parte respondió lengua española (57.4%) seguido de lengua española y catalana (38.3). Solo un participante contestó española e inglesa y otro española y gallega, cada uno representa (2.1%) del total.

Respecto al país de nacimiento de los participantes, tenemos un 83% de españoles, la mayoría de los participantes, seguido de un 10.6% de argentinos

y de un 4.3% de colombianos. La diversidad se redujo en comparación al experimento anterior. En este veremos una fuerte tendencia a las opciones del ESP peninsular, pues la diferencia porcentual entre los participantes es significativa.

En relación a la franja etaria, les pedimos a los participantes que rellenaran con la edad exacta que tenían y llegamos al resultado que se ve en la tabla 10. Nos llamó la atención en esta parte que los participantes que tienen hasta 30 años fueron los que más respondieron al experimento pues, tenemos un porcentaje acumulado de 55.3%. Entre 30 y 50 años tenemos un porcentaje acumulado de 31.9% y el grupo de participantes que tiene más de 50 años representa un porcentaje acumulado de 12.8%. La media de edad de los participantes es de 33 años.

Tabla 10: EXPERIMENTO 3. Género, profesión, lenguas que habló en los primeros 5 años y país de nacimiento: grupo de control

Información participantes: grupo de control		Frecuencia [=N]	Porcentaje [%]	Porcentaje válido acumulado [%]
Género	Mujeres	34	72.3	72.3
	Hombres	13	27.7	100
Profesión	Médico/a	1	2.1	2.1
	Comercial	1	2.1	4.2
	Administrativo/a	1	2.1	6.3
	Agente de viajes	1	2.1	8.4
	Cocinero	2	4.3	12.7
	Fisioterapeuta	1	2.1	14.8
	Farmacéutica	1	2.1	16.9
	Professor	14	30	46.9
	Economista	1	2.1	49
	Artista plástico	1	2.1	51.1
	Jubilado	1	2.1	53.2
	Estudiante	22	46.8	100

Lenguas: primeros 5 años	Español	27	57.4	57.4
	Español y Catalán	18	38.4	95.8
	Español e Inglés	1	2.1	97.9
	Español y Gallego	1	2.1	100
País en que nació	España	39	83	83
	México	1	2.1	85.1
	Argentina	5	10.6	95.7
	Colombia	2	4.3	100
Edad	entre 22 y 30 años	26	55.3	55.3
	entre 31 y 50 años	15	31.9	87.2
	más de 50 años	6	12.8	100

Grupo Experimental

El grupo está compuesto por 50 participantes lusohablantes, nacidos en Brasil, 43 de ellos del sexo femenino y siete del sexo masculino.

Como podemos ver en la tabla 11, con relación a la profesión, tenemos los estudiantes que representan un 46% del grupo, seguidos de los profesores, con un 24%, juntos forman la mayoría de los participantes. Sobre el país en que habían nacido y si sabían el ESP como L2/LE, el 100% de los 50 participantes contestó que sí para ambas preguntas.

Con relación a la franja etaria, para este experimento, cada uno de los participantes rellenó, en la parte de información personal, su edad exacta. Vemos, en la misma tabla, que la mayoría de los participantes tiene entre 20 y 30 años con un porcentaje acumulado de 80%, el siguiente grupo representativo es el que tiene entre 30 y 50 con 20% de los participantes, y la media etaria de los participantes está en 33 años.

Tabla11: EXPERIMENTO 3. Género, profesión, edad, país de nacimiento, país de residencia: grupo experimental

Información participantes: grupo experimental		Frecuencia [=N]	Porcentaje [%]	Porcentaje válido acumulado [%]
Género	Mujeres	43	86	86
	Hombres	7	14	100
Profesión	Professor	12	24	24
	Booker	1	2	26
	Enfermera	1	2	28
	Consultor	1	2	30
	Estudiante	23	46	76
	Administrativo/a	4	8	84
	Técnico de Informática	1	2	86
	Secretaria	1	2	88
	Diseñador Digital	1	2	90
	Publicista	2	4	94
	Ingeniero	1	2	96
	Traductor	2	4	100
Edad	entre 20 y 30 años	40	80	80
	entre 31 y 50	10	20	100
Pais de nacimiento	Brasil	50	100	100
Pais de residencia	Brasil	50	100	100

En el experimento anterior, el de juicios de aceptabilidad de las construcciones relativas de OD y OP, los participantes del grupo experimental, después de contestar el cuestionario de información personal, contestaron un cuestionario de competencia lingüística y el *Background Spanish Test* de la

Universidad de *Wisconsin*. En este experimento, pedimos a los participantes brasileños que contestaran solo el *Background Spanish Test* de la Universidad de *Wisconsin* adaptado para que el experimento no fuera demasiado largo y para que los participantes pudieran terminar el experimento en aproximadamente 15 minutos, tiempo reducido en comparación con el que se necesitaba para contestar el experimento anterior. A continuación, en la tabla 12 vemos la media y el rango de las respuestas correctas del *Background Spanish Test*. Como la desviación típica ha sido baja, lo que significa que la muestra es bastante homogénea y los números están concentrados cerca de la media, no dividimos los grupos por competencia lingüística para los análisis.

Tabla 12: EXPERIMENTO 3. *Background Spanish Test*: Grupo experimental.

Información participantes - Grupo Experimental	Media	Rango
<i>Background Lingüístico - Spanish Test</i>	13	1 - 20

Experimento de Elección Múltiple: Metodología

En este experimento el objetivo era evaluar las opciones aceptadas por el grupo experimental, formado por 50 informantes, los cuales respondieron, como ya hemos mencionado, un cuestionario de información personal y el *Background Spanish Test* de la Universidad de *Wisconsin*, utilizado también en el *LarLab* de la Universidad de Ottawa, y luego pasaron a completar la prueba experimental como tal. Las tres etapas aparecían consecutivamente en la página del experimento, que se produjo en versión *off-line* y fue diseñado en el plan básico del *software TypeForm*⁶². Antes de iniciar la prueba experimental, había una breve sección de práctica para que pudieran entender la metodología. El grupo de control, formado por 34 participantes, también respondió, en primer lugar, un cuestionario de información personal y, posteriormente, pasó a la sección de

⁶² Typeform (www.typeform.com) es una herramienta de recogida de datos que nos permitió construir el experimento y dejarlo disponible para que lo llevaran a cabo los participantes y así poder después analizar los datos obtenidos. Los enlaces que los participantes del grupo de control utilizaron para acceder al experimento fueron los <https://isabel481.typeform.com/to/CA0Bd1> y <https://isabel481.typeform.com/to/BT1DMw> y los enlaces que los participantes del grupo experimental utilizaron para acceder al experimento fueron los <https://isabel481.typeform.com/to/BC4SBz> y <https://isabel481.typeform.com/to/fstnDY>

⁶³ El enlace que los participantes utilizaron para acceder a este experimento fue el <https://isabel481.typeform.com/to/Y30gkm>.

práctica. En este experimento trabajamos con el modelo de elección múltiple para poder identificar tendencias y preferencias en relación a las construcciones relativas de OP con hueco, de reasuntivo y *cortadoras*.

Experimento de Elección Múltiple: Recogida de datos

En el inicio de la prueba experimental todos los participantes leían un texto explicativo sobre la prueba como vemos en la imagen 8.

Imagen 8: EXPERIMENTO 3. Instrucciones

A continuación los participantes tenían que pinchar el botón “comenzar” y después aceptar participar de la encuesta. Tras hacer eso, los participantes leían en la pantalla que les haríamos algunas preguntas de información personal. En esta parte, los participantes de los dos grupos leían las preguntas en la pantalla del ordenador o del móvil y en la misma pantalla tenían que responder preguntas de ámbito personal, como nombre, género, edad, como vemos en las imágenes 9 y 10.

Imagen 9: EXPERIMENTO 3. Cuestionario de información personal

My workspace / LISTA B - GRUPO EX... Create Connect Share Results Saved View Upgrade to PRO

2 → Ahora le vamos a pedir que conteste algunas preguntas de información personal

Nombre completo:

Type your answer here...

Género:

A masculino

B femenino

0% completed Powered by Typeform

Imagen 10: EXPERIMENTO 3. Cuestionario de información personal

My workspace / LISTA B - GRUPO EX... Create Connect Share Results Saved View Upgrade to PRO

2 → Ahora le vamos a pedir que conteste algunas preguntas de información personal

Profesión:

Type your answer here...

País de nacimiento:

Type your answer here...

Ciudad de nacimiento:

0% completed Powered by Typeform

En la segunda parte de la prueba experimental, el *Background Spanish Test* adaptado, que solamente se les pasó a los participantes del grupo experimental, leían las preguntas en la pantalla del ordenador o del móvil y en la misma pantalla tenían tareas de elección múltiple para medir sus conocimientos del ESP, como vemos en la imagen 11.

Imagen 11: EXPERIMENTO 3. *Background Spanish Test*

The screenshot shows a web browser window with the URL <https://admin.typeform.com/form/fstnDY/create>. The page is titled "My workspace / LISTA B - GRUPO EX..." and has navigation links: Create, Connect, Share, Results, Saved, View, and Upgrade to PRO. The main content area is divided into two panels. The left panel shows a list of questions with checkboxes for selection. The right panel shows a preview of the selected question, which is a multiple-choice question about Spanish grammar. The question is: "Ahora le vamos a pedir que haga un pequeño test sobre sus conocimientos de español. Elija la respuesta correcta para las construcciones que le presentamos abajo.*". The options are: A un, B una, C uno, and D ø. The preview also shows a "Continuar" button with the text "press ENTER" and a progress bar at the bottom indicating "0% completed".

3 → Ahora le vamos a pedir que haga un pequeño test sobre sus conocimientos de español.

* Elija la respuesta correcta para las construcciones que le presentamos abajo.*

Continuar press ENTER

a Hay _____ mil personas aquí.*

A un

B una

C uno

D ø

0% completed Powered by Typeform

En la tercera parte, ambos grupos respondieron la prueba experimental de elección múltiple, tras haber pasado por la sección de práctica. En la imagen 12 vemos el primer cuadro de la sección de práctica en el que explicamos los objetivos y en la imagen 13 se presenta un ejemplo de los ítems de la sección de práctica de la prueba.

Imagen 12: EXPERIMENTO 3. Instrucciones: sección de práctica.

The screenshot shows a web browser window with the URL <https://isabel481.typeform.com/to/fstnDY>. The page is titled "4 → SECCIÓN DE PRÁCTICA". The main content area has a light beige background with colorful abstract shapes. The text reads: "Instrucciones. Esta es una corta sección de práctica con solamente 5 ítems. Nuestro objetivo en esta sección es presentar como funciona la prueba experimental para que se familiarice con el tipo de tarea que tiene que hacer. Elija una de las opciones (a), (b), (c) o (d) para rellenar los espacios que figuran con una raya." Below the text is a "Continuar" button with the text "press ENTER". At the bottom, there is a progress bar indicating "2% completed" and a "Powered by Typeform" logo.

4 → SECCIÓN DE PRÁCTICA

Instrucciones

Esta es una corta sección de práctica con solamente 5 ítems.

Nuestro objetivo en esta sección es presentar como funciona la prueba experimental para que se familiarice con el tipo de tarea que tiene que hacer.

Elija una de las opciones (a), (b), (c) o (d) para rellenar los espacios que figuran con una raya.

Continuar press ENTER

2% completed Powered by Typeform

Imagen 13: EXPERIMENTO 3. Ítems: sección de práctica.

My workspace / LISTA B - GRUPO EX... Create Connect Share Results Saved View Upgrade to PRO

(d) para rellenar los espacios que figuran con una raya.

4a ¿... tipo de mueble está sentado? *

- donde
- en la que
- en qué
- en la cual

4b En mi casa tenemos un ... para servir las bebidas.

- mueble bar
- bar mueble
- muebles bar
- mueble bares

4 → SECCIÓN DE PRÁCTICA

¿... tipo de mueble está sentado? *

A donde

B en la que

C en qué

D en la cual

0% completed

Powered by Typeform

La sección de práctica constaba de cinco oraciones, (4a), (4b), (4c), (4d) y (4e), – en la imagen 13 vemos dos ejemplos el (4a) y el (4b) – con dos características diferentes: cuatro sobre oraciones relativas y una sobre palabras compuestas, tipo de construcción que, en la prueba experimental, nos servirá de distractor. Los participantes tenían que elegir y marcar en la misma pantalla una de las opciones entre (a), (b), (c) y (d) que les presentábamos en todos los ítems.

Después de finalizar la práctica, se avisaba a los participantes, como vemos en las imágenes 14 y 15, que comenzaría la prueba experimental y se les presentaba, nuevamente, una pequeña pantalla de instrucciones.

Imagen 16: EXPERIMENTO 3. Ítems del experimento lingüístico.

Después de elegir la opción que les parecía más adecuada, el *software* presentaba a los participantes el ítem siguiente hasta que terminara toda la prueba experimental. Los participantes recibían información para elegir solamente una opción en cada ítem del experimento que siempre les presentaba cuatro opciones, de las cuales una era posible, como vemos en la imagen 16 – *La aceituna es el fruto QUE se hace el aceite de oliva* - las otras tres opciones eran imposibles – *La aceituna es el fruto *Ø/ *QUIEN / *CUAL se hace el aceite de oliva*.

Para evaluar las relativas de hueco con antecedente [+definido], había cuatro ítems. Dos de los ítems presentaban la siguiente estructura en todas las opciones de respuestas: [preposición + artículo + pronombre relativo], como podemos ver en el ejemplo (187) a continuación:

(187)

(A1) Esta es la casa ____ viven mis abuelos.

- (a) en la quien
- (b) en la que
- (c) con la que
- (d) con el que

En este caso solo una respuesta era posible (*Esta es la casa EN LA QUE viven mis abuelos*), las otras tres opciones eran agramaticales (*Esta en la casa *EN LA QUIEN/ *CON LA QUE/ *CON EL QUE viven mis abuelos*).

Los otros dos ítems presentaban la estructura ya mencionada en tres de las opciones, es decir, [preposición + artículo + pronombre relativo] y en una de las opciones había solamente un “que”, como vemos en el ejemplo (188) a continuación:

(188)

(A2) Esta es la biblioteca _____ voy a leer.

(a) con la que

(b) a el cual

(c) a la que

(d) que

Según vemos en el ejemplo (188), para estos dos ítems había dos respuestas posibles (*Esta es la biblioteca A LA QUE/ QUE voy a leer*) y dos opciones agramaticales (*Esta es la biblioteca * CON LA QUE/ * A EL CUAL voy a leer*).

Para el grupo de ítems que evaluaba la construcción de reasuntivo [+definido], también había cuatro opciones de respuestas. Los participantes deberían elegir solo una respuesta de las cuatro disponibles. Nuevamente, había dos respuestas posibles (*Esta es la casa que mis abuelos viven EN ELLA/ Ø*) y dos opciones eran agramaticales (*Esta es la casa que mis abuelos viven * DONDE/ * EN*). Como vemos en (189):

(189)

(B1) Esta es la casa que mis abuelos viven_____.

- (a) donde
- (b) en ella
- (c) en
- (d) Ø

Con el ítem de (190), una relativa *cortadora* con antecedente [+definido], la opción de respuesta posible para formar una relativa *cortadora* era: Esta es la casa QUE viven mis abuelos. Luego había tres opciones más, todas ellas agramaticales (*Esta es la casa *CUAL/ *QUIEN /Ø viven mis abuelos*).

(190)

(C1) Esta es la casa _____ viven mis abuelos.

- (a) que
- (b) cual
- (c) quien
- (d) ø

Experimento de Elección Múltiple: Diseño experimental

Como hemos mencionado, el diseño del experimento 3 es un *Latin Square* 3X4, con 3 tipos de oraciones relativas y 4 tipos de preposiciones, según vemos a continuación:

DISEÑO LATIN SQUARE 3 X 4

3 X VARIABLES: **A** = RELATIVA DE OP [+definido] – CON HUECO
 B = RELATIVA DE OP [+definido] - REASUNTIVO
 C = RELATIVA DE OP [+definido] - CORTADORA

- 4 X VARIABLES:
- (1) = USO DE LA PREPOSICIÓN “EN”
- (2) = USO DE LA PREPOSICIÓN “A”
- (3) = USO DE LA PREPOSICIÓN “CON”
- (4) = USO DE LA PREPOSICIÓN “DE”

Cuadro 8: EXPERIMENTO 3. Diseño de las variables: *latin square*

Relativas de OP con hueco [+definido]	A (1)	A (2)	A (3)	A (4)
Relativas de OP de reasuntivo [+definido]	B (1)	B (2)	B (3)	B (4)
Relativas cortadoras [+definido]	C (1)	C (2)	C (3)	C (4)

Por lo que respecta a los distractores, presentamos 12 ítems de palabras compuestas, ocho formadas por dos sustantivos y dos formadas por verbo + sustantivo. Los 12 ítems experimentales aparecen siempre intercalados con los 12 ítems distractores. A continuación presentamos la organización de las relativas y de los distractores en dos listas: Lista A y Lista B. Las dos listas poseen los mismos ítems presentados de forma diferente (el primero que figura en A es el último que figura en B y viceversa) para que los participantes no respondan las preguntas en el mismo orden, y aumentar así la fiabilidad de las respuestas.

Cuadro 9: EXPERIMENTO 3. Diseño y organización de las listas master

LISTA A	LISTA B
A(1)	D(12)
D(1)	C(4)
A(2)	D(11)
D(2)	C(3)
A(3)	D(10)
D(3)	C(2)
A(4)	D(9)
D(4)	C(1)
B(1)	D(8)
D(5)	B(4)
B(2)	D(7)
D(6)	B(3)
B(3)	D(6)
D(7)	B(2)
B(4)	D(5)
D(8)	B(1)
C(1)	D(4)
D(9)	A(4)
C(2)	D(3)
D(10)	A(3)
C(3)	D(2)
D(11)	A(2)
C(4)	D(1)
D(12)	A(1)
TOTAL 24	TOTAL 24

Además de las listas organizadas según el diseño *Latin Square*, presentamos también las listas master con los ítems experimentales y distractores.

Lista 5: EXPERIMENTO 3. Lista Master A

LISTA - A

A1: Esta es la casa en la que viven mis abuelos.
Distractor 1: Nunca he recibido una carta bomba .
A2: Esta es la biblioteca a la que voy a leer.
Distractor 2: La protagonista de la película es una mujer araña y mi hija juega con una muñequita que es una mujercita araña .
A3: Este es el fruto con el que se hace el aceite.
Distractor 3: Creo que una buena idea para fomentar la lectura es el camión biblioteca .
A4: Este es el libro del que te hablé.
Distractor 4: Mi hijo mayor tiene un muñeco que es un hombre sapo y mi hijo menor otro que es un hombre sapito .
B1: Esta es la casa que mis abuelos viven en ella .
Distractor 5: Voy a ir a comprar un billete para pasear en un barco autobús .
B2: Esta es la biblioteca que voy a leer en ella .
Distractor 6: Creo que en este siglo ya no hay barco pirata , pero mi hijo tiene un barquito pirata .
B3: Este es el fruto que se hace el aceite de oliva con él .
Distractor 7: Voy a ir a comprar un abrelatas .
B4: Este es el libro que te hablé de él .
Distractor 8: Me gusta más el dibujo de la casita cunita que el dibujo de la casa cuna .
C1: Esta es la casa Ø que viven mis abuelos.
Distractor 9: Es la primera vez que de hablan de hombre lobo .
C2: Esta es la biblioteca Ø que voy a leer.
Distractor 10: En mi casa el lavaplatos está siempre llena.
C3: Este es el fruto Ø que se hace el aceite de oliva.
Distractor 11: Mis hijas siempre hablan de unas mujeres gato .
C4: Este es el libro Ø que te hablé.
Distractor 12: Creo que para los viajes largos lo más cómodo es un coche cama .

Lista 6: EXPERIMENTO 3. Lista Master B

LISTA - B

Distractor 12: : Creo que para los viajes largos lo más cómodo es un coche cama .
C4: Este es el libro Ø que te hablé.
Distractor 11: Mis hijas siempre hablan de unas mujeres gato .
C3: Este es el fruto Ø que se hace el aceite de oliva.
Distractor 10: En mi casa el lavaplatos está siempre llena.
C2: Esta es la biblioteca Ø que voy a leer.
Distractor 9: Es la primera vez que de hablan de hombre lobo .
C1: Esta es la casa Ø que viven mis abuelos.
Distractor 8: Me gusta más el dibujo de la casita cunita que el dibujo de la casa cuna .
B4: Este es el libro que te hablé de él .
Distractor 7: Voy a ir a comprar un abrelatas .
B3: Este es el fruto que se hace el aceite de oliva con él .
Distractor 6: : Creo que en este siglo ya no hay barco pirata , pero mi hijo tiene un barquito pirata .
B2: Esta es la biblioteca que voy a leer en ella .
Distractor 5: Voy a ir a comprar un billete para pasear en un barco autobús .
B1: Esta es la casa que mis abuelos viven en ella .
Distractor 4: Mi hijo mayor tiene un muñeco que es un hombre sapo y mi hijo menor otro que es un hombre sapito .
A4: Este es el libro del que te hablé.
Distractor 3: Creo que una buena idea para fomentar la lectura es el camión biblioteca .
A3: Este es el fruto con el que se hace el aceite.
Distractor 2: La protagonista de la película es una mujer araña y mi hija juega con una muñequita que es una mujercita araña .
A2: Esta es la biblioteca a la que voy a leer.
Distractor 1: Nunca he recibido una carta bomba .
A1: Esta es la casa en la que viven mis abuelos.

V. Experimento de Elección Forzosa

Experimento de Elección Forzosa: Objetivos

En este experimento, recogimos datos para poder discutir si en la mente de los hablantes del PBL1 la construcción con hueco, la considerada estándar (*padrão*), que aparece en los libros como modelo de relativa bien formada, es de hecho la que les sirve de referencia a los hablantes del PBL1 y la que es el *modelo* de relativa usada en producciones no controladas.

Los materiales que se basan en las gramáticas de corte normativo otorgan a las relativas con hueco ese papel de modelo y las consideran la representación de lo “correcto”. Sin embargo, como hemos visto en los diferentes estudios mencionados a lo largo de este trabajo, que en el PB actual este tipo de relativa no siempre forma parte de la lengua vernácula y no ocurre en la producción no monitoreada. Vimos también que esa construcción relativa solo va a aparecer en la producción de los hablantes del PBL1 tras estudios reglados, sobre todo a partir de la enseñanza básica, ya que ese es un tema de aprendizaje de nuestro *Ensino Médio*. Además, en el PB coloquial, aun cuando se trate de personas que tengan un nivel de escolaridad bastante alto, este tipo de relativa no suele aparecer en la producción no cuidada/monitoreada.

Aunque nuestra hipótesis es la de que entre los brasileños la preferencia será por la relativa *cortadora*, después, por la relativa de reasuntivo y, por último, por la relativa con hueco, no tenemos datos experimentales que avalen la hipótesis y esto es lo que nos proponemos testar en este experimento.

Experimento de Elección Forzosa: Participantes

En este experimento, los participantes son brasileños que viven en Brasil y que tienen el PBL1. Reclutamos participantes con diversos perfiles profesionales y con diferentes edades y niveles de estudio. Pensamos que cuanto más amplio fuera el grupo de participantes más representativas serían las muestras de sus preferencias en relación a las relativas con hueco, relativas de reasuntivo y relativas *cortadoras*. Se puede observar en la tabla 13, a continuación, que el grupo está formado por 55 brasileños, 33 mujeres y 22 hombres.

Con relación a la edad, nos llamó la atención que, diferentemente de los otros experimentos, en este los participantes tienen edades muy variadas, desde 20 hasta 70 años, y no tenemos ninguna franja etaria más representativa que otra. La media etaria de los participantes fue de 41.9 años.

En el cuestionario de información personal también preguntamos a los participantes sobre sus profesiones. La mayor parte de los participantes es profesor 21.8%, profesores de diferentes materias, ya que la única condición era no ser profesor de portugués, después tenemos a los administrativos, un 12.7%, seguidos de los metalúrgicos y los ingenieros (un 10.9% cada uno de ellos), después vemos los trabajadores de la banca ya jubilados (9.1%) y finalmente los estudiantes, también 9.1%. Si bien vemos algunas profesiones que son más frecuentes que otras, podemos decir que, de manera general, contamos con un variado abanico de profesiones.

Los participantes también contestaron si tenían conocimiento de alguna L2/LE y un 45.5% contestó que no domina una L2/LE y un 54.5% contestó que domina una L2/LE. A estos 54.5% que contestaron conocer una L2/LE, les preguntamos cuál era esa L2/LE y un 38.2% sabe solamente inglés, un 7.3% sabe solamente ESP, un 7.3% sabe inglés y ESP y un 1.8% sabe inglés y alemán.

Cabe resaltar que la mayoría de los participantes tiene la carrera completa, un 32.7%, luego vemos el grupo de las personas que ya terminaron un posgrado con 21.8%. Es importante es observar que el 80% de los participantes tiene nivel superior de estudios, información que puede ser muy importante para los resultados de preferencias por los tipos de relativas, con hueco, de reasuntivo o *cortadora*, puesto que las relativas de OP con hueco, según los estudios ya mencionados en este trabajo, están relacionadas con el alto grado de escolaridad.

Tabla13: EXPERIMENTO 4. Género, profesión, edad, conocimiento de LE, cuales LE(s), escolaridad

Información participantes brasileños		Frecuencia [=N]	Porcentaje [%]	Porcentaje válido acumulado [%]
Género	Mujeres	33	60	60
	Hombres	22	40	100
Profesión	Ingeniero	6	10.9	10.9
	Técnico de Infortática	2	3.6	14.5
	Profesor	12	21.8	36.3
	Abogado	1	1.8	38.1
	Turismólogo	2	3.6	41.7
	Administrativo/a	7	12.7	54.4
	Jubilado	5	9.2	63.6
	Estudiante	5	9.2	72.8
	Economista	2	3.6	76.4
	Mecánico	1	1.8	78.2
	Metalurgico	6	10.9	89.1
	Protético	1	1.8	90.9
	Psicólogo	3	5.5	96.4
	Autónomo	2	3.6	100
Edad	entre 20 y 30 años	12	21.8	21.8
	entre 31 y 40 años	13	23.7	45.5
	entre 41 y 50 años	17	30.9	76.4
	entre 51 y 60 años	4	7.2	83.6
	entre 61 y 70 años	9	16.4	100
Conocimiento de LE	sí	25	45.5	45.5
	no	30	54.5	100

LE(s) que conocen	Ninguna	25	45.5	45.5
	Inglés	21	38.1	83.6
	Español	4	7.3	90.9
	Español y Alemán	1	1.8	92.7
	Español e Inglés	4	7.3	100
Escolaridad	doctorado completo	2	3.6	3.6
	doctorado incompleto	2	3.6	7.2
	maestría completa	5	9.1	16.3
	maestría incompleta	1	1.8	18.1
	posgrado - lato sensu completo	12	21.8	39.9
	posgrado - lato sensu incompleto	4	7.3	47.2
	grado completo	18	32.9	80.1
	grado incompleto	5	9.1	89.2
	tecnólogo completo	2	3.6	92.8
	tecnólogo incompleto	2	3.6	96.4
	enseñanza técnica completa	2	3.6	100

Experimento de Elección Forzosa: Metodología

En este experimento, evaluamos las opciones preferenciales del único grupo de 55 informantes, hablantes del PBL1 de distintas regiones del país. Antes de empezar a completar el experimento, los participantes tuvieron que responder preguntas de información personal y, como en los otros experimentos, también tuvieron que completar una corta sección de práctica cuyo objetivo era que se familiarizaran con la metodología de la prueba experimental. Las tres etapas del experimento, de información personal, de práctica y el experimento

propriamente dicho, aparecían consecutivamente en la página que se produjo en versión *off-line* y del plan básico del *software TypeForm*⁶³.

En este experimento, trabajamos con el modelo de elección forzosa entre dos opciones de construcciones relativas que podían aparecer de la siguiente forma: (a) relativa con hueco y relativa de reasuntivo; (b) relativa con hueco y relativa *cortadora*; (c) relativa de reasuntivo y relativa *cortadora*. Tras la primera etapa de la prueba, que consiste en elegir la construcción preferida, el participante demuestra la seguridad (o no) de su elección anterior en una prueba de elección múltiple con emoticones. De esa forma pudimos analizar mejor las preferencias e identificar tendencias del PB sobre las construcciones relativas.

Experimento de Elección Forzosa: Recogida de datos

La primera parte de esta prueba está dedicada a presentar el experimento y a recoger datos personales de los participantes. La primera pantalla que se presenta a los participantes es la que vemos a continuación en la imagen 17 con un pequeño texto explicativo sobre los objetivos de la prueba.

Imagen 17: EXPERIMENTO 4. Instrucciones

⁶³ El enlace que los participantes utilizaron para acceder a este experimento fue el <https://isabel481.typeform.com/to/Y30gkm>.

Después de leer el texto explicativo, los participantes elegían el botón “OK” para dar continuidad a la prueba y antes de seguir adelante necesitaban aceptar participar de la prueba. Tras hacer eso, los participantes veían en la pantalla la información de que les haríamos algunas preguntas de información personal. En esta parte, los participantes leían las preguntas en la pantalla de un ordenador o de un móvil y en la misma tenían que responder preguntas de ámbito personal, como vemos, por ejemplo en la imagen 18.

Imagen 18: EXPERIMENTO 4. Cuestionario de información personal

The screenshot shows a web browser window with the URL <https://admin.typeform.com/form/Y30gkm/create>. The page title is 'Experimento #4'. The main content area displays a questionnaire in Portuguese. The first question is 'Antes de começar o experimento peço que você, por favor, responda algumas perguntas de informação pessoal'. Below this, there are three questions: 'Nome completo:', 'Gênero:', and 'Idade:'. The 'Gênero:' question has two options: 'masculino' and 'feminino'. The 'Idade:' question has a list of age ranges from '15 anos ou menos' to '22 anos'. The interface includes a sidebar with icons for different question types, a main question area with a pencil icon, and a progress bar at the bottom indicating '0% concluído'. The page is powered by Typeform.

En la segunda parte de la prueba experimental, tenemos una corta sección de práctica con el objetivo de que el participante se familiarizara con el tipo de prueba.

La sección de práctica consistía en dos ítems con dos oraciones cada uno de ellos. En esta sección, no presentamos oraciones de relativo, pues el único objetivo en aquel momento era el de presentar el formato de la prueba experimental a los participantes y no el tema de la prueba. En la primera parte de la sección de práctica, los participantes tenían que elegir y marcar en la misma pantalla una de las opciones entre (a), (b), la que les parecía más usual y común en el PB. En la segunda parte decidían, por medio de emoticones, con qué nivel de seguridad habían hecho la elección anterior. Así, en este momento se familiarizaban con la prueba de elección forzosa y con la segunda parte de los

ítems en la que siempre preguntábamos el nivel de seguridad que tenían en relación a la respuesta anterior.

Después de finalizar la práctica, se les avisaba que habían terminado, como vemos en la imagen 19, y que comenzaría la prueba experimental, como vemos en 20, y se les presentaba una pequeña pantalla de instrucciones, como vemos en 21.

Imagen 19: EXPERIMENTO 4. Fin de la sección de práctica

Imagen 20: EXPERIMENTO 4. Inicio del experimento lingüístico.

Imagen 21: EXPERIMENTO 4. Instrucciones

4 → INÍCIO DO EXPERIMENTO LINGÜÍSTICO.

Instruções

Entre as duas orações que apresentamos abaixo, escolha a que para você é mais comum e usual. Não se trata de lembrar do que você aprendeu na escola e sim do que parece mais natural e mais provável de se escutar e usar no português do Brasil.

Continuar clique no botão ao lado

* Escolha a oração que considere mais comum, natural e provável no português do Brasil. Não se trata de lembrar do que você aprendeu na escola e sim do que é mais usual no português do Brasil. *

☐ A Não há uma região de São Paulo em que a polícia não entre.

☐ B Não há uma região de São Paulo que a polícia não entre nela.

0% concluído

Powered by Typeform

En el experimento tenían que leer, también en la pantalla del ordenador o del móvil, las oraciones de relativo que les aparecían en parejas y con tres posibilidades de agrupación: (a) relativa con hueco versus relativa de reasuntivo; (b) relativa con hueco frente a relativa *cortadora*; (c) relativa de reasuntivo frente a relativa *cortadora*. En cada caso tenían que elegir la opción que les parecía más usual y común en el PB. Los participantes eran informados repetidamente, en cada uno de los ítems, que deberían elegir la construcción preferible para ellos sin considerar lo que habían aprendido en la escuela, como aprendizaje formal, sino lo que les parecía más probable de escuchar en el PB. Tras la elección, el participante pasaba a la segunda parte de cada ítem del experimento, en la cual tenían que contestar, a partir de la elección de un emoticón, el nivel de seguridad con que habían elegido la relativa anterior. Vemos las dos etapas de cada ítem en las imágenes 22 y 23 a continuación.

Imagen 22: EXPERIMENTO 4. Primera parte: elección forzosa

4 → INÍCIO DO EXPERIMENTO LINGÜÍSTICO.

c. Escolha a oração que considere mais comum, natural e provável no português do Brasil. Não se trata de lembrar do que você aprendeu na escola e sim do que é mais usual no português do Brasil. *

A Este é o livro que eu te falei dele ontem.

B Este é o livro que eu te falei dele ontem.

d. Qual o grau de segurança da sua escolha:

0% concluído

Powered by Typeform

Imagen 23: EXPERIMENTO 4. Segunda parte: elección del grado de seguridad de la respuesta anterior

4 → INÍCIO DO EXPERIMENTO LINGÜÍSTICO.

d. Qual o grau de segurança da sua escolha:

A estou muito seguro.

B estou seguro.

C estou mais ou menos seguro.

D estou pouco seguro.

E não estou nada seguro.

0% concluído

Powered by Typeform

Después de elegir la opción que les parecía más adecuada, el software presentaba a los participantes el siguiente ítem hasta que terminaba toda la prueba experimental.

Experimento Elección Forzosa: Diseño experimental

El diseño del experimento 4 es también un *Latin Square* 3X4, con tres tipos de oraciones relativas y cuatro tipos de preposiciones, según vemos a continuación:

DISEÑO LATIN SQUARE 3 X 4

3 X VARIABLES: **A** = RELATIVA DE OP [+definido] – CON HUECO
 B = RELATIVA DE OP [+definido] – REASUNTIVO
 C = RELATIVA DE OP [+definido] - CORTADORA

4 X VARIABLES: **(1)** = USO DE LA PREPOSICIÓN “EN”
 (2) = USO DE LA PREPOSICIÓN “A”
 (3) = USO DE LA PREPOSICIÓN “CON”
 (4) = USO DE LA PREPOSICIÓN “DE”

Como podemos ver en el cuadro 9, presentamos un total de 24 construcciones de relativo de los tipos y modelos ya mencionados. En la lista master a continuación, vemos los ejemplos y vale mencionar que, a diferencia de los experimentos anteriores, en este, no incluimos distractores.

Cuadro 10: EXPERIMENTO 4. Diseño de las variables: *latin square*

ítems	Relativas com hueco	Relativas de reasuntivo	Relativas cortadoras	Total
Preposición "en"	A1/A1'	B1/B1'	C1/C1'	6
Preposición "a"	A2/A2'	B2/B2'	C2/C2'	6
Preposición "con"	A3/A3'	B3/B3'	C3/C3'	6
Preposición "de"	A4/A4'	B4/B4'	C4/C4'	6
Total	8	8	8	24

Lista 7: EXPERIMENTO 4. Lista Master

LISTA MASTER
A1: Não há uma região de São Paulo em que a polícia não entre.
B1: Não há uma região de São Paulo que a polícia não entre nela .
C1: Não há uma região de São Paulo que a polícia não entre.
A1': Estou procurando bons profissionais para a empresa na qual eu trabalho.
B1': Estou procurando bons profissionais para a empresa que eu trabalho nela .
C1': Estou procurando bons profissionais para a empresa que eu trabalho.
A2: A escritora a quem deram o premio é brasileira.
B2: A escritora que deram o premio pra ela é brasileira.
C2: A escritora que deram o premio é brasileira.
A2': O estudante a quem deram a bolsa está no 2º ano.
B2': O estudante que deram a bolsa pra ele está no 2º ano.
C2': O estudante que deram a bolsa está no 2º ano.
A3: A senhora com quem eu conversei ontem está aqui.
B3: A senhora que eu conversei com ela ontem está aqui.
C3: A senhora que eu conversei ontem está aqui.
A3': O ator com quem eu trabalhei na última novela morreu.
B3': O ator que eu trabalhei com ele na última novela morreu.
C3': O ator que eu trabalhei na última novela morreu.
A4: O garoto de quem eu gosto é aluno do terceiro ano.
B4: O garoto que eu gosto dele é do terceiro ano.
C4: O garoto que eu gosto é do terceiro ano.
A4': Este é o livro de que eu te falei ontem.
B4': Este é o livro que eu te falei dele ontem.
C4': Este é o livro que eu te falei ontem.

En este experimento trabajamos con solo una lista, la Lista A, que, como vemos a continuación, tiene 24 ítems.

Cuadro 11: EXPERIMENTO 4. Diseño y organización de la lista master

A1 X B1
B4' X C4'
A4 X C4
C3' X B3'
A1 X C1
B2 X C2
A4 X B4
A1' X B1'
B1 X C1
A4' X C4'
A1' X C1'
B2' X A2'
C3 X A3
C3' X A3'
B1' X C1'
B2' X C2'
C2 X A2
C3 X B3
A3' X B3'
C2' X A2'
B4 X C4
A3 X B3
A4' X B4'
B2 X A2
Total 24 ítems

Como se ha mencionado ya, cada ítem de la lista presentaba al participante dos tipos de construcción: de hueco frente a de reasuntivo, de hueco frente a *cortadora* y de reasuntivo frente a *cortadora*. Esto nos permite la analizar las preferencias de forma precisa y también la seguridad de las elecciones de cada uno de los participantes para cada uno de los pares.

Capítulo 4. ANÁLISIS DE DATOS

En este capítulo, presentaremos en primer lugar los resultados de la prueba piloto. A continuación analizamos los datos de los experimentos 1 y 2, *offline*, los de juicios de aceptabilidad con objeto de constatar el nivel la aceptabilidad de las relativas OP (de reasuntivo y *cortadoras*), por un lado, y de las relativas de OD (de reasuntivo y de reasuntivo distante del antecedente) en el ESP como L2/LE por parte de aprendices brasileños. En tercer lugar presentamos los datos del experimento 3, de elección múltiple, también *off-line* que nos permiten determinar la preferencia con relación a las construcciones de relativo OP con hueco, de reasuntivo y *cortadoras*. Finalmente, en la última parte de este capítulo, presentamos el experimento 4, de elección forzosa, en el que, como hemos visto, se determina la preferencia por el uso de cada una de estas construcciones relativas de OP en el PB comparándolas por pares.

I. Prueba Piloto

Presentaremos, en primer lugar, los datos de la prueba piloto y discutiremos en qué medida estos resultados nos ayudaron en la toma de decisiones dirigida a dar forma a los experimentos 1 y 2.

Hemos de mencionar que no hicimos un análisis estadístico de los datos del estudio piloto porque lo que nos interesaba fundamentalmente era hacer un análisis descriptivo de esos datos. Además, y esto también es importante, los grupos no tenían un número mínimo de participantes que justificara un análisis estadístico y, como ya se ha mencionado antes, el objetivo central del estudio piloto era observar si las construcciones que elaboramos respondían a nuestra necesidad y propuesta de estudio o si necesitábamos reelaborarlas para los experimentos 1 y 2. Por último, es importante recordar que no nos detuvimos en evaluar el grado de aceptabilidad de las relativas, sino solamente si eran aceptables o no.

Datos

Con el análisis de los resultados del piloto nos proponíamos observar: (a) la aceptabilidad o no de las construcciones relativas elaboradas para esta etapa; (b) averiguar si causaban alguna duda de interpretación; y (c) averiguar si las construcciones eran leídas de la forma que esperábamos.

Las relativas de OP con antecedente [+animado][+definido], como en (191), de OP con antecedente [-animado][+definido], como en (192), y de OP con antecedente [-animado][-definido], como en (193), obtuvieron una aceptabilidad de un 100% por parte de ambos los grupos, como muestran la tabla 14 y los gráficos 1, 2 y 3⁶⁴.

(191) Juan le pedía dinero a la tía de la que dependía económicamente.

(192) Usamos las marcas en las que confiamos plenamente.

(193) Usamos unas marcas en las que confiamos plenamente.

Ese grado de aceptabilidad quizás se deba al hecho de que se trataba de un prueba escrita y no oral, en el sentido de que las construcciones relativas de OP con hueco, son oraciones que representan más la escritura, por su complejidad, que la lengua oral.

Tabla 14: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco, con antecedente [+animado] y [+definido]

Relativas de OP con hueco con antecedente [+animado] [+definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	6/6	100%	9/9	100%
No aceptable	0/6	0	0/9	0
Sin respuesta	0/6	0	0/9	0
Total	6/6	100%	9/9	100%

⁶⁴ Nos parece importante aclarar que para el análisis de la prueba piloto hemos utilizado el programa Excel, tanto para el cálculo de porcentajes como para la elaboración de los gráficos.

Gráfico 1: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [+animado] y [+definido]

Tabla 15: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [-animado] y [+definido]

Relativas de OP con hueco con antecedente [-animado] [+definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	6/6	100%	9/9	100%
No aceptable	0/6	0	0/9	0
Sin respuesta	0/6	0	0/9	0
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 2: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [-animado] y [+definido].

Tabla 16: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [-animado] y [-definido].

Relativas de OP con hueco con antecedente [-animado] [-definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	6/6	100%	9/9	100%
No aceptable	0/6	0	0/9	0
Sin respuesta	0/6	0	0/9	0
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 3: PRUBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [-animado] y [-definido].

En el caso de las relativas de OP con hueco con antecedente [+animado][-definido], como las de (194), los dos grupos, el de control y el experimental, mostraron un grado de aceptabilidad, muy semejante aunque no idéntico.

(194) Juan le pedía dinero a una tía de la que dependía económicamente.

El grupo de control muestra un 83% de aceptabilidad y el experimental un 89%, es decir, ambos consideran este tipo de construcción aceptable, como se puede apreciar en el tabla 17 y en el gráfico 4.

Tabla 17: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [+animado] y [-definido].

Relativas de OP con hueco con antecedente [+animado] [-definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	5/6	83%	8/9	89%
No aceptable	0/6	0	1/9	11%
Sin respuesta	1/6	17%	0/9	0%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 4: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP con hueco con antecedente [+animado] y [-definido].

Las construcciones de OP con hueco, tienen prácticamente aceptabilidad total, resultado que creemos que se explica, en primer lugar, por ser una prueba escrita y este tipo de construcción es más productivo en la escritura que en la oralidad; en segundo lugar se explica por el hecho de que el proceso de formación de las relativas con hueco en el ESP y en el PB parece ser bastante semejante, lo que contribuiría a que ambos grupos presentaran un alto grado de aceptabilidad para este tipo de construcción.

En las construcciones de OP de reasuntivo con antecedente [+animado][+definido], como en (195), un 67% del grupo experimental, no

contestó o mostró duda en la respuesta con alguna observación, frente a un 50% del grupo de control, que las consideró aceptables. Las oblicuas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado][+definido], como en (196), fueron consideradas aceptables por todo el grupo de control, esto es, un 100%, mientras que en el grupo experimental solo lo hizo un 22%.

(195) Juan le pedía dinero a la tía que dependía de ella económicamente.

(196) Usamos las marcas que confiamos en ellas plenamente.

Tabla 18: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+animado] y [+definido].

Relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+animado] [+definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	3/6	50%	0/9	0%
No aceptable	2/6	33%	3/9	33%
Sin respuesta	1/6	17%	6/9	67%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 5: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas OP de reasuntivo con antecedente [+animado] y [+definido]

Tabla 19: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado] y [+definido].

Relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado] [+definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	6/6	100%	2/9	22%
No aceptable	0/6	0%	5/9	56%
Sin respuesta	0/6	0%	2/9	22%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 6: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado] y [+definido].

En el caso de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+animado][-definido], como en (197), y también en las de reasuntivo con antecedente [-animado][-definido], como en (198), el grupo de control, muestra nuevamente un mayor grado de aceptabilidad: un 50% para las relativas de reasuntivo con antecedente [+animado][-definido]. Para las relativas con antecedente [-animado][-definido], un 50% contestó que la construcción es aceptable y el otro 50% contestó que no es aceptable. En el grupo experimental, obtuvimos un 33% de aceptabilidad para las relativas con antecedente

[+animado][-definido], y un 22% de aceptabilidad para las relativas con antecedente [-animado][-definido], tal como se recoge en las tablas 20 y 21 y los gráficos 7 y 8.

(197) Juan le pedía dinero a una tía que dependía de ella económicamente.

(198) Usamos unas marcas que confiamos en ellas plenamente.

Tabla 20: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+animado] y [-definido].

Relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+animado] [-definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	3/6	50%	3/9	33%
No aceptable	2/6	33%	4/9	44%
Sin respuesta	1/6	17%	2/9	22%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 7: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+animado] y [-definido].

Tabla 21: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado] y [-definido].

Relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado] [-definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	3/6	50%	2/9	22%
No aceptable	3/6	50%	3/9	33%
Sin respuesta	0/6	0%	4/9	44%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 8: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-animado] y [-definido] en el test piloto.

Considerando todos los rasgos observados en las relativas de OP de reasuntivo, se observa que para el grupo de control, este tipo de construcción es más aceptable que para el grupo experimental, lo cual tal vez se deba a que las construcciones de reasuntivo, según diferentes lingüistas, son más productivas en el ESP que en el PB, ya que en esta lengua, están actualmente bastante estigmatizadas, si bien no puede negarse que se utilizan.

El tercer tipo de construcción observado es el de las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+animado][+definido], como la (199).

(199) Juan le pedía dinero a la tía que dependía económicamente.

En estas construcciones, hay bastante variabilidad en las respuestas del grupo de control y poca seguridad a la hora de decidir sobre la aceptabilidad de este tipo de relativa. En este caso, creemos que el “que”, elemento con baja deixis, contribuyó para un enunciado ambiguo que puede haber jugado un papel importante en la opción de los participantes del grupo de control.

Creemos también que a esta ambigüedad se debe a que casi la mitad de los miembros del grupo experimental mostraran dudas en las respuestas y prácticamente la otra mitad optara por considerar el ejemplo (199) como no aceptable en el ESP. La interpretación ambigua, ¿quién depende económicamente de quién?, que puede proporcionar el ejemplo (199), tal vez también haya jugado un papel importante en las opciones de “no aceptable” y de “duda” del grupo experimental. Por un lado, el imaginario del ESP para los brasileños entrevistados por Celada (2002) como lengua de prestigio y [...] *língua correta, detalhista, redundante, complicada, rebuscada, formal, mandona* [...] ⁶⁵ (CELADA, 2002:210) y que se parece al PB escrito y no al PB hablado, de ahí la elección de “no aceptable” para este tipo de construcción en el ESP. Por otro, cierta preocupación por una posible influencia de la L1 que le causa “duda” al grupo experimental, ya que, como se ha mencionado, esta es una construcción que permite una interpretación ambigua y los participantes quizás fueron sensibles a esa ambigüedad a la hora de responder a la prueba.

⁶⁵ [...] *língua correta, detalhista, redundante, complicada, rebuscada, formal, mandona* [...] (CELADA, 2002:210 – traducción nuestra)

Tabla 22: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+animado] y [+definido].

Relativas de OP <i>cortadoras</i> con antecedente [+animado] [+definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	2/6	33%	0/9	0%
No aceptable	2/6	33%	4/9	44%
Sin respuesta	2/6	33%	5/9	56%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 9: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+animado] y [+definido] en la prueba piloto.

En el caso de las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-animado][+definido], como vemos en (200), hubo una mayor aceptabilidad de ambos grupos en comparación con las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+animado][+definido]. Tal vez el rasgo [-animado] colabore para que se alcance este tipo de aceptabilidad, ya que el rasgo [+animado] puede proporcionar más dudas en el juicio de aceptabilidad. Además, hay que recordar que este tipo de construcción es muy común y bastante productivo en el PB según diferentes lingüistas.

(200) Usamos las marcas que confiamos plenamente.

Tabla 23: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-animado] y [+definido].

Relativas de OP <i>cortadoras</i> con antecedente [-animado] [+definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	3/6	50%	5/9	56%
No aceptable	2/6	33%	3/9	33%
Sin respuesta	1/6	17%	1/9	11%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 10: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-animado] y [+definido].

En las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+animado][-definido], como en (201), nos llamó la atención el alto nivel de no aceptabilidad y duda entre los dos grupos, es decir, el alto porcentaje alcanzado, 50% para los del grupo de control y 66.67% para los del grupo experimental. Si sumamos las respuestas de “no aceptable” y “duda/sin respuesta”, en este grupo de relativas [+animado] [-definido], quizás por el antecedente [+animado], observamos una ambigüedad en la interpretación de todas las oraciones, aspecto que, creemos,

ha jugado un papel importante en los resultados obtenidos, pues la ambigüedad puede haber contribuido a que se obtengan resultados contrarios a los esperados.

(201) Juan le pedía dinero a una tía que dependía económicamente.

Gráfico 11: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+animado] y [-definido].

En relación con las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-animado][definido], como en (202), es interesante observar el porcentaje bastante semejante de aceptabilidad de este tipo de construcción entre el grupo de control y el grupo experimental, por un lado, porque, no hay ambigüedad como sucedía el ejemplo anterior (201), y, por otro, porque aunque según diferentes lingüistas esta no es una construcción muy productiva en el ESP, se puede interpretar sin problemas.

(202) Usamos unas marcas que confiamos plenamente

Tabla 24: PRUBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-animado] y [-definido] en la prueba piloto.

Relativas de OP <i>cortadoras</i> con antecedente [-animado] [-definido]	Grupo de Control		Grupo Experimental	
	frecuencia total	porcentaje	frecuencia total	porcentaje
Aceptable	3/6	50%	4/9	44%
No aceptable	2/6	33%	3/9	33%
Sin respuesta	1/6	17%	2/9	22%
Total	6/6	100%	9/9	100%

Gráfico 12: PRUEBA PILOTO. Juicios de gramaticalidad sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-animado] y [-definido] en la prueba piloto.

Conclusiones preliminares y decisiones sobre las pruebas centrales de la investigación

Las primeras conclusiones en este apartado del trabajo están relacionadas con: (a) los resultados sobre la aceptabilidad o no de las construcciones relativas elaboradas para esta etapa; (b) los resultados que nos permiten averiguar si causaban alguna duda de interpretación; y (c) los resultados que nos permiten averiguar si las construcciones eran interpretadas

tal como esperábamos. Estos resultados, que discutimos ahora, fueron importantes para determinar cómo íbamos a diseñar los experimentos 1 y 2.

En relación con la aceptabilidad de las relativas de OP, observamos una aceptabilidad total de las relativas con hueco, como *Usamos las/unas marcas en las que confiamos plenamente*, independientemente del rasgo del antecedente, tanto por el grupo de control como por el grupo experimental. Creemos que esto ocurre porque esas construcciones son bastante usuales en el registro escrito de las dos lenguas con las cuales estamos trabajando y el experimento consistía en que se evaluaran enunciados en lengua escrita.

Por lo que se refiere a las relativas de reasuntivo (*Usamos las/unas marcas que confiamos en ellas plenamente*) hubo una mayor aceptabilidad por parte del grupo de control. Creemos que esto confirma que el uso del reasuntivo en relativas es más productivo en el ESP, sobre todo cuando se trata de una producción no monitoreada, aunque normalmente se prefiera el reasuntivo átono. En el PB, sin embargo, estaría muy estigmatizada en la actualidad, aunque, según los estudios consultados, su uso es muy frecuente en los sectores de población menos escolarizadas.

Por último, en el caso de las relativas *cortadoras*, (*Usamos las/unas marcas que confiamos plenamente*), al contrario de lo que esperábamos, el grupo de control mostró una gran aceptabilidad, lo que nos hace preguntarnos si este tipo de construcción realmente no se utiliza en el ESP, como afirman algunos trabajos consultados.

En lo relativo a si las construcciones que se presentaron en la prueba piloto causaban alguna duda de interpretación y si eran leídas de la forma que esperábamos, el análisis de los datos, las discusiones con los compañeros y profesores del *LarLab* entre octubre de 2015 y marzo de 2016 y los comentarios de los participantes, llegamos a la conclusión de que los experimentos 1 y 2 debían incluir solamente el rasgo [+/-definido] y que los rasgos [+/-animado], de género y de número no deberían ser variables que jugaran un papel en las pruebas experimentales 1 y 2. Esta decisión la tomamos en primer lugar para evitar ambigüedades que se observaron en las construcciones de la prueba piloto, en segundo lugar para asegurarnos de que el tiempo de respuesta fuese adecuado para los participantes y, en tercer lugar, para alcanzar los objetivos de análisis de manera más segura y fiable.

Antes de terminar este apartado, queremos mencionar que, cuando decidimos realizar una prueba piloto previa a los experimentos 1 y 2 para probar y verificar las estructuras relativas producidas, su aplicabilidad y su lectura, habíamos planeado analizar las construcciones relativas de OP y las de OD, es decir, las mismas que analizaremos en los experimentos 1 y 2. Sin embargo, pudimos llegar a algunas respuestas únicamente observando las construcciones de OP, de modo que, en la etapa siguiente de este trabajo, pasaremos directamente a ocuparnos de los experimentos 1 y 2, para tratar de entender cómo opera el grado de aceptabilidad de las relativas de OP y de OD en el ESP por parte de hablantes de ESPL1 y de hablantes de PBL1 aprendices de ESP.

II. Experimento 1 - Juicios de Aceptabilidad

En esta sección analizamos los resultados obtenidos en el experimento 1 con relación a las relativas de OP de reasuntivo y *cortadoras* y comparamos la aceptabilidad por parte del grupo experimental, hablantes de PBL1 y por parte del grupo de control, hablantes de ESPL1.

Pregunta de investigación 1

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP de reasuntivo?

Hipótesis 1

En relación con esta primera pregunta de investigación, nuestra hipótesis era que existiría una alta aceptabilidad de relativas de OP de reasuntivo en el ESP por parte de hablantes del ESPL1, puesto que, según afirman algunos estudios consultados, las construcciones de objeto nulo en el ESP estarían restringidas y no serían tan productivas como en el PB. Por parte de los hablantes del PBL1, nuestra hipótesis era que la influencia de la lengua nativa sobre la lengua aprendida se manifestaría en la aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/-definido], dado que, entre las construcciones de reasuntivo, las que llevan un reasuntivo tónico serían las más productivas en el PB, si bien, bastante estigmatizadas. Estas hipótesis se confirman por los resultados obtenidos en la prueba piloto, puesto que vimos una mayor

aceptabilidad por parte del grupo de control que por parte del grupo experimental para las relativas de OP de reasuntivo.

Resultados

Presentamos en primer lugar los resultados del experimento 1 de forma descriptiva y a continuación el análisis estadístico⁶⁶. En todos los análisis estadísticos, hemos considerado como nivel de significación, es decir, información que se usa para aceptar o rechazar la hipótesis nula y el más utilizado en los cálculos estadísticos en el campo de la lingüística y la adquisición del lenguaje. Para eso usamos el valor p , si el valor p es menor que 0.05 – $p < 0.05$ – es estadísticamente significativo y la hipótesis nula es rechazada y cuando menor sea el valor del p más significativo será el resultado. Sin embargo, el resultado más significativo no implica que la diferencia sea grande o muy diferente, sino que hay evidencias estadísticas de que hay diferencia, por eso es un resultado estadísticamente significativo.

En la tabla 25 se recoge la media y la desviación típica de los datos. En esta vemos, con referencia al grupo de control, que los hablantes de ESPL1 prefieren las construcciones de OP de reasuntivo con antecedente [-definido] a las de reasuntivo con antecedente [+definido]. A diferencia del grupo de control, los participantes del grupo experimental aparentemente no producen juicios que hagan ver una diferencia significativa en la aceptabilidad con respecto a la definitud en este tipo de construcción.

Tabla 25: EXPERIMENTO 1. Media y desviación típica de los datos del grupo de control y grupo experimental sobre las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/-definido]

	Relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido]	Relativas OP de reasuntivo con antecedente [-definido]
Grupo de control	1.62 (0.67)	2.04 (0.90)
Grupo experimental	2.58 (1.04)	2.49 (1.02)

⁶⁶ Para los análisis estadísticos utilizamos el paquete SPSS, versión 20, para Mac.

En los gráficos de 13 y 14 observamos nuevamente las medias y seguimos analizando las preferencias.

Gráfico 13: EXPERIMENTO 1. Media de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido].

Gráfico 14: EXPERIMENTO 1. Media de las relativas de OP de resuntivo con antecedente [-definido].

De manera general, observando las medias, las relativas de OP de resuntivo con antecedente [+definido] y las de resuntivo con antecedente [-definido] no están muy aceptadas por ninguno de los dos grupos de participantes. Especialmente con relación al grupo de control, vemos en el gráfico 13 la baja aceptabilidad para las relativas de OP de resuntivo [+definido], con media de 1.62, y una mayor aceptabilidad, y media de 2.04, para las relativas de OP de resuntivo [-definido]. Como la aceptabilidad podría variar de 1 a 5, constatamos que en ambos casos la aceptabilidad ha sido baja. Cabía esperar este rechazo, porque estamos ante casos de rasgos [+definido] y [-definido] del antecedente, con distancia corta entre el antecedente y el resuntivo, además, un antecedente [-animado] con la referencia por medio de pronombres personales. Todo este conjunto de características puede haber influido y operado a favor de la opción de inaceptabilidad de este tipo de construcción por parte de los hispanohablantes. En relación con el grupo experimental también hubo rechazo, con medias de 2.48 para las relativas de OP de resuntivo [+definido] y 2.59 para las relativas de OP de resuntivo [-definido], aunque en

este caso el rechazo es menor que en el grupo de control. Estos resultados quizá se deban a que este tipo de construcción en el PB es muy productivo, aunque esté bastante estigmatizado.

Con el fin de verificar si la diferencia en la aceptabilidad entre los grupos es significativa, realizamos la prueba T de muestras independientes. Con esta prueba obtuvimos para relativa de OP de reasuntivo con antecedente [+definido] para las varianzas iguales, $t = -4.934$ y $p=0.001$, es decir, la diferencia en la aceptabilidad de los grupos según la definitud del antecedente es significativa. Sin embargo, en la relativa de OP de reasuntivo con antecedente [-definido] para varianzas iguales, tenemos: $t = -2.182$ y $p = 0.082$, es decir, la diferencia no es significativa en la aceptabilidad por parte de los grupos de control y experimental⁶⁷.

Sometimos también los datos obtenidos a la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA⁶⁸, de modelo 2 X 2, es decir, para los dos grupos y la relativa de OP de reasuntivo con antecedente [+definido] y [-definido]. Los resultados de las pruebas de efecto inter grupos muestran que para la relativa de OP de reasuntivo con antecedente [+definido] tenemos los siguientes datos: $F= 24.341$; $p=0.000$, lo que muestra una diferencia significativa y nos confirma el resultado obtenido con la prueba T, hecha anteriormente. Los resultados de las pruebas de efecto inter grupos para la relativa de OP de reasuntivo con antecedente [-definido] los resultados fueron: $F= 4.761$; $p=0.031$. Nuevamente tenemos una diferencia significativa en la preferencia de los grupos cuando el antecedente es [-definido]. En este caso, el resultado obtenido con la prueba T no se confirma.

⁶⁷ En el anexo 1 podemos ver el cuadro del análisis estadístico para la prueba T completo.

⁶⁸ **AN**alysis **O**f **VA**riance (análisis de la varianza) es una prueba estadística utilizada para probar la hipótesis nula cuando la muestra para el análisis es pequeña. En el anexo 2 podemos ver el cuadro del análisis estadístico para esa prueba completo.

Pregunta de investigación 2

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP *cortadoras*?

Hipótesis 2

Por un lado, formulamos la hipótesis de que, en los juicios de aceptabilidad de las relativas de OP *cortadoras* emitidos por hablantes del PBL1, se constatarían marcas de la influencia de su lengua nativa sobre la lengua aprendida, que se evidenciarían en una preferencia por relativas del tipo *cortadoras*. Por otro lado, postulamos la hipótesis de que, para los hablantes del ESPL1, la aceptabilidad de las construcciones de OP *cortadoras* con antecedente [+/- definido] sería muy baja, pues en el ESP y en el PB las estrategias más productivas para las relativas sin hueco no serían las mismas ya que en el PB la posibilidad y la consolidación del objeto nulo favorece las construcciones *cortadoras*.

Resultados

Para responder esta segunda pregunta de investigación, hemos calculado la media y la desviación típica de los datos, como se muestra en la tabla 26 y en los gráficos 15 y 16 donde vemos también la media de las respuestas.

Tabla 26: EXPERIMENTO 1 Media y desviación típica de los datos del grupo de control y grupo experimental sobre las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+/-definido].

	Relativas de OP <i>cortadora</i> con antecedente [+definido]	Relativas de OP <i>cortadora</i> con antecedente [-definido]
Grupo de control	1.64 (0.66)	1.60 (0.7)
Grupo experimental (PB)	4.05 (0.94)	3.83 (1.05)

En la tabla se observa que tanto en el grupo de control como en el experimental el rasgo de definitud del antecedente [+/-definido] no influye en la preferencia de las relativas *cortadoras*. Por otro lado, si comparamos los grupos, vemos que la diferencia en la aceptabilidad es grande: los hablantes del ESPL1 consideran este tipo de construcción menos aceptable que los hablantes del PBL1, que las considera mucho más aceptables, como cabía esperar, dado que en el PB estas relativas son muy frecuentes, según diferentes estudios.

Gráfico 15: EXPERIMENTO 1. Media de las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+definido].

Gráfico 16: EXPERIMENTO 1. Media de las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-definido].

Con objeto de confirmar las observaciones realizadas a partir de los datos descriptivos de media y desviación típica, sometimos los datos a prueba estadística T de muestras independientes. Para las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+definido] obtuvimos los siguientes resultados: $t = -13.385$; $p = 0.166$, lo que significa que la diferencia en la preferencia entre los grupos para este tipo de relativa no es estadísticamente significativa. Para las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-definido] tuvimos los resultados: $t = -11.258$; $p = 0.46$, lo que nos indica, nuevamente, una diferencia que no es estadísticamente significativa⁶⁹.

Para verificar los resultados obtenidos en la prueba T, sometimos los datos a la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA, de modelo 2 X 2, para los dos grupos, de control y experimental, y para las dos variables de definitud, antecedente [+/-definido], en las relativas *cortadoras*. Los resultados de las pruebas de efecto inter grupos muestran que, para las relativas de OP

⁶⁹ En el anexo 3 podemos ver el cuadro del análisis estadístico para la prueba T completo y en el anexo 4 podemos ver el análisis estadístico completo para la prueba ANOVA.

cortadoras con antecedente [+definido] tenemos: $F=179.151$; $p=0.000$, lo que muestra una diferencia significativa y no nos confirma el resultado obtenido con la prueba T. Para las pruebas de efecto inter grupos de las relativas *cortadoras* con antecedente [-definido] los resultados fueron: $F=126.735$; $p=0.000$. En este caso, también, tenemos una diferencia significativa en la aceptabilidad de este tipo de relativa por parte de los dos grupos, control y experimental, cuando el antecedente es [-definido] y nuevamente no se confirma el resultado obtenido anteriormente con la prueba T.

III. Experimento 2 – Juicios de Aceptabilidad

Pregunta de investigación 3

¿Influye el antecedente [+/-definido] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo?

Hipótesis 3

En relación a esta pregunta de investigación, la hipótesis era que, de las relativas de OD de reasuntivo los hablantes del ESPL1 tendrían preferencia por aquellas con el antecedente con rasgo [-definido], puesto que este rasgo facilitaría que apareciera un elemento reasuntivo en la relativa. Con respecto a los hablantes del PBL1, la hipótesis era que la definitud no sería un rasgo que cambiaría la aceptabilidad de manera significativa.

Resultados

Para responder a esta pregunta de investigación, calculamos la media y la desviación típica de los datos, tal como muestra la tabla 27, y como vemos en la representación gráfica de la media que figura en los gráficos 17 y 18.

Tabla 27: EXPERIMENTO 2. Media y desviación típica de los datos del grupo de control y grupo experimental sobre las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+/-definido].

	Relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+definido]	Relativas de OD de reasuntivo con antecedente [-definido]
Grupo de control	1.66 (0.71)	2.57 (1.01)
Grupo experimental	3.37 (1.01)	3.60 (0.89)

Gráfico 17: EXPERIMENTO 2. Media de las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+definido]

Gráfico 18: EXPERIMENTO 2. Media de las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [- definido]

Del análisis se desprende que, en el caso de los hablantes del ESPL1, el rasgo de definitud influye en la preferencia de las relativas de OD de reasuntivo, dado que las de reasuntivo [-definido] son aparentemente más aceptables. En el caso del grupo experimental, también se observa una preferencia por la relativa OD de reasuntivo [-definido], no obstante, aún no sabemos decir si la diferencia es o no significativa. Por otro lado, si comparamos los grupos, vemos que la diferencia en la aceptabilidad tal vez sea significativa, puesto que los hablantes del ESPL1 no consideran este tipo de construcción aceptable, mientras que los hablantes del PBL1 lo consideran algo más aceptable.

Con el fin de comprobar lo que se ha observado, sometimos los datos obtenidos en este experimento a la prueba T de muestras independientes y varianzas iguales. En esta prueba constatamos que, para las relativas de OD de reasuntivo [+definido] asumiendo varianzas iguales, tenemos $t=-8.900$; $p=0.024$,

es decir, tenemos una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad de los grupos cuando se trata de estas relativas. Cuando analizamos las relativas de OD de reasuntivo [-definido] con varianzas iguales, tenemos $t=-5.357$; $p=0.318$. Resultado que nos muestra una diferencia estadísticamente no significativa en la aceptabilidad de los dos grupos cuando el antecedente de la relativa de OD de reasuntivo es [-definido].

Con objeto de comprobar lo observado con la prueba estadística T, sometimos los datos de este experimento a la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA, de modelo 2 X 2, para las variables de los dos grupos y para la relativa de OD de reasuntivo con antecedente [+/- definido]⁷⁰.

Los resultados de las pruebas de efectos inter grupos muestran que, para las relativas de OD de reasuntivo [+definido] tenemos $F=79.215$; $p=0.000$, por lo tanto, una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad de los grupos. Este resultado coincide con el que tuvimos en la prueba T. Para las relativas de OD de reasuntivo [-definido] tenemos $F=28.697$; $p=0.000$, y en este caso no coincide con el resultado obtenido en la prueba T, pues la diferencia es estadísticamente significativa.

Pregunta de investigación 4

¿Influyen los rasgos [+/-distancia] y [+/-definido] del antecedente en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo?

Hipótesis 4

La hipótesis que formulamos era que, en el caso de las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia], la preferencia por parte de los hablantes del ESPL1 sería por las que tienen el antecedente [-definido], puesto que, según las propuestas de la teoría lingüística, la distancia entre el antecedente y el reasuntivo posibilitaría el uso de un reasuntivo que normalmente aparece cuando el antecedente tiene rasgo [-definido]. Por lo que se refiere a los hablantes del PBL1, la hipótesis era la de que la definitud del antecedente no constituiría una marca de preferencia, aunque sí serían sensibles al rasgo [+/-distancia] del antecedente.

⁷⁰ En el anexo 5 podemos ver el cuadro del análisis estadístico completo para la prueba T y el anexo 6 podemos ver el cuadro del análisis estadístico completo para la prueba ANOVA.

Resultados

Para responder esta pregunta de investigación, calculamos la media y la desviación típica de los datos, como se muestra en la tabla 28 y vemos la representación gráfica de la media en los gráficos 19 y 20.

Tabla 28: EXPERIMENTO 2. Media y desviación típica de los datos del grupo de control y grupo experimental sobre las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [+/-definido].

	Relativas de OD de reasuntivo distante [+definido]	Relativas de OD de reasuntivo distante [-definido]
Grupo de control	2.94 (1.11)	3.27 (1.12)
Grupo experimental	3.81 (0.83)	3.87 (0.87)

Gráfico 19: EXPERIMENTO 2. Media de las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [+definido].

Gráfico 20: EXPERIMENTO 2. Media de las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [-definido].

En el grupo de control hay diferencia en la aceptabilidad de las relativas de OD según la definitud. Sin embargo, en el grupo experimental el rasgo de definitud para las relativas de OD con antecedente distante no influye en la aceptabilidad de esta clase de relativas.

Con el fin de comprobar las observaciones realizadas a partir de las medidas descriptivas de media y desviación típica, sometimos los datos a la prueba estadística T para muestras independientes. Los resultados muestran que para las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [+definido] se obtiene el resultado $t=-4.505; p=0.011$, lo cual muestra una diferencia significativa entre los grupos para este tipo de relativa. Para las las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [-definido] se obtiene el resultado $t=-3.071; p=0.035$ y, por lo tanto, para este tipo de relativa, también vemos que hay una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad por parte de los grupos.

Con objeto de comprobar lo observado en la prueba T, también sometimos los datos a la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA, de modelo 2 X

2, para los dos grupos y para la relativa de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [+/-definido]⁷¹.

Los resultados de las pruebas de efectos inter grupos muestran que, con respecto a las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [+definido] se obtiene $F=79.215$; $p=0.000$ y, por lo tanto, una diferencia en la aceptabilidad estadísticamente significativa. Para las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+distancia] y [-definido] tenemos $F=28.697$; $p=0.000$, lo cual muestra que también hay una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad. En ambas variables se confirman los resultados obtenidos en la prueba T, con diferencias estadísticamente significativas en la aceptabilidad por parte de los dos grupos.

IV. Experimento 3 - Elección Múltiple

En este apartado, presentamos los datos del experimento 3, de elección múltiple, de forma descriptiva, con la media y desviación típica de las relativas de OP con hueco [+definido]; de OP de reasuntivo [+definido] y de OP *cortadora* [+definido]. Tras el análisis descriptivo de los datos, sometimos los datos a dos análisis estadísticos, la prueba T para verificar si la diferencia entre las medias era significativa y, para comprobar el resultado de la prueba T hicimos, por último, la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA.

Pregunta de investigación 1

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP de reasuntivo?

Hipótesis 1

La hipótesis que formulamos era que existiría una preferencia por parte de los hablantes del ESPL1 por las relativas de OP de reasuntivo. Esta hipótesis está basada en lo que dicen algunos de los estudios consultados, que muestran que las restricciones al uso del objeto nulo en el ESP, en diferentes contextos gramaticales, influyen en las preferencias lingüísticas. Al contrario, la

⁷¹ En el anexo 7 podemos ver el cuadro del análisis estadístico completo para la prueba T y en el anexo 8 podemos ver el cuadro del análisis estadístico completo para la prueba ANOVA.

consolidación del objeto nulo en el PB hace que, en el caso de las relativas, la preferencia sea por las del tipo *cortadoras*, que en el ESP estarían más restringidas y no serían tan productivas como en el PB. Con eso la preferencia sería por las relativas de reasuntivo. Sin embargo, en este experimento observamos apenas las relativas de reasuntivos tónicos y no relativas de reasuntivo con pronombres átonos, aspecto que puede haber cambiado la preferencia de los hispanos.

Por parte de los hablantes del PBL1, nuestra hipótesis era la de que la influencia de la lengua nativa sobre la lengua aprendida se manifestaría en la preferencia de las construcciones relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/-definido], dado que, entre las relativas de reasuntivo, las que llevan un reasuntivo tónico serían las más productivas en el PB, si bien están bastante estigmatizadas, según afirman los estudios consultados.

Datos

Por cuestiones metodológicas, presentamos, primeramente los resultados descriptivos y los análisis estadísticos para los datos de las relativas de OP con hueco [+definido]⁷² y de OP de reasuntivo [+definido], los análisis referentes a los datos obtenidos para las relativas de OP *cortadoras*, los haremos en el próximo apartado.

En la tabla 29, a continuación, se recoge la media y la desviación típica de los datos de los tres tipos de relativas.

Tabla 29: EXPERIMENTO 3. Media y desviación típica de los datos del grupo de control y grupo experimental sobre las relativas de OP con hueco y de reasuntivo y *cortadora* [+definido]

Participantes	Relativas de OP con hueco [+definido]	Relativas de OP de reasuntivo [+definido]	Relativas de OP <i>cortadora</i> [+definido]
Grupo de control	1.02 (0.11)	1.64 (0.34)	1.60 (0.38)
Grupo experimental	1.42 (0.27)	1.59 (0.31)	1.19 (0.28)

⁷² Aunque en nuestra pregunta de investigación e hipótesis 1 no hagan referencia explícita a las relativas con hueco, también las hemos analizado pues creemos que estos análisis de datos nos ayudan a entender de manera general todas las preferencias de los hablantes del PBL1 y ESPL1 con relación a las estrategias de relativización.

Para analizar los datos obtenidos sobre las construcciones relativas de OP con hueco [+definido], determinamos el código 1 para la única respuesta posible que había en cada uno de los ítems y el código 2 para las respuestas imposibles. Con eso, cada ítem presentaba una opción posible y tres opciones imposibles, puesto que cada ítem presentaba siempre cuatro opciones. Para la relativa de OP con hueco [+definido], observamos en la tabla 29 que el grupo de control tiene una media y desviación típica más bajas, 1.02 (0.11), que la del grupo experimental, 1.42 (0.27). Ese resultado representa que el grupo de control ha elegido más veces la respuesta posible y, por lo tanto, los informantes formaron más veces una relativa preposicional posible en comparación con el grupo experimental. Estos, por su parte, eligieron más veces las respuestas imposibles que el grupo de control. Este resultado puede reflejar la dificultad de elegir la respuesta adecuada en lengua extranjera y/o también el hecho de que este tipo de relativa en el PB cada vez más forma parte de la lengua estudiada de manera formal en la escuela y cada vez menos representa la lengua vernácula.

Para analizar los datos de las preferencias de las relativas de OP de reasuntivo [+definido], determinamos el código 1 para las respuestas posibles que formarían una relativa de reasuntivo y el código 2 para las respuestas improbables o imposibles. En este tipo de construcción vemos que el grupo de control tiene la media de 1.64 y la desviación típica de 0.34, un poco más alta que la media 1.59 y la desviación típica 0.31 del grupo experimental. Estos datos muestran que el grupo experimental eligió más veces la construcción que formaba una relativa de reasuntivo que el grupo de control, pero aún no sabemos si esa diferencia es significativa. Este resultado puede confirmar la hipótesis de que las relativas de reasuntivo, las que llevan un reasuntivo tónico, son más productivas en el PB, si bien están bastante estigmatizadas, y esta preferencia en la L1 juega un papel en la lengua extranjera.

Como ya mencionado, con el fin de verificar si la diferencia entre los grupos era significativa para las dos variables analizadas, las relativas de OP con hueco con antecedente [+definido] y relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido], sometimos los datos a la prueba T de muestras independientes

En el caso de las oraciones relativas de OP con hueco con antecedente [+definido], si se asumen varianzas iguales, tuvimos $t = -9.284$ y $p = 0.000$, es decir, la diferencia en la opción por formar una relativa aceptable o no aceptable entre los grupos es significativa⁷³. Sin embargo, con relación a las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido], nuevamente asumiendo varianzas iguales, obtuvimos $t = 0.806$ y $p = 0.113$. Este resultado nos muestra que la opción de los grupos, de control y experimental, no es estadísticamente significativa.

Nuevamente, con el objetivo de confirmar o no las observaciones realizadas a partir de las medidas descriptivas de media y desviación típica y a partir de la prueba T, sometimos los datos a la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA, de modelo 2×2 , para los grupos de control y experimental y las variables ya mencionadas, las relativas de OP con hueco con antecedente [+definido] y las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido]⁷⁴.

Los resultados de las pruebas de efecto inter grupos muestran que, en relación a las relativas de OP con hueco con antecedente [+definido] la diferencia es significativa, es decir, hay una diferencia significativa entre el grupo de control y el experimental, siendo que el grupo de control es el que prefiere la opción que construye una relativa aceptable en comparación al grupo experimental, que no siempre prefiere la opción aceptable para formar este tipo de relativa. Los números que comprueban la diferencia significativa son: $F = 86.196$; $p = 0.000$ y también se confirma el resultado obtenido con la prueba estadística T. Los resultados de la prueba ANOVA de efecto inter grupos para las relativas de OP de reasuntivo [+definido] muestran una diferencia no significativa entre los grupos ($F = 0.650$; $p = 0.422$) y por lo tanto también confirman los resultados obtenidos con la prueba T.

⁷³ Consideramos como nivel de significación $\alpha = 0.05$ (el más utilizado en los cálculos estadísticos de esta área), de manera que un valor $p < 0.05$ es estadísticamente significativo.

⁷⁴ Los datos completos de la prueba T están en el anexo 9 y los datos completos de la prueba ANOVA están en el anexo 10.

Gráfico 21: EXPERIMENTO 3. Media de las relativas de OP con hueco con antecedente [+definido].

Gráfico 22: EXPERIMENTO 3. Media de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido].

Pregunta de investigación 2

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP *cortadoras*?

Hipótesis 2

Nuestra hipótesis para la segunda pregunta de investigación era la de que la preferencia en la elección de las relativas por hablantes del PBL1, se constatarían marcas de la influencia de su lengua nativa sobre la lengua aprendida, las cuales se evidenciarían en una preferencia por relativas *cortadoras*. Para los hablantes del ESPL1, postulamos la hipótesis de que la preferencia por las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+definido] sería muy baja, pues en el ESP y en el PB las estrategias más productivas para las relativas no estándar no son las mismas; en el PB la posibilidad y la consolidación del objeto nulo favorece las relativas *cortadoras*.

Datos

Los datos obtenidos con el experimento 3, de elección múltiple, para las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+definido], son los que nos ayudaron a contestar la pregunta 2 de investigación. Para analizar estos datos determinamos el código 1, para las respuestas aceptables, el código 2, para las respuestas no aceptables y llegamos a la media y desviación típica de respuestas para ambos grupos. Repetimos, a continuación, la tabla 30 presentada anteriormente y vemos que, para esta variable, el grupo de control alcanzó una media y desviación típica más altas, 1.60 (0.38), que el grupo experimental, 1.19 (0.28).

Tabla 30: EXPERIMENTO 3. Media y desviación típica de los datos del grupo de control y grupo experimental sobre las relativas de OP con hueco y de reasuntivo y *cortadora* [+definido]

Participantes	Relativas con hueco [+definido]	Relativas de reasuntivo [+definido]	Relativas <i>cortadora</i> [+definido]
Grupo de control	1.02 (0.11)	1.64 (0.34)	1.60 (0.38)
Grupo experimental	1.42 (0.27)	1.59 (0.31)	1.19 (0.28)

Estos datos representan que el grupo experimental, más consistentemente, optó por la construcción relativa *cortadora* y creemos que esa opción nos confirma que este es un tipo de relativa bastante común en el PB o por lo menos más común en el PB que en el ESP.

Vale mencionar que, para esta parte del experimento, muchos participantes del grupo de control relataron que estaban eligiendo una de las opciones disponibles en la prueba solamente por la necesidad de hacerlo, ya que les resultaba muy rara la construcción *cortadora* y por lo tanto ninguna de las opciones les parecía adecuada. Así, de manera forzosa, algunos eligieron la que formaba una relativa *cortadora*, pero eso ocurrió de manera menos consistente que en el grupo experimental, que ya está bastante familiarizado con este tipo de construcción e incluso muchas veces lo prefiere.

Así como con los otros dos tipos analizados, con el fin de verificar si la diferencia de la preferencia entre la respuesta posible y las no posibles entre los grupos era significativa, sometimos los datos de las relativas de OP *cortadora* con el antecedente [+definido] a la prueba T de muestras independientes.

Para las relativas de OP *cortadoras* con el antecedente [+definido], obtuvimos $t = 5.968$ y $p = 0.004$, para varianzas iguales. En este último caso, la diferencia entre las opciones de los grupos es estadísticamente significativa. Eso representa que la preferencia del grupo experimental por este tipo de construcción relativa es significativa en comparación al grupo de control, un resultado esperado, dadas las características del PB actual.

Nuevamente, con el objetivo de confirmar las observaciones realizadas a partir de las medidas descriptivas de media y desviación típica y a partir de la prueba T sometimos los datos obtenidos a la prueba estadística de medidas repetidas ANOVA, para los grupos de control y experimental. La prueba ANOVA de un factor para las relativas de OP *cortadoras* con el antecedente [+definido],

muestra una diferencia significativa entre los grupos ($F=35.614$; $p=0.000$) y con eso se confirman los resultados obtenidos en la prueba T⁷⁵.

En el gráfico 23 a continuación, generado a partir de los resultados estadísticos obtenidos en la prueba ANOVA, vemos los datos de los dos grupos para la relativa de OP *cortadora*. El número 1.00 del gráfico muestra la opción posible o aceptable para este tipo de relativa.

Gráfico 23: EXPERIMENTO 3. Media de las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+definido].

V. Experimento 4 - Elección forzosa

En esta parte del capítulo 4, analizamos los resultados observados con relación a las construcciones relativas de OP con hueco, de reasuntivo y *cortadora*. Comparamos la preferencia por pares entre las: relativas de OP con hueco y de reasuntivo; relativas de OP con hueco y *cortadoras*; relativas de reasuntivo y relativas *cortadoras*. La comparación por pares en un experimento de elección forzosa se debe a la posibilidad de alcanzar un mejor resultado en

⁷⁵ Los datos completos de la prueba T están en el anexo 11 y los datos completos de la prueba ANOVA están en el anexo 12.

los análisis de las preferencias. El objetivo de este experimento, como ya mencionado, es la posibilidad de discutir cuál es la efectivamente construcción relativa estándar para los hablantes del PBL1 que participaron del experimento.

Las preguntas que nos hicimos, antes de discutir los datos obtenidos, fueron: ¿Será la relativa con hueco, la que está considerada como estándar por las gramáticas de línea más normativas, la relativa preferida por los hablantes del PBL1 que participaron de ese experimento en una prueba de elección forzosa? ¿Cuál sería el grado de seguridad de este grupo para elegir la relativa más común y usual, la más probable de escuchar en el PB coloquial actual, sobre todo en producciones menos monitoreadas, sin considerar lo que uno aprende en la escuela?

Nuestra hipótesis para este experimento, era la de que existiría una preferencia por las relativas *cortadoras*, pues según diferentes estudios ya mencionados a lo largo de este trabajo es actualmente la relativa más productiva en el PB. En segundo lugar, la preferencia sería por la relativa de reasuntivo, muy utilizada en el PB, aunque, actualmente, estigmatizada, y por último aparecerían las relativas de OP con hueco, las que las gramáticas de línea normativa clasifican como “correctas”.

Datos

Primeramente, presentamos los datos obtenidos en el experimento 4 de forma descriptiva, con los pares de las relativas, el total de 55 participantes y la media y la desviación típica. Los pares de las relativas están organizados en la tabla 31 de la siguiente forma: relativa de OP con hueco y relativa cortadora, relativa de OP con hueco y relativa con reasuntivo y relativa con reasuntivo y relativa cortadora⁷⁶.

Tabla 31: EXPERIMENTO 4. Media y desviación típica de los pares de relativas

Relativas de OP	N	Mínimo	Máximo	Media	Desv. típ.
Con hueco y <i>Cortadora</i>	55	1.00	3.00	2.30	0.61
Con hueco y <i>Reasuntivo</i>	55	1.00	2.00	1.33	0.33
<i>Reasuntivo</i> y <i>Cortadora</i>	55	2.00	3.00	2.79	0.30

⁷⁶ Los datos estadísticos descriptivos completos de la prueba están en el anexo 13.

También hemos hecho una tabla con cada uno de los pares y la respectiva media del grado de seguridad de la elección de los participantes como vemos en las tablas 32, 33 y 34.

Tabla 32: EXPERIMENTO 4. Media y desviación típica del par de relativas de OP con hueco y *cortadoras* y grado de seguridad

	N	Media	Desv. típ.
Relativas de OP con hueco y <i>cortadora</i>	55	2.30	0.61
Grado de seguridad	55	4.49	0.50

Los datos de la tabla 33 muestran que, entre el par relativa de OP con hueco y relativa *cortadora*, la construcción preferible fue, según la media alcanzada, la relativa *cortadora* del PB, con un grado de seguridad sobre la elección bastante alto, 4.49 de 5.

Tabla 33: EXPERIMENTO 4. Media y desviación típica del par de relativas de OP con hueco y de reasuntivo y grado de seguridad

	N	Media	Desv. típ.
Relativas de OP con hueco y de reasuntivo	55	1.33	0.33
Grado de seguridad	55	4.56	0.44

Es interesante observar que, entre el par relativa de OP con hueco y relativa de reasuntivo, los hablantes del PBL1 que participaron del experimento mostraron preferencia por la relativa de OP con hueco, la “correcta” según las gramáticas de corte normativo. Esta preferencia en un experimento de elección forzosa quizá se deba al hecho de que optaron sobre un material visual, escrito en la pantalla del móvil o del ordenador. Si fuera un experimento sobre la producción oral, probablemente, tendríamos otro resultado, pero esto queda por comprobar. Además, creemos que se debe también al hecho de que el 80% de

los participantes, según vimos en la descripción de su perfil, posee un curso universitario completo, lo que puede haber influenciado en la opción y elección de la relativa preposicional, puesto que es un tipo de construcción relativa que se aprende de manera formal, en la escuela. Según el plan curricular brasileño, como ya hemos visto antes, se trabaja este tipo de relativa en el *Ensino Médio*⁷⁷, justo el nivel inmediatamente anterior al de la universidad. Por lo tanto, el 80% de los participantes que respondieron al experimento 4 pasaron por este tipo de instrucción escolar, aspecto que vemos reflejado en los datos. Nuevamente, vemos un grado de seguridad en relación a la elección muy alto, de 4.56 de 5.0. Este resultado parece confirmar que la preferencia por este tipo de relativa en el PB está afectada por el perfil de los participantes.

Tabla 34: EXPERIMENTO 4. Media y desviación típica del par de relativas de OP de reasuntivo y *cortadora* y grado de seguridad

	N	Media	Desv. típ.
Relativa de reasuntivo y <i>cortadora</i>	55	2.79	0.30
Grado de seguridad	55	4.49	0.51

En la tabla 34, vemos que en un experimento de elección forzosa entre los pares: relativa de OP de reasuntivo y relativa de OP *cortadora*, los participantes prefieren la relativa *cortadora*. Además de la preferencia, se ve también un alto grado de seguridad, de 4.49 de 5.0, en la elección. Con la representación gráfica de 32 observamos nuevamente las medias obtenidas en los pares de relativas y la media del grado de seguridad.

⁷⁷ Último ciclo de la enseñanza básica brasileña, se refiere a la franja etaria de 14 a 17 años y es la etapa anterior a los estudios tecnológicos o universitarios.

Gráfico 24: EXPERIMENTO 4. Media de los pares de relativas y grado de seguridad

Sobre el grado de seguridad de las elecciones de las relativas en los pares presentados en el experimento, nuevamente, los participantes podrían elegir desde *não estou nada seguro* (1), *estou pouco seguro* (2), *estou mais ou menos seguro* (3), *estou seguro* (4), *estou muito seguro* (5), y el resultado obtenido fue un nivel alto, entre 4.49 y 4.56 de 5.0, información que indica el alto nivel de seguridad con que los participantes eligieron las opciones disponibles. El resultado parece confirmar que la relativa de OP de reasuntivo en el PB es el más rechazado, es una forma estigmatizada que, por ello mismo, ha dado paso a la construcción preferida y más utilizada, la *cortadora*.

Capítulo 5. DISCUSIÓN DE LOS RESULTADOS Y CONCLUSIONES

En este trabajo hemos investigado cuales eran las preferencias de los hablantes nativos del ESP y del PB en relación con varios tipos de construcciones relativas con objeto de determinar cual era el estatus de cada una y los posibles efectos que ese estatus pueda tener en la adquisición/aprendizaje de del español por parte de lusohablantes brasileños. Es decir, nos planteamos investigar si, independientemente de lo que se presenta en las gramáticas normativas, en los juicios de aceptabilidad y la elección de un tipo de relativa los hablantes del ESP y PB se comportan como afirman los lingüistas que analizan y describen estas construcciones en las dos lenguas.

En este trabajo hemos presentado, por un lado, un estudio lingüístico de carácter teórico-descriptivo tomando en cuenta distintos marcos teóricos, sobre los procesos de relativización en el ESP y en el PB actual, además de una revisión de estudios sobre el proceso de adquisición de L1/L2 en general y de la adquisición de las relativas en L1/L2. Por otro lado, hemos llevado a cabo un estudio empírico formado por una prueba piloto y cuatro pruebas experimentales cuyos objetivos describimos en el capítulo 3 y a los que nos referimos de forma resumida a continuación:

Experimento piloto: una prueba de juicios de aceptabilidad dirigida a comprobar la aceptabilidad de distintos tipos de relativas y en qué medida esa preferencia por algunas de las construcciones reflejaba nuestra propuesta y nos permitía afinar las hipótesis en los experimentos siguientes.

Experimento 1: una prueba de juicios de aceptabilidad que tenía como objetivo investigar y evaluar la aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo y *cortadoras*.

Experimento 2: una prueba de juicios de aceptabilidad que tenía como objetivo investigar y evaluar la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo en comparación con las de reasuntivo con antecedente con rasgo [+distancia].

Experimento 3: una prueba de elección múltiple que tenía como objetivo investigar y evaluar las tendencias y preferencias con respecto a las relativas de OP con hueco, de reasuntivo y *cortadoras*.

Experimento 4: una prueba e elección forzosa y de nivel de seguridad, con emoticones, que tenía como objetivo investigar y discutir si la construcción relativa de OP con hueco que aparece en las gramáticas de corte más normativo como modelo de relativa, es de hecho la que para los hablantes del PBL1 es la más usual y la más común.

Antes de retomar las preguntas de investigación con el objetivo de facilitar la lectura y luego discutir los resultados de los distintos experimentos y ver si responden de manera general a dichas preguntas, nos parece importante mencionar, especialmente con relación a los datos recogidos, que el experimento que más nos sorprendió fue el último, el experimento 4, eso porque la relativa de OP con hueco aparece en la preferencia de los hablantes de PBL1 más de lo que preveíamos en nuestra hipótesis, más adelante presentamos con más detalles los datos que hemos analizado. Sin embargo, con relación a la formulación de los experimentos, podemos decir que los más desafiantes fueron los experimentos 3, por el hecho de mezclar dibujos y opción múltiple y el experimento 4, por el hecho de juntar opción múltiple con emoticones y tener dos etapas de análisis.

Pregunta de investigación 1

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP de reasuntivo?

Para responder a esa pregunta tomamos en el análisis de los datos de la prueba piloto, en concreto del experimento 1 de juicios de aceptabilidad y los del experimento 3 de elección múltiple que se han discutido de forma minuciosa en el capítulo 4.

Aunque en el ESP normalmente se prefiera, según los estudios consultados, el reasuntivo átono y en este trabajo solo hayamos usado reasuntivos tónicos, los datos de la prueba piloto revelaron que para las relativas

de reasuntivo y con antecedente tanto con el rasgo [+definido] como con el rasgo [-definido], hubo una mayor aceptabilidad por parte del grupo de control (los hispanohablantes, en su mayoría hablantes del español peninsular) que por parte del grupo experimental (los hablantes del PB). Creemos que esto se debe a que el uso del reasuntivo en relativas es más productivo en el ESP, sobre todo cuando se trata de una producción no monitoreada. Además, en el PB, estas relativas estarían actualmente estigmatizadas aunque, según los estudios consultados, su uso es frecuente en algunas capas menos escolarizadas.

A diferencia del experimento piloto, en los experimentos 1 y 3 evaluamos las relativas de reasuntivo con antecedente [+/-definido] de forma separada. Para el experimento 1 los datos estadísticos descriptivos observados revelaron, en primer lugar, que los hablantes del ESPL1 prefieren las construcciones de OP de reasuntivo con antecedente [-definido] frente a esas relativas con antecedente [+definido]. Sin embargo, los datos mostraron que, de manera general, hubo más rechazo que aceptabilidad para este tipo de construcción, un rechazo que cabía esperar, puesto que estamos ante casos de rasgo [+/-definido] del antecedente con distancia corta entre el antecedente y el reasuntivo, antecedente [-animado] y la referencia se establece por medio de pronombres personales. En segundo lugar, los datos revelaron que, a diferencia del grupo de control, los participantes del grupo experimental aparentemente no presentan una diferencia significativa en la aceptabilidad con respecto al rasgo [+/-definido] en este tipo de construcción.

Los resultados de los datos estadísticos a partir de las pruebas T y ANOVA revelaron que, para las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido], la diferencia en la aceptabilidad entre el grupo de control y el experimental es estadísticamente significativa. Esta diferencia revela que los grupos aceptan y entienden estas relativas de manera diferente. Sin embargo, para las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [-definido], la diferencia en la aceptabilidad, para los dos grupos, no es significativa en una de las pruebas, pero sí lo es en la otra. Esto nos lleva a concluir que se necesitan más datos y pruebas más sofisticadas que nos permitan inferir si hay o no una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad entre los grupos cuando el antecedente de la relativa de OP de reasuntivo es [-definido].

En el experimento 3, de elección múltiple, los datos descriptivos revelaron que el grupo de experimental eligió más veces las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+definido] que el grupo de control. En cuanto a análisis estadístico de los datos, verificamos que tanto en la prueba T como en la prueba ANOVA la diferencia entre la preferencia de los dos grupos, no era estadísticamente significativa.

A partir de los que muestran los resultados podemos contestar la primera pregunta de investigación de manera positiva, es decir, el ESP y el PB sí tienen preferencias diferentes para las relativas de OP de reasuntivo. Por un lado, porque los hablantes del ESPL1, en comparación con los hablantes del PBL1, se mostraron más sensible en relación al antecedente [+definido] o [-definido], revelando su preferencia por el antecedente [-definido]. Por otro lado, porque, de manera general, los hablantes del PBL1 aceptaron las oraciones de reasuntivo más que los hablantes del ESPL1, independientemente de si el antecedente era [+definido] o [-definido], quizás por presentar menos sensibilidad frente al rasgo [+/- definido] del antecedente. Estos resultados no nos permiten afirmar que se constatan las hipótesis iniciales según las cuales los hablantes del ESPL1 mostrarían más aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo en el ESP que los hablantes del PBL1. Eso se explica porque en estos experimentos hemos analizado los reasuntivos tónicos y no los átonos, aspecto que parece dar cuenta de la preferencia de los hispanos. Sin embargo, se constató la hipótesis de que las preferencias de los hablantes del PBL1, revelarían la influencia de la lengua nativa sobre la lengua aprendida, apuntando a una aceptabilidad de las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/-definido], pero sin mostrar sensibilidad al valor positivo o negativo de la definitud. Creemos que eso se debe a que entre las relativas de reasuntivo, las que llevan un reasuntivo tónico son las más productivas en el PB, aunque actualmente parecen estar estigmatizadas, como hemos dicho repetidamente.

Pregunta de investigación 2

¿Tienen el ESP y el PB preferencias diferentes para la formación de relativas de OP *cortadoras*?

Para responder a esa pregunta, tomamos como referencia los resultados y datos obtenidos en la prueba piloto, en el experimento 1 de juicios de aceptabilidad y en el experimento 3 de elección múltiple. Como ya se ha mencionado, estos experimentos fueron discutidos en detalle en el capítulo 4 y aquí retomamos los principales hallazgos que nos permiten responder la pregunta 2 de esta investigación.

En la prueba piloto, al contrario de lo que esperábamos, el grupo de control mostró una gran aceptabilidad por este tipo de relativa. Eso, por un lado, nos hizo cuestionarnos si este tipo de construcción realmente no se utiliza en el ESP, como afirman algunos trabajos consultados, lo que indica que se necesitan más estudios, de diverso tipo, dirigidos a clarificar esta cuestión. Por otro lado, tuvimos que tener en cuenta dos características importantes de los participantes, una era que muchos de los participantes de la prueba piloto son profesores y/o traductores y sus profesiones quizás hayan influido en las respuestas; otra es que los participantes del experimento piloto eran hispanohablantes, de variedades diferentes del español, pero todos de América del Sur, aspecto que puede revelar la existencia de fenómenos y preferencias diferentes entre las muchas variedades del español, pero eso lo tendríamos que investigar en otro trabajo en el que se incluyera un número suficiente y representativo de participantes de distintas variedades.

En cuanto al experimento 1, los datos descriptivos revelaron que el rasgo de definitud del antecedente [+/-definido] no influyó en la preferencia de las relativas de OP *cortadoras* en ninguno de los dos grupos, hablantes del PBL1 y del ESPL1. Sin embargo, pudimos observar, si comparamos los grupos, independiente de la definición del antecedente, que la diferencia en la aceptabilidad es importante: los hablantes del ESPL1 consideraron este tipo de construcción menos aceptable que los hablantes del PBL1, que las consideraron mucho más aceptables, como cabía esperar, dado que en el PB las relativas *cortadoras* son muy frecuentes tanto en el lenguaje oral como en la escritura, según apuntan diferentes estudios consultados.

Los datos estadísticos de las pruebas T revelaron que, para las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [+definido], la diferencia en la preferencia entre los grupos no es estadísticamente significativa y tampoco lo es para las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-definido]. Ya con los datos

sometidos a la prueba ANOVA, observamos que hubo una diferencia estadísticamente significativa en ambos casos, tanto para las relativas de OP *cortadoras* con antecedente [-definido] como para las con antecedente [+definido]. Lo que se desprende de los datos analizados del experimento 1 es que la diferencia en la aceptabilidad para este tipo de relativa, es estadísticamente significativa entre los grupos sin considerar la definitud, es decir, la definitud del antecedente no juega un papel importante en la aceptabilidad por parte de los grupos, pero el tipo de relativa analizado sí que muestra un grado de aceptabilidad estadísticamente significativa entre uno y otro grupo.

En relación con el experimento 3, los datos descriptivos nos mostraron nuevamente que, de manera general y sin tener en cuenta el antecedente, el grupo experimental optó por la construcción relativa *cortadora* de forma mas consistente que el grupo de control. Las pruebas estadísticas T y ANOVA nos revelaron también que, para estas relativas *cortadoras* con el antecedente [+definido], la preferencia de los dos grupos es estadísticamente significativa. Eso quiere decir que la preferencia del grupo experimental por este tipo de construcción relativa es estadísticamente significativa en comparación con el grupo de control, un resultado esperado, dadas las características del PB actual.

En este caso, contestamos la pregunta de investigación de manera positiva, es decir, la respuesta es que el ESP y el PB tienen preferencias diferentes para la formación de relativas *cortadoras* y podemos afirmar también que se cumplen nuestras hipótesis de que, por un lado, los hablantes del ESPL1 mostrarían una aceptabilidad por las *cortadoras* bastante baja y, por otro, en los juicios de aceptabilidad de las relativas *cortadoras* emitidos por hablantes del PBL1, se constataría la influencia de la lengua nativa sobre la lengua segunda. Esta influencia se manifiesta en la preferencia por las relativas *cortadoras*. Es decir, el ESP y el PB no tienen las mismas preferencias para las relativas *cortadoras* ya que en el PB la posibilidad y la consolidación del objeto nulo favorece las construcciones *cortadoras* y los hablantes del ESPL1, en los datos, prefieren las relativas de reasuntivo frente a las *cortadoras*.

Pregunta de investigación 3

¿Influye el antecedente [+/-definido] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo?

Para responder a esa pregunta, tomamos como referencia los resultados y datos obtenidos en el experimento 2 de juicios de aceptabilidad que, como ya se ha mencionado, fue discutido con detalles en el capítulo 4. Aquí retomamos solamente las principales contribuciones de los datos que nos permiten dar contestación a la pregunta de investigación 3.

En el análisis descriptivo de los datos obtenidos en el experimento 2 se observó que para el grupo de control y el experimental, el rasgo de definitud influyó en la preferencia de las relativas de OD de reasuntivo, dado que las de reasuntivo [-definido] fueron aparentemente más aceptables que las de reasuntivo [+definido].

Los datos obtenidos en las pruebas estadísticas T y ANOVA nos revelaron que hay una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad de los grupos para las relativas de OD de reasuntivo [+definido], pues el grupo experimental mostró una aceptabilidad bastante más grande que el grupo de control para este tipo de relativa. Sin embargo, para las relativas de OD de reasuntivo [-definido], los datos revelaron, por un lado, una diferencia estadísticamente no significativa con la prueba T y, por otro, con la prueba estadística ANOVA, obtuvimos una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad por parte de los dos grupos.

Estos datos nos llevan a contestar la pregunta 3 diciendo que el antecedente [+/-definido] influye en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo para el grupo de control, pues, según revelaron los datos, los hablantes del ESPL1 tienen preferencia por las relativas que tienen el antecedente con rasgo [-definido] mientras que para los hablantes del PBL1, la definitud del antecedente no constituyó una marca significativa en la preferencia.

Pregunta de investigación 4

¿Influye el antecedente con el rasgo [+/-distancia] y el antecedente [+/-definido] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo?

Esa pregunta la responderemos tomando como referencia los resultados obtenidos en el experimento 2 de juicios de aceptabilidad, que fue discutido con más detalles en el capítulo 4 y que resumimos aquí.

En el experimento 2, los datos descriptivos nos revelaron que, para el grupo de control, hubo una importante diferencia en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo según la distancia y la definitud, puesto que, este grupo mostró más aceptabilidad por la construcción cuando el antecedente era [+distancia] y era [-definido] que cuando el antecedente era [+distancia] y [+definido]. Sin embargo, en el grupo experimental, el rasgo de definitud cuando el antecedente de la relativa era [+distancia] no influyó en la aceptabilidad, pues los números de la aceptabilidad fueron muy semejantes tanto para el antecedente [+distancia] como para el [-distancia].

Estos datos nos revelaron, con las pruebas estadísticas T y ANOVA, que para las relativas de OD de reasuntivo [+distancia] con antecedente [+definido] hay una diferencia estadísticamente significativa entre los dos grupos, con una aceptabilidad bastante más baja por parte de los hablantes del ESPL1 en comparación con los hablantes PBL1. Lo mismo ocurrió cuando el antecedente era [-definido], aunque con niveles de aceptabilidad más próximos, las pruebas estadísticas T y ANOVA nos revelaron una diferencia estadísticamente significativa en la aceptabilidad comparando los dos grupos.

Para contestar la pregunta de investigación 4 sobre si influye el antecedente con el rasgo [+/-distancia] y [+/-definido] en la aceptabilidad de las relativas de OD de reasuntivo, contestamos que la preferencia por parte de los hablantes del ESPL1 fue por las que tienen el antecedente [-definido] y [+distancia] y por parte de los hablantes PBL1 la definitud y la distancia del antecedente no constituyeron factores de preferencia, y esto confirma las hipótesis que formulamos.

Pregunta de investigación 5

¿Será la relativa con hueco, la que está considerada como estándar por las gramáticas de línea más normativa, la relativa preferida por el grupo de brasileños que participó de ese experimento en una prueba de elección forzosa?Cuál sería el grado de seguridad de este grupo en elegir la relativa más común

y usual, la más probable de escuchar sin considerar lo que se aprende en la escuela o con instrucción formal?

Para responder a estas preguntas nos servimos de los resultados obtenidos en el experimento 4 de elección forzosa y grado de seguridad que hemos descrito en detalle en el capítulo 4.

Los datos descriptivos nos mostraron que, para los hablantes del PBL1, único grupo evaluado en este experimento, el primer par de relativas de OP con hueco y *cortadoras* que se contrastaba, la construcción preferida fue la *cortadora*, con un grado de seguridad, prácticamente, máximo, 4.49 de 5, sobre la elección. Para el par de relativas de OP con hueco y relativa de reasuntivo, los brasileños que participaron del experimento mostraron preferencia por la relativa con hueco, la estándar y considerada “correcta” por las gramáticas de corte normativo.

Para el último par contrastado la relativa de reasuntivo y la relativa *cortadora* los datos mostraron que los participantes prefirieron la relativa *cortadora*. Además de la preferencia, se ve también un alto grado de seguridad, de 4.49 de 5.0, en la elección.

Los datos de este experimento nos llamaron la atención, por un lado, por el hecho de que las dos veces que los participantes tuvieron que elegir entre la relativa *cortadora* y otro tipo de relativa, se decantaron por la *cortadora*. Creemos que ese es un dato más que revela la alta productividad de las relativas *cortadoras* del PB actual, en el que las preposiciones de las relativas con hueco desaparecen tanto en la lengua escrita como en la lengua hablada. Por otro lado, cuando tuvieron que elegir entre una relativa de OP con hueco y la de reasuntivo, optaron por la relativa de OP con hueco. Creemos que eso se deba al hecho de que gran parte de los participantes habían completado un curso universitario, característica del perfil de los participantes que puede haber influido en la opción de la relativa con hueco que es un tipo de construcción relativa más elaborado.

De lo anterior se desprende que la respuesta a la primera parte de la pregunta de investigación 5 es que la relativa de OP con hueco es la que prefieren los brasileños pero solamente cuando se compara con la relativa de reasuntivo, actualmente bastante estigmatizada en el PB. Sin embargo, si se compara la relativa de OP con hueco con la relativa *cortadora*, la preferencia

será por la relativa *cortadora*, que es la construcción relativa preferida en el PB en la actualidad, con un alto grado de seguridad, de 4.49 sobre 5.0.

Además, siempre que se compara una de las relativas estudiadas en este trabajo, es decir la de OP con hueco y la de reasuntivo con las *cortadoras*, es esta última la preferida y con un alto grado de seguridad sobre la elección de 4.49 sobre 5.0.

Con eso podemos decir que, por un lado, se cumple nuestra hipótesis con relación a la preferencia, que fue, en primer lugar, por la relativa *cortadora*. Sin embargo, por otro, y por lo que se refiere a las relativas de reasuntivo y de OP con hueco, la hipótesis según la cual la preferida sería la de reasuntivo no se cumplió.

Después de haber discutido los resultados obtenidos y lo que nos revelaron los datos con relación a cada una de las preguntas de investigación, discutiremos las principales implicaciones de los resultados desde tres puntos de vista:

Punto de vista descriptivo

Desde el punto de vista descriptivo, porque este acercamiento, además de ofrecer una comparación de las construcciones relativas especificativas consideradas “no estándar” en el PB y en el ESP, aporta, por primera vez, datos experimentales sobre la aceptabilidad de estas relativas del ESP por parte de hablantes del ESPL1 y del PBL1 aprendices/hablantes del ESP como L2/LE.

Desde el punto de vista descriptivo, además de la comparación, y a partir de los análisis de las relativas especificativas que propone la teoría lingüística para las dos lenguas, los datos obtenidos nos mostraron que el ESP y el PB sí tienen preferencias diferentes para las relativas de OP de reasuntivo. Estas preferencias fueron avaladas por los datos experimentales, que revelaron, por un lado, la preferencia por el antecedente [-definido] en el ESP en comparación con el PB y, por otro, una mayor aceptación en el PB que en el ESP de las relativas de OP de reasuntivo, independientemente de que el rasgo del antecedente fuera [+definido] o [-definido].

Los datos revelaron también que el ESP y el PB tienen preferencias diferentes para la formación de relativas *cortadoras*. En el grupo del ESP hubo una aceptabilidad bastante baja de este tipo de construcción si comparada con la aceptabilidad del grupo PB. Ahora bien, no se constató un rechazo tan fuerte

como el que se esperaba, sobre todo teniendo en cuenta lo que apuntan algunos trabajos consultados.

En relación con las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+/-definido], constatamos que el ESP es mucho más sensible que el PB al rasgo de definitud del antecedente, algo que, de cierta forma ya se mostró en los datos experimentales de las relativas de OP en el caso del PB, es decir, la definitud del antecedente no constituyó un factor significativo en la preferencia de los hablantes del PBL1.

Para las relativas de OD con antecedente [+/-distancia] con antecedente [+/-definido], confirmamos, para el ESP, la existencia de una mayor sensibilidad al rasgo de definitud del antecedente y una preferencia por el antecedente [-definido]. El PB, por el contrario, nuevamente, se mostró insensible al rasgo de definitud.

Respecto a las preferencias y opciones de uso distintas de los hablantes del PBL1 y del ESPL1, como vemos en los análisis anteriores sobre las relativas de OP y de OD, creemos que en ambas lenguas la construcción relativa es un área de la lingüística en proceso de cambio y forma parte del grupo de construcciones que caracterizan la existencia de una “inversa asimetría” entre el PB y el ESP, que ya anticipaba González (1994, 1998, 2000, 2005, 2008). Esta tendencia a una inversa asimetría en ambas lenguas parece, efectivamente, afectar, al menos en buena parte, los juicios de los informantes y sus preferencias en el ESP como LE.

Por último, con respecto a lo que mantiene la teoría lingüística sobre las relativas estándares (*padrão* en el PB) y no estándares (*não padrão* en el PB), los datos revelaron que en el PB, siempre que se comparan las relativas de OP con hueco, las relativas de reasuntivo y las relativas *cortadoras*, esta última es la preferida y siempre con un alto grado de seguridad sobre la elección, lo que nos hace pensar si no es esta la que debería ser considerada estándar (*padrão*), puesto que la relativa de OP con hueco, que parece ser la segunda opción de los brasileños, solo es la preferida si se compara con las relativas de reasuntivo.

Punto de vista interpretativo

Desde el punto, de vista interpretativo, porque lo encontrado nos permitió averiguar si, cuándo y cómo la L1 juega (o no) un papel en la

adquisición/aprendizaje de ELE por parte de hablantes del PBL1 y sus preferencias en relación a las estrategias de relativización en ese proceso.

A partir de los datos analizados, comprobamos, con relación a las relativas de OP de reasuntivo con antecedente [+/-definido], que la L1 de los hablantes del PBL1 juega un papel importante en el proceso de adquisición/aprendizaje del ESP, puesto que los hablantes del PB no fueron sensibles al rasgo de definitud del antecedente. Lo mismo con relación a las relativas de OD de reasuntivo con antecedente [+/-definido], y las de OD con antecedente [+/-distancia] con antecedente [+/-definido], es decir, en estos casos hay también una influencia del PB en el proceso de adquisición/aprendizaje del ESP, puesto que el PB no se mostró sensible para el rasgo de definitud del antecedente, que no obstante es importante para los hablantes del ESPL1.

Con relación a las relativas de OP *cortadoras*, nuevamente, podemos afirmar que la L1 juega un papel importante en la adquisición/aprendizaje del ESP, pues en los datos experimentales se evidenció la preferencia por las relativas *cortadoras*, construcción bastante común en el PB actual tanto en la lengua escrita como en la oralidad.

Estas constataciones también deben hacernos repensar las clasificaciones ofrecidas por gramáticas e incluso por algunos estudios más bien descriptivos: ¿en definitiva, qué es estándar/no estándar (*padrão/não padrão*) en una lengua? ¿quiénes, desde dónde, por qué y para qué clasifican determinadas formas de una manera o de otra? Por de pronto, lo que podemos decir, después de haber hecho esta investigación, es que ambas lenguas aquí observadas (ESP y PB) pasan por cambios importantes, aunque no idénticos, en esta área de sus gramáticas y que hacen falta muchos estudios más para apuntar lo que en definitiva es lo que más se usa, en diferentes contextos, circunstancias, géneros, modalidades etc. en cada una de ellas.

Punto de vista didáctico

Desde el punto de vista didáctico, y dado que las relativas que se consideran “no estándar” son un área difícil tanto para los profesores como para los estudiantes, es importante defender que deben figurar tanto en los materiales de enseñanza como en los currículos de ELE de Brasil. Esto nos pone ante una cuestión crucial para la didáctica de la lengua extranjera: más que la lengua en

uso, se presenta (y en cierta manera se impone) lo considerado correcto desde el punto de vista normativo y casi no se ofrecen muestras de lo que sucede en el uso real. Tal vez esta es la razón por la cual, con bastante frecuencia, a los extranjeros se les dice que parecen salidos de una gramática porque hablan más “correctamente” que los nativos.

Por lo tanto, desde el punto de vista didáctico, los datos revelan la urgente necesidad de que repensemos las propuestas de los materiales de enseñanza y de los currículos de ELE en Brasil. Eso se debe a la evidencia de que la relativa *cortadora* es la preferida para los hablantes PBL1. Consecuentemente, este tipo de relativa juega un papel importante en el proceso de adquisición/aprendizaje del ESP y se necesita abordar el tema. Además, las relativas de OP con hueco representan un tema difícil para el alumnado brasileño incluso en su LM/L1, ya que, según los datos, las relativas de OP con hueco quizá no forme parte de la lengua vernácula de los hablantes del PBL1 y que solamente se prefirieron frente a las relativas de reasuntivo, últimamente muy estigmatizadas en el PB, un dato importante cuando consideramos el perfil de los informantes, que seguramente no será el mismo para todos los aprendices de ELE.

Para concluir queremos reiterar que el presente estudio ha abordado cuestiones importantes para la descripción de las lenguas, que no son objetos estancos, sino que van sufriendo cambios determinados por circunstancias variadas, circunstancias que la teoría lingüística puede contribuir a identificar. El presente estudio nos ha hecho reflexionar sobre las formas que se clasifican muchas veces como estándares/ no estándares, una clasificación que en cierto modo revela una fuerte dosis de resistencia a la incorporación y aceptación de los cambios por los que va pasando la lengua y que no siempre tiene en cuenta la lengua efectivamente usada, en diferentes circunstancias, por una diversidad muy grande de hablantes, lo que tiene efectos importantes para su didáctica, tanto como LM/L1, como L2/LE, ya que esos procesos de cambio deberían reflejarse en los materiales de enseñanza. Cabe observar también que el presente estudio trata de un tema que hasta donde sabemos, no ha sido investigado antes de la forma como lo hicimos. Por lo tanto, abre puertas para otras investigaciones, sobre las relativas en PB comparándolas con el ESP,

lingüísticas de ámbito descriptivo, empírico y didáctico y también en otros campos como el de la psicolingüística.

Para finalizar, además de lo que nos revelaron los datos con relación estrictamente a lo propiamente lingüístico, consideramos que este trabajo ha puesto en evidencia también algo que va más allá de la investigación sobre las relativas en el PB y en el ESP, su objeto central de investigación, y que es la evidencia de una tensión permanente, presente en los juicios de muchos de los informantes de ambas lenguas, entre lo dicho correcto y lo no correcto, lo posible y lo no posible, lo aceptable y lo no aceptable y una presión de “la gramática normativa” que genera un considerable grado de vacilación por parte de los que participaron de las pruebas experimentales. Creemos que eso evidencia que, en esos informantes, además del conocimiento de la lengua adquirida, opera también una especie de monitor que quizás censure lo que de hecho ocurre con las preferencias lingüísticas actuales de ambas lenguas cuando se trata de producción espontánea y no controlada.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la Lengua Española*. 17ª ed. Madrid: Espasa Calpe, 2008.
- ALCINA J. F. & BLECUA J. M. *Gramática Española*. 2ª ed. Barcelona: Ariel, 1980.
- Andrews, A. Relative clauses. In: T. Shopen (Ed.), *Language Typology and Syntactic Description*, vol 2: Complex Constructions, 2007, pp. 206 - 235. Disponible en: arts.anu.edu.au/Linguistics/People/AveryAndrews/Papers.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARALO, M. *La adquisición del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco Libros, 2004.
- BARRENECHEA, A. M. & ORECCHIA T. La duplicación de Objetos Directos e Indirectos en el Español Hablado en Buenos Aires. In: BARRENECHEA, A. M. et al., *Estudios Lingüísticos y Dialectológicos: Temas Hispánicos*. Buenos Aires: Hachette, 1979, pp. 73 - 101.
- BELLETTI, A.; BENNATI, E. & SORACE, A. *Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: Evidence from near-native Italian*. *Natural Language and Linguistic Theory* 25, 2007, pp. 657 - 689.
- BENTIVOGLIO, P. La variación sociolingüística en español, In: *III Congreso Internacional de la Lengua Española: El Español en la sociedad de la información. Unidad y Diversidad del Español*, 2001. Disponible en: www.cvc.cervantes.es/obref/congrspos/valladolid
- BHATT, R. Relative Clauses and Correlatives. In: Artemis Alexiadou & Tibor Kiss (orgs.) *Syntaxis Theory and Analysis. An International Handbook*. New York: De Gruyter, nº1, 2015, pp. 708 - 749.
- BORZI, C. & MORANO, M. *Cláusulas Relativas con Duplicación del Objeto*. ONOMAZEIN, nº19, 2009, pp.71 - 88.
- BRAGA, M. L., KATO, M. & MIOTO, C. *As construções Q no português brasileiro*. In: Kato, M. & Nascimento, M. *Gramática do português culto falado no Brasil – a construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, pp. 241 - 294.
- BRUCART, J. M. La estructura del sintagma Nominal: Las oraciones de relativo. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (Dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. I. Madrid: Espasa, 1999, pp. 395 - 522.
- CASTALDO, I.C.C. *Hay allí cuestiones que (no) queremos entrar: as construções relativas em PB e em E – semelhanças e diferenças no seu funcionamento e no seu papel na aprendizagem de ELE por falantes do PB*. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CASTILHO, A. T de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CELADA, M. T. O espanhol para o brasileiro – Uma língua singularmente estrangeira. Tese (Doutorado) IEL/Unicamp, 2002. Disponible en: <http://dml.fflch.usp.br/node/203>

CHOMSKY, N. Linguagem e Mente. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHOMSKY, N. Sobre a natureza da linguagem. Belletti & Rizzi (org); tradução Marylene Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COMPANY COMPANY, C. *Sintaxis Histórica de la Lengua. La frase Verbal*, vol.1. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

CONTRERAS, H. Relaciones entre las construcciones interrogativas, exclamativas y relativas. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. II. Madrid: Espasa, 1999, pp. 1931 - 1964.

CORTÉS RODRÍGUEZ, L. *Usos anómalos del relativo en el español hablado*. Disponible en: www.sel.edu.es/pdf/jul-dic-90/05%20Cortes%20Rodriguez.pdf

CUNHA, C. & CINTRA, L. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. I. Madrid: Espasa, 1999, pp. 1209 - 1273.

FLÓREZ, O. *Las Cláusulas Relativas e la Referencia*. Thesaurus, Tomo XLVII-2, 1992.

GONZÁLEZ, N.T.M. *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutoramento defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994. Disponible en: <http://dml.fflch.usp.br/espanhol/211>

_____. *Pero ¿Qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de español/LE*. Revista RILCE de Filología Hispánica. Español como lengua extranjera: investigación y docencia. Pamplona: Universidad de Navarra, nº14.2, pp. 243 - 263, 1998.

_____. *La expresión de la persona en la producción de español lengua extranjera de estudiantes brasileños: perspectivas de análisis*. In: TROUCHE, A. L. G. y L. F. REIS (orgs.) *Hispanismo*, 2000, Brasília, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/ABH, 2000, nº1, pp. 239 - 256.

_____. *Genericidad vs. Especificidad: estudio contrastivo de algunos enunciados en portugués brasileño y en español*, 2005. Disponible en: www.mundoalfal.org

_____. *Portugués brasileño y español: lenguas inversamente asimétricas*, In: CELADA, M. & GONZÁLEZ, N. M. (coord.) *Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño*, SIGNOS ELE, año 2, nº2, 2008. Disponible en: www.salvador.edu.ar/sitio/signosele/

DUARTE, M.L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M.C.& DUARTE, M.E.L. *Mudança Linguística em Tempo*

Real. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2003, pp. 115 - 128. Disponible en: www.letras.ufrrj.br/posverna/docentes/61022-1.pdf

_____. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: Roberts e Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, pp. 110 - 125.

_____. *Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

ELVIRA GONZÁLEZ, J. Sobre procedimientos de formación de relativas en español antiguo, Cuadernos de investigación filológica, nº10, 1984, pp. 99 - 104. Disponible en: www.dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/68957.pdf

GUASTI, M. T. First steps into language. In: *Language Acquisition. The Growth of Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press. 2002, pp. 23 - 54.

GUASTI, M. T. & CARDINALETTI, A. *Relative clause formation in Romance child's production*. Probus, nº15, 2003, pp. 47 - 89.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, S. *Temas, Remas, Focos Tópicos y Comentarios*. 2ªed. Madrid: Arco Libros, 2000.

KATO, M. *Orações relativas: variação universal e variação individual no português*. Estudos Lingüísticos, V, 1981, pp.1-16.

_____. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora da Unicamp, 1993b, pp. 223 - 261.

KATO, M. & NASCIMENTO, M. (org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

KATO, M. & NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org.) *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2009.

KATO, M. & NUNES, J. Uma análise unificada dos três tipos de relativas restritivas do português brasileiro. In: *Web Revista Sociolinguística*. Campo Grande: UEMS, v.4, nº12, 2014.

KAYNE, R. S. 'Why Isn't This a Complementizer?'. In: P. Svenonius (ed.): *Functional Structure from Top to Toe: A Festschrift for Tarald Taraldsen*. New York: Oxford University Press, 2015.

KENEDY, E. *A antinaturalidade de pied-piping em orações relativas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

KENEDY, E. As orações relativas preposicionadas e a hipótese da antinaturalidade de pied-piping. In: *Revista de Estudos Linguístico Veredas – Psicolinguística*, nº2, 2008, pp. 92-222.

LACA, B. Presencia y ausencia de determinante. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (Dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. I. Madrid: Espasa, 1999, pp. 891-928.

LANDA-BUIL, M. El Sintagma Determinante en la interlengua española de hablantes de Swahili. Tesis doctoral: Universidad Complutense de Madrid, Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset, 2010.

LEONETTI, M. El artículo. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (Dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. I. Madrid: Espasa, 1999, pp. 787-891.

_____. *Los determinantes*. Madrid: Arco Libros, 1999.

_____. *Los cuantificadores*. Madrid: Arco Libros, 2007.

LICERAS, J.M. *Linguistic Theory and Second Language Acquisition. The Spanish Nonnative Grammar of English Speakers*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986.

_____. *La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal*. Madrid: Síntesis, 2009.

_____. *Se hace camino al investigar*. Ottawa: University of Ottawa & Instituto Universitario Ortega y Gasset, 2002.

_____. Second language acquisition and syntactic theory in the 21st century. In: *Annual Review of Applied Linguistics*, nº30, 2010, pp. 266 - 287.

_____. The Multiple Grammars Theory and the nature of L2 grammars. In: *Second Language Research*, vol. 30 (I), 2014, pp. 47 - 54.

LICERAS, J. M.; ALBA DE LA FUENTE, A. & WALSH, L. *Complex wh-questions in non-native Spanish and non-native German: does input matter?* Paper presented at the Hispanic Linguistics Symposium (HLS 2009). University of Puerto Rico, San Juan, Puerto Rico, 2009.

LICERAS, J. M. & SENN, C. Linguistic theory and the analysis of minority languages: native, immigrant and heritage Spanish. In: *Lengua y Migración*, nº1, 2009, pp. 39 - 74.

LICERAS, J. M.; ZOBL, H., & GOODLUCK, H. (eds.). *The role of formal features in L2 acquisition*. New York/London: Lawrence Erlbaum Associates (Taylor & Francis Group). 2008.

LOPE BLANCH, J. M. *Estudios de lingüística española*. México: UNAM, 1986, pp. 119 - 143.

_____. Duplicaciones pronominales en el habla culta de Madrid. In: *Annexes des cahiers de linguistique hispanique medievale. Hommage à Bernard Pottier*, nº7, 1988, pp. 493-498.

MATTE BON, F. *Gramática Comunicativa del Español*. Tomo I. Madrid: Edelsa, 1998.

MOLLICA, M. C. *Anáforas em relativas no Português do Brasil*. São Paulo: Alfa, 1997, pp. 171 - 179.

MIRA MATEUS, M.; BRITO, A.; DUARTE, I. & FARIA, I. *Gramática da Língua Portuguesa – elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MÜLLER, A. *Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro*. Curitiba: Editora UFPR. Revista Letras, nº58, 2002, pp. 325 - 337.

- _____. Tópico, Foco e Nominais Nus no PB. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; NICOLAS, E. La adquisición del sintagma determinante en español por niños de lengua materna árabe marroquí. Tesis de Doctorado: Universidad Complutense de Madrid, Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset, 2016.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. (orgs.) *Sentido e Significação*. São Paulo: Contexto, 2004, pp. 77 - 95.
- PERINI, M. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PERONI, M.C. *As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro*. D.E.L.T.A., nº17:1, 2001, pp. 59 - 79.
- PERPIÑÁN-HINAREJOS, S. *On L2 grammar and processing: the case of oblique relative clauses and the null-prep phenomenon*. Tesis de Doutorado: University of Illinois at Urbana-Champaign, 2010.
- PORTO DAPENA, J. A. *Oraciones de relativos*. Madrid: Arco Libros, 1997.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, 1973.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA & ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, 2009.
- RIBEIRO, I. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 185-208. Disponible en <<http://books.scielo.org>>.
- RIVERO, M. L. *Las Construcciones de relativo*. Madrid: Santillana, 1991.
- _____. Las relativas restrictivas con *que*. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*. Tomo XXXI, nº2, 1982, pp. 195 - 234.
- ROBERTS, I. & KATO, M.A. (orgs.). *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Editora da Unicamp, 1993.
- ROSADO, E. *La adquisición del sintagma determinante en el español como lengua segunda y lengua extranjera*. Tesis doctoral: Universitat de Barcelona, 2007.
- ROSS, J. R. *Infinitive Syntax*. Norwood, NJ: Albex, 1986.
- SANTOS GARGALLO, I. *Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- SENN, C. *Reasuntivos y Doblado del clítico: En torno a la caracterización del término "Casi - Nativo"*. Tesis Doctoral: University of Ottawa, 2008.
- SORACE, A. & FILIACI, F., Anaphora resolution in near-native speakers of Italian., *Second Language Research* 22(3), pp.339–368. In: *Proceedings of the 24th*. Boston University Conference on Language Development. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2006, pp. 719 - 725.
- SUÑER, M. Two properties of clitics in clitic-doubled constructions. In James Huang & Robert May (Eds.) *Logical structure and linguistic structure*, 1991, pp. 233-52.
- SUÑER, M. Las cláusulas relativas especificativas en el español de Caracas. In: *Boletín de lingüística: publicación del Departamento de la Escuela de*

Antropología y de la Sección del Instituto de Investigaciones Económicas de la Facultad de Ciencias Económicas y Sociales. Caracas: Universidad Central de Caracas, 2001, pp. 7 - 43.

TARALLO, F.L. Relativization strategies in Brazilian Portuguese, Tesis de Doctorado: University of Pensilvania, 1983.

_____. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Editora da Unicamp, 1993.

TRUJILLO, R. *Sobre la Supuesta Despronominalización del Relativo*. E.L.U.A, 6, 1990, pp. 23 - 45.

ZABALEGUI, N., Análisis del pronombre de retoma en las cláusulas relativas en documentos de Venezuela escritos en los siglos XVI al XVII. Caracas: Universidad Central de Venezuela. 2005. Disponible en: www.mundoalfal.org/cdcongreso/cd/linguistica_historica/zabalegui.html

ZUBIZARRETA, M. L. Las Funciones Informativas: Tema y Foco. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. III. Madrid: Espasa, 1999, pp. 4216 - 4244.

ANEXOS

ANEXO 1

EXPERIMENTO #1 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 1

PRUEBA T

Estadísticos de grupo

	Grupo	N	Medi a	Desviación típ.	Error típ. de la media
ROPRD	Control	34	1.625 0	.67490	.11574
	Experimen tal	77	2.587 7	1.04407	.11898
ROPRI	Control	34	2.044 1	.90342	.15494
	Experimen tal	77	2.490 3	1.02953	.11733

Prueba de muestras independientes

		Prueba de Levene para la igualdad de varianzas		Prueba T para la igualdad de medias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferencia de medias	Error típ. de la diferencia	95% Intervalo de confianza para la diferencia	
									Inferior	Superior
ROPRD	Se han asumido varianzas iguales	11.612	.001	- 4.934	109	.000	-.96266	.19512	-1.34939	-.57594
	No se han asumido varianzas iguales			- 5.799	94.01 1	.000	-.96266	.16599	-1.29224	-.63308
ROPRI	Se han asumido varianzas iguales	3.075	.082	- 2.182	109	.031	-.44614	.20448	-.85141	-.04087
	No se han asumido varianzas iguales			- 2.296	71.49 1	.025	-.44614	.19435	-.83361	-.05867

ANEXO 2

EXPERIMENTO #1 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 1

ANOVA DE UN FACTOR

Descriptivos

		N	Media	Desviación típica	Error típico	Intervalo de confianza para la media al 95%		Mínimo	Máximo
						Límite inferior	Límite superior		
ROPRD	Control	34	1.6250	.67490	.11574	1.3895	1.8605	1.00	4.00
	Experimental	77	2.5877	1.04407	.11898	2.3507	2.8246	1.00	5.00
	Total	111	2.2928	1.04331	.09903	2.0965	2.4890	1.00	5.00
ROPRI	Control	34	2.0441	.90342	.15494	1.7289	2.3593	1.00	4.00
	Experimental	77	2.4903	1.02953	.11733	2.2566	2.7239	1.00	4.75
	Total	111	2.3536	1.00988	.09585	2.1636	2.5436	1.00	4.75

ANOVA de un factor

		Suma de cuadrados	gl	Media cuadrática	F	Sig.
ROPRD	Inter-grupos	21.857	1	21.857	24.341	.000
	Intra-grupos	97.877	109	.898		
	Total	119.734	110			
ROPRI	Inter-grupos	4.695	1	4.695	4.761	.031
	Intra-grupos	107.489	109	.986		
	Total	112.184	110			

ANEXO 3

EXPERIMENTO #1 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 2

PRUEBA T

Estadísticos de grupo

	Grupo	N	Media	Desviación típ.	Error típ. de la media
ROPSPD	Control	34	1.6471	.66889	.11471
	Experimental	77	4.0487	.94594	.10780
ROPSPi	Control	34	1.6029	.70474	.12086
	Experimental	77	3.8279	1.05152	.11983

Prueba de muestras independientes

		Prueba de Levene para la igualdad de varianzas		Prueba T para la igualdad de medias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferencia de medias	Error típ. de la diferencia	95% Intervalo de confianza para la diferencia	
									Inferior	Superior
ROPSPD	Se han asumido varianzas iguales	1.942	.166	-13.385	109	.000	-2.40164	.17943	-2.75727	-2.04601
	No se han asumido varianzas iguales			-15.257	87.418	.000	-2.40164	.15742	-2.71450	-2.08878
ROPSPi	Se han asumido varianzas iguales	4.067	.046	-11.258	109	.000	-2.22498	.19764	-2.61670	-1.83326
	No se han asumido varianzas iguales			-13.073	91.413	.000	-2.22498	.17020	-2.56304	-1.88692

ANEXO 4

EXPERIMENTO 1 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 2

ANOVA DE UN FACTOR

Descriptivos

		N	Media	Desviación típica	Error típico	Intervalo de confianza para la media al 95%		Mínimo	Máximo
						Límite inferior	Límite superior		
ROPSPD	Control	34	1.6471	.66889	.11471	1.4137	1.8804	1.00	3.50
	Experimental	77	4.0487	.94594	.10780	3.8340	4.2634	1.00	5.00
	Total	111	3.3131	1.41038	.13387	3.0478	3.5784	1.00	5.00
ROPSPi	Control	34	1.6029	.70474	.12086	1.3570	1.8488	1.00	3.50
	Experimental	77	3.8279	1.05152	.11983	3.5893	4.0666	1.00	5.00
	Total	111	3.1464	1.40513	.13337	2.8821	3.4107	1.00	5.00

ANOVA de un factor

	Suma de cuadrados	gl	Media cuadrática	F	Sig.
Inter-grupos	136.039	1	136.039	179.151	.000
ROPSPD Intra-grupos	82.770	109	.759		
Total	218.809	110			
Inter-grupos	116.761	1	116.761	126.735	.000
ROPSPi Intra-grupos	100.422	109	.921		
Total	217.184	110			

ANEXO 5

EXPERIMENTO 2 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 3

PRUEBA T

Estadísticos de grupo

	Grupo	N	Media	Desviación t.p.	Error t.p. de la media
RODRD	Control	34	1.6618	.71743	.12304
	Experimental	77	3.3766	1.01601	.11579
RODRI	Control	34	2.5735	1.01229	.17361
	Experimental	77	3.6039	.89805	.10234

+

Prueba de muestras independientes

		Prueba de Levene para la igualdad de varianzas		Prueba T para la igualdad de medias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferencia de medias	Error t.p. de la diferencia	95% Intervalo de confianza para la diferencia	
									Inferior	Superior
RODRD	Se han asumido varianzas iguales	5.265	.024	-8.900	109	.000	-1.71486	.19267	-2.09673	-1.33298
	No se han asumido varianzas iguales			-10.150	87.524	.000	-1.71486	.16895	-2.05064	-1.37908
RODRI	Se han asumido varianzas iguales	1.006	.318	-5.357	109	.000	-1.03037	.19234	-1.41158	-.64915
	No se han asumido varianzas iguales			-5.113	56.936	.000	-1.03037	.20153	-1.43393	-.62681

ANEXO 6

EXPERIMENTO 2 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 3

ANOVA DE UN FACTOR

Descriptivos

		N	Media	Desviación típica	Error típico	Intervalo de confianza para la media al 95%		Mínimo	Máximo
						Límite inferior	Límite superior		
RODRD	Control	34	1.6618	.71743	.12304	1.4114	1.9121	1.00	4.00
	Experimental	77	3.3766	1.01601	.11579	3.1460	3.6072	1.00	5.00
	Total	111	2.8514	1.22399	.11618	2.6211	3.0816	1.00	5.00
RODRI	Control	34	2.5735	1.01229	.17361	2.2203	2.9267	1.00	4.75
	Experimental	77	3.6039	.89805	.10234	3.4001	3.8077	1.00	5.00
	Total	111	3.2883	1.04512	.09920	3.0917	3.4849	1.00	5.00

ANOVA de un factor

		Suma de cuadrados	gl	Media cuadrática	F	Sig.
RODRD	Inter-grupos	69.359	1	69.359	79.215	.000
	Intra-grupos	95.438	109	.876		
	Total	164.797	110			
RODRI	Inter-grupos	25.040	1	25.040	28.697	.000
	Intra-grupos	95.110	109	.873		
	Total	120.150	110			

ANEXO 7

EXPERIMENTO 2 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 4

PRUEBA T

Estadísticos de grupo

	Grupo	N	Media	Desviación t _p .	Error t _p . de la media
RODDD	Control	34	2.9485	1.11596	.19139
	Experimental	77	3.8117	.83721	.09541
RODDI	Control	34	3.2721	1.12877	.19358
	Experimental	77	3.8766	.87040	.09919

Prueba de muestras independientes

		Prueba de Levene para la igualdad de varianzas		Prueba T para la igualdad de medias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferencia de medias	Error t _p . de la diferencia	95% Intervalo de confianza para la diferencia	
									Inferior	Superior
RODDD	Se han asumido varianzas iguales	6.764	.011	-4.505	109	.000	-.86316	.19159	-1.24288	-.48343
	No se han asumido varianzas iguales			-4.036	50.097	.000	-.86316	.21385	-1.29267	-.43365
RODDI	Se han asumido varianzas iguales	4.570	.035	-3.071	109	.003	-.60456	.19685	-.99472	-.21441
	No se han asumido varianzas iguales			-2.779	51.075	.008	-.60456	.21752	-1.04123	-.16790

ANEXO 8

EXPERIEMNT0 2 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 4

ANOVA DE UN FACTOR

Descriptivos

	N	Media	Desviación típica	Error típico	Intervalo de confianza para la media al 95%		Mínimo	Máximo
					Límite inferior	Límite superior		
Control	34	1.6618	.71743	.12304	1.4114	1.9121	1.00	4.00
RODRD Experimental	77	3.3766	1.01601	.11579	3.1460	3.6072	1.00	5.00
Total	111	2.8514	1.22399	.11618	2.6211	3.0816	1.00	5.00
Control	34	2.5735	1.01229	.17361	2.2203	2.9267	1.00	4.75
RODRI Experimental	77	3.6039	.89805	.10234	3.4001	3.8077	1.00	5.00
Total	111	3.2883	1.04512	.09920	3.0917	3.4849	1.00	5.00

ANOVA de un factor

	Suma de cuadrados	gl	Media cuadrática	F	Sig.
Inter-grupos	69.359	1	69.359	79.215	.000
RODRD Intra-grupos	95.438	109	.876		
Total	164.797	110			
Inter-grupos	25.040	1	25.040	28.697	.000
RODRI Intra-grupos	95.110	109	.873		
Total	120.150	110			

ANEXO 9

EXPERIMENTO 3 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 1

PRUEBA T

Estadísticos de grupo					
	GRUPOS	N	Media	Desviación t _{p.}	Error t _{p.} de la media
Oraciones relativas de objeto de preposición con antecedente [+d]	control	47	1.0160	.10940	.01596
	experimental	50	1.4150	.27484	.03887
Oraciones relativas de objeto de preposición con reasuntivo y antecedente [+d]	control	47	1.6383	.33706	.04917
	experimental	50	1.5850	.31384	.04438

Prueba de muestras independientes										
		Prueba de Levene para la igualdad de varianzas		Prueba T para la igualdad de medias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferencia de medias	Error t _{p.} de la diferencia	95% Intervalo de confianza para la diferencia	
									Inferior	Superior
Oraciones relativas de objeto de preposición con antecedente [+d]	Se han asumido varianzas iguales	51.844	.000	-9.284	95	.000	-.39904	.04298	-.48437	-.31371
	No se han asumido varianzas iguales			-9.497	64.945	.000	-.39904	.04202	-.48296	-.31513
Oraciones relativas de objeto de preposición con reasuntivo y antecedente [+d]	Se han asumido varianzas iguales	2.553	.113	.806	95	.422	.05330	.06609	-.07790	.18450
	No se han asumido varianzas iguales			.805	93.334	.423	.05330	.06624	-.07823	.18482

ANEXO 10

EXPERIMENTO 3 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 1

ANOVA DE UN FACTOR

Descriptivos

		N	Media	Desviación típica	Error típico	Intervalo de confianza para la media al 95%		Mínimo	Máximo
						Límite inferior	Límite superior		
Oraciones relativas de	control	47	1.0160	.10940	.01596	.9838	1.0481	1.00	1.75
objeto de preposición con	experimental	50	1.4150	.27484	.03887	1.3369	1.4931	1.00	2.00
antecedente [+d]	Total	97	1.2216	.29064	.02951	1.1631	1.2802	1.00	2.00
Oraciones relativas de	control	47	1.6383	.33706	.04917	1.5393	1.7373	1.00	2.00
objeto de preposición con	experimental	50	1.5850	.31384	.04438	1.4958	1.6742	1.00	2.25
reasuntivo y antecedente [+d]	Total	97	1.6108	.32470	.03297	1.5454	1.6763	1.00	2.25

ANOVA de un factor

		Suma de cuadrados	gl	Media cuadrática	F	Sig.
Oraciones relativas de	Inter-grupos	3.858	1	3.858	86.196	.000
objeto de preposición con	Intra-grupos	4.252	95	.045		
antecedente [+d]	Total	8.110	96			
Oraciones relativas de	Inter-grupos	.069	1	.069	.650	.422
objeto de preposición con	Intra-grupos	10.052	95	.106		
reasuntivo y antecedente [+d]	Total	10.121	96			

ANEXO 11

EXPERIMENTO 3 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 2

PRUEBA T

Estadísticos de grupo

	GRUPOS	N	Media	Desviación t _{p.}	Error t _{p.} de la media
Oraciones relativas de objeto de preposición sin la <u>prep</u> esperada y antecedente [+d]	control	47	1.5957	.38148	.05564
	experimental	50	1.1900	.28374	.04013

Prueba de muestras independientes

		Prueba de <u>Levene</u> para la igualdad de varianzas		Prueba T para la igualdad de medias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferencia de medias	Error t _{p.} de la diferencia	95% Intervalo de confianza para la diferencia	
									Inferior	Superior
Oraciones relativas de objeto de preposición sin la <u>prep</u> esperada y antecedente [+d]	Se han asumido varianzas iguales	8.590	.004	5.968	95	.000	.40574	.06799	.27077	.54072
	No se han asumido varianzas iguales			5.914	84.764	.000	.40574	.06860	.26934	.54215

ANEXO 12

EXPERIMENTO 3 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 2

ANOVA DE UN FACTOR

Descriptivos

Oraciones relativas de objeto de preposición sin la prep esperada y antecedente [+d]

	N	Media	Desviación típica	Error típico	Intervalo de confianza para la media al 95%		Mínimo	Máximo
					Límite inferior	Límite superior		
control	47	1.5957	.38148	.05564	1.4837	1.7078	1.00	2.00
experimental	50	1.1900	.28374	.04013	1.1094	1.2706	1.00	2.00
Total	97	1.3866	.39035	.03963	1.3079	1.4653	1.00	2.00

ANOVA de un factor

Oraciones relativas de objeto de preposición sin la prep esperada y antecedente [+d]

	Suma de cuadrados	gl	Media cuadrática	F	Sig.
Inter-grupos	3.988	1	3.988	35.614	.000
<u>Intra-grupos</u>	10.639	95	.112		
Total	14.628	96			

ANEXO 13

EXPERIMENTO 4 – PREGUNTA DE INVESTIGACIÓN 5 DESCRIPTIVOS

Estadísticos descriptivos

	N	Mínimo	Máximo	Media	<u>Desv. típ.</u>
Media: relativa de objeto de preposición (1) y relativa sin la preposición esperada/cortadora (3)	55	1.00	3.00	2.3000	.61124
Media: relativa de objeto de preposición (1) y relativa con reasuntivo (2)	55	1.00	2.00	1.3250	.32949
Media: relativa con reasuntivo (2) y relativa sin la preposición esperada/cortadora (3)	55	2.00	3.00	2.7864	.30015
N válido (según lista)	55				